

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos

Maria Alice Mota

**A VARIAÇÃO DOS PRONOMES ‘TU’ E ‘VOCÊ’ NO
PORTUGUÊS ORAL DE SÃO JOÃO DA PONTE (MG)**

Belo Horizonte

2008

Maria Alice Mota

**A VARIAÇÃO DOS PRONOMES ‘TU’ E ‘VOCÊ’ NO
PORTUGUÊS ORAL DE SÃO JOÃO DA PONTE (MG)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de
Letras da Universidade Federal de Minas Gerais,
como requisito parcial para obtenção do título de
Mestre em Lingüística.

Área de Concentração: Lingüística

Linha de Pesquisa : Estudo da Variação e Mudança
Lingüística

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Jânia Martins Ramos

Belo Horizonte

2008

Para José Augusto

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela saúde, disposição e iluminação para o trabalho.

Ao meu querido companheiro José Augusto pelo incentivo, apoio e compreensão.

À querida professora Doutora Jânia Martins Ramos por sua atenção e por sua disposição para atender-me; por sua boa vontade em partilhar o seu vasto saber; por sua orientação tranqüila, precisa e eficiente.

Ao querido professor Doutor Lorenzo Vitral pela atenção, presteza e eficiente orientação na fase inicial da pesquisa.

À Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes pelas horas concedidas para o desenvolvimento da pesquisa.

À Fapemig pelo auxílio através da concessão de bolsa de estudos.

À Karen pela preciosa ajuda na fase de coleta dos dados.

Às alunas da Unimontes Carmen e Fabiana pela ajuda nas transcrições dos dados.

À Cláudia Ferreira de Souza vice-diretora da Escola Estadual Simão da Costa Campos – Lontra.

Ao meu sobrinho Pedro Luiz pelas informações sobre estatística.

A Rogério Guedes pelo auxílio e pelos esclarecimentos sobre informática.

RESUMO

Este trabalho trata da variação pronomial ‘tu’ e ‘você’ no português oral do Norte de Minas, especificamente na cidade de São João da Ponte, tomando como base a Teoria da Variação (Labov 1972, 1994, 2001). O objetivo geral da pesquisa foi identificar se há tendência de mudança na comunidade pesquisada e qual a razão sócio-histórica de manutenção desse tratamento. A amostra é composta de entrevistas sociolinguísticas e testes de produção linguística. Foram feitas 24 entrevistas com informantes do Ensino Fundamental, de ambos os sexos, agrupados em quatro faixas etárias (7-14; 15-25; 26-49 e; 50 acima). Os resultados revelaram favorecimento de uso da forma de tratamento por ‘tu’ no grau de intimidade. O perfil da variação é de variação estável, e sua presença parece poder ser atribuída ao isolamento sofrido pela região no processo de urbanização e desenvolvimento econômico.

Palavras-chave: variação; tratamento; pronome.

ABSTRACT

This work deals with the pronominal variation between 'tu' and 'você' in the oral Portuguese of the Northern of Minas, specifically in the city of São João Da Ponte, taking as base the Theory of the Variation (Labov 1972,1994,2001). The hypothesis that guided the research was on the variation of the forms of address for 'tu' and 'você' will depend on the alternation between the styles (formal or informal) and on the type of the relationship between the interlocutors (more privacy/less privacy). The general objective of the research was to identify the motivations of the variation in the searched community, considering as the internal factors to the linguistic structure as the external factors. And also what the social-historical reason of maintenance of this treatment is, in one same dialectal area of the State of Minas Gerais where there is a predominance of the use of 'você'. The sample is composed of 24 interviews made with informers of Basic Education, divided in both sexes, that had been selected among four age bands (7-14; 15-25; 26-49 and above 50). It is also composed of tests. The results revealed the high percentage of use of the form of address for 'tu' in the close degree: in the sample of research (81%) and, in the applied tests, (98%), thus confirming, the initial hypothesis.

Key words: variation; address forms; pronoun.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 –	Mesoregiões de Minas Gerais.....	38
FIGURA 2 –	Brasília de Minas e São João da Ponte na região Norte de Minas...	39
GRÁFICO 1 –	Uso da forma ‘tu’ conforme a faixa etária.....	70
GRÁFICO 2 –	Uso da forma ‘tu’ conforme a faixa etária.....	81
QUADRO 1 –	Estratificação da amostra.....	39
QUADRO 2 –	Codificação das variantes.....	46
QUADRO 3 –	Lista das palavras, distribuídas conforme o grau de formalidade do tema.....	57
QUADRO 4 –	A variável dependente.....	59

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 –	Distribuição das ocorrências das formas pronominais ‘tu’ e ‘você’ na amostra.....	60
TABELA 2 –	Distribuição da forma ‘tu’ na amostra.....	61
TABELA 3 –	Distribuição da forma ‘você’ na amostra.....	63
TABELA 4 –	Distribuição da forma forma ‘tu’ conforme função sintática na sentença.....	64
TABELA 5 –	Distribuição da forma ‘tu’ conforme o grau de intimidade.....	66
TABELA 6 –	Distribuição da forma ‘tu’ conforme o tipo de díade presente na amostra.....	67
TABELA 7 –	Distribuição da forma ‘tu’ conforme o estatuto do locutor na interação..	68
TABELA 8 –	Distribuição da forma ‘tu’ conforme a faixa etária.....	69
TABELA 9 –	Distribuição de uso da forma ‘tu’, por falante, na amostra.....	72
TABELA 10–	Distribuição das ocorrências de ‘tu’ e de ‘você’ nos testes.....	75
TABELA 11–	Distribuição de uso da forma ‘tu’ nos testes.....	76
TABELA 12–	Distribuição de uso da forma ‘você’ nos testes.....	76
TABELA 13 –	Distribuição da forma ‘tu’ conforme função sintática na sentença.....	77
TABELA 14 –	Distribuição da forma ‘tu’ conforme o tipo de discurso.....	78
TABELA 15 –	Distribuição da forma ‘tu’ conforme a área geográfica de atuação profissional do falante.....	79
TABELA 16 –	Distribuição da forma ‘tu’ conforme o estatuto do locutor na interação.....	80
TABELA 17 –	Distribuição da forma ‘tu’ conforme a faixa etária.....	81

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

E	– Entrevistas
IBGE	– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
T	– Testes
Unimontes	– Universidade Estadual de Montes Claros

INTRODUÇÃO	13
1 O USO DA SEGUNDA PESSOA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	17
1.1 O uso da segunda pessoa conforme a Gramática Tradicional	17
1.2 Estudos gramaticais.....	23
1.3 Considerações finais.....	25
2 REFERENCIAL TEÓRICO	26
2.1 A concepção da língua na Teoria da Variação.....	26
2.2 A dimensão histórica na Teoria da Variação.....	27
2.2.1 A regularidade e a sistematicidade na variação.....	28
2.2.2 Os problemas que norteiam o estudo da variação.....	29
2.2.2.1 O problema das restrições.....	29
2.2.2.2 O problema de transição.....	29
2.2.2.3 O problema do encaixamento.....	30
2.2.2.4 O problema da avaliação.....	30
2.2.2.5 O problema da implementação.....	31
2.3 A variação de estilo.....	32
2.4 Considerações finais.....	35
3 METODOLOGIA	36
3.1 A composição da amostra.....	36
3.1.1 A dimensão e a estratificação da amostra.....	36
3.1.2 Breve panorama histórico- geográfico do local da coleta de dados.....	38
3.1.2.1 Formação do Norte de Minas.....	38
3.1.3 História de São João da Ponte.....	40
3.1.3.1 Origem da povoação de Contendas.....	40

3.1.3.2	São João da Ponte.....	43
3.1.4	A coleta dos dados.....	44
3.2	O suporte quantitativo.....	44
3.3	A codificação dos dados.....	45
3.4	As variáveis.....	47
3.4.1	A variável dependente.....	47
3.4.2	As variáveis independentes.....	48
3.4.2.1	Os fatores lingüísticos.....	48
3.4.2.1.1	Fator 1: A função sintática da variante: sujeito ou não sujeito.....	49
3.4.2.1.2	Fator 2: O tempo do verbo: passado ou não passado.....	49
3.4.2.1.3	Fator 3: O tipo de frase: declarativa ou não declarativa.....	50
3.4.2.2	Os fatores sociais.....	50
3.4.2.2.1	Fator 1: O grau de intimidade entre os falantes: íntimo ou não íntimo.....	50
3.4.2.2.2	Fator 2: A área geográfica de atuação profissional: urbana ou rural.....	51
3.4.2.2.3	Fator 3: O gênero/sexo do falante.....	52
3.4.2.2.4	Fator 4: O tipo de discurso: atual ou relatado.....	52
3.4.2.2.5	Fator 5: O estatuto do locutor na interação.....	53
3.4.2.2.6	Fator 6: A faixa etária.....	54
3.5	Os testes de produção.....	55
3.6	Considerações finais.....	58
4	ANÁLISE	59
4.1	Introdução.....	59
4.2	A variável dependente.....	60
4.2.1	Detalhamento da variante ‘tu’.....	61
4.2.2	Detalhamento da variante ‘você’.....	62
4.3	As variáveis independentes.....	64
4.3.1	As variáveis lingüísticas.....	64
4.3.1.1	A função sintática da variante.....	64
4.3.2	As variáveis sociais.....	65
4.3.2.1	O grau de intimidade entre os falantes.....	65
4.3.2.2	O estatuto do locutor na interação.....	68
4.3.2.3	A faixa etária.....	69

4.4	Análise dos testes de produção	74
4.4.1	Introdução.....	74
4.4.2	A análise quantitativa.....	74
4.4.3	A variável dependente.....	74
4.4.4	Detalhamento da variante ‘tu’ nos testes.....	75
4.5	As variáveis independentes.....	77
4.5.1	As variáveis lingüísticas.....	77
4.5.1.1	A função sintática da variante.....	77
4.5.2	Variáveis sociais.....	78
4.5.2.1	O tipo de discurso: atual ou relatado.....	78
4.5.2.2	A área geográfica de atuação profissional: rural ou urbana.....	79
4.5.2.3	O estatuto do locutor na interação.....	80
4.5.2.4	A faixa etária.....	80
4.6	Conclusões.....	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....		83
REFERÊNCIAS.....		85
APÊNDICE A TRANSCRIÇÕES – TESTES.....		92
APÊNDICE B DEPOIMENTOS TRANSCRITOS DOS TESTES DE ATITUDE.....		119
APÊNDICE C TRANSCRIÇÕES – AMOSTRA [CD-ROM]		
ANEXO A	TERMO DE CONSENTIMENTO.....	121
ANEXO B	NORMAS DE TRANSCRIÇÃO DO TEXTO FALADO.....	122
ANEXO C	OS CURRAIS DE GADO DO SÃO FRANCISCO E SEUS AFLUENTES.....	124
ANEXO D	A EXPEDIÇÃO DE ESPINOSA E NAVARRO.....	125

INTRODUÇÃO

Segundo Cunha e Cintra (1985), na área vastíssima e descontínua em que é falado, o português apresenta-se, como qualquer língua viva, internamente diferenciado em variedades que divergem de maneira mais ou menos acentuada quanto à pronúncia, à gramática e ao vocabulário. Acrescenta que, embora seja inegável a existência de tal diferenciação, não é ela suficiente para impedir a superior unidade do nosso idioma.

Em relação ao português do Brasil, o professor Silva Neto (1986) ressalta que é preciso que se tenha em conta que a unidade não quer dizer igualdade e que, no tecido lingüístico brasileiro há *gradações de cores* e que um estudo minucioso determinaria, com segurança, várias áreas. Afirma ainda que o conjunto dos falares brasileiros se coaduna com o princípio da *unidade na diversidade e da diversidade na unidade*.

Tal diversidade está relacionada ao caráter variável da língua e conduz, a cada dia, à investigação de novos aspectos lingüísticos passíveis de descrição e análise.

No extenso território brasileiro da língua portuguesa, têm sido feitos importantes estudos sobre as diferenças de natureza fonética, morfossintática e lexical que separam as variedades regionais nele existentes. Ressalta-se a publicação de um atlas lingüístico: o do Estado de Minas Gerais.

O estudo feito chega à conclusão de que Minas Gerais apresenta diferentes falares em três regiões (ZÁGARI, 1998). Duas sofrem influência direta das características fonéticas dos nativos de estados vizinhos, ao sul, por São Paulo, e ao norte, pela Bahia. A outra região sofre influências mais diretas da colonização diversificada que viveu o sertão mineiro, mais notadamente durante o ciclo do ouro e diamante. Já Belo Horizonte, devido à sua pouca idade e ao fato de ter sido povoada por mineiros e brasileiros de todas as partes, possui características próprias, levemente diferentes da mineiridade tradicional.

A primeira das três regiões definidas e mapeadas foi a região Norte de Minas, que, segundo esse estudo, revela um "falar abaianado", caracterizado tanto fonética quanto lexicalmente (ZÁGARI, 1998). E é essa a região que será nosso objeto de estudo aqui.

Trata-se de uma área extensa, composta de 89 municípios, o que corresponde a 34% do Estado de Minas Gerais.

O IBGE (2007, p. 16), com base em características do quadro natural, da organização da produção e de sua integração, divide a região Norte de Minas em sete microrregiões: Montes claros (com 22 municípios); Bocaiúva (com 05 municípios); Janaúba (com 13 municípios); Januária (com 16 municípios); Pirapora (com 10 municípios); Salinas (com 17 municípios) e Grão Mogol (com 06 municípios).

Como se pode ver, estão reunidos nas sete microrregiões um total de 89 municípios, numa área territorial de 128.454,108 Km², o que corresponde a 34% do Estado de Minas Gerais.

Muitos fenômenos variáveis, quer sejam fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos permeiam a oralidade dessas microrregiões e merecem ser estudados.

Já temos um trabalho sobre a microrregião Januária, especificamente sobre o município de São Francisco cujo título é: *Uma abordagem variacionista do uso da forma você no Norte de Minas* (COELHO, 1999).

Para o presente estudo, selecionamos o município de São João da Ponte, situado na microrregião de Montes Claros. A razão dessa escolha foi o fato de termos verificado na fala local o tratamento por 'tu'. Vejam-se os fragmentos abaixo:

a) I2: ***Tu*** gostava dela!

I1: *Eu não, quem é que tava namoranu qüela.*

I2: *Namora qüela.*

I1: ***Tu*** .

I2: ***Tu*** !

E: *Era colega sua de sala?*

I2: *Nã::o*

I1: *É não.*

E: *Então conta aqui uma coisa, na escola, cês já foram expulsos da escola. Já teve que seu pai ou sua mãe ir lá?*

I2: *Não.*

E: *Nada disso não?*

I1: *Eu não.*

E1: *E quando cê brigô? Cê tambein não?*

I2: *E prá que cê tá preguntano esse tanto de coisa?*

(diálogo entre a entrevistadora e dois adolescentes)

b) *Sapo tu vai imbora, sinão eu te joga daqui de riba. Ele: não num faiz isso não, São Pedro. Aí São Pedro: sapo, tu vai imbora sapo { } quando o sapo pegô e não quiria saí, São Pedro falô assim: ó eu vô dá um jeito pr'ocê. Pregô umas asa nele e aí + pa ele imbora né, e falô: ó sapo, ó sapo tu vai imbora mais cê num bobéia não porque si o soli isquenta { }. Aí ele chego lá no buteco, e agora as rulinha e o uburu aí es passiava, passiava, quandu ele tá passano o soli foi isquentano, isquentano e ele isqueceu qui as asa dele era de cera, aí ele tava nessas altura aí, ele já tinha arrumado namorada + , quando ele descubriu as asa sortô e ele desceu rodano aí... aí... aí lascô no chão purisso que ele tem a barriga esparrachada desse jeito (risos).*

(trecho de uma narrativa recontada por um adulto)

A ocorrência do fenômeno levou-nos a um questionamento inicial: quais são as motivações para a variação dos pronomes *tu/você* nessa comunidade, uma vez que tal fenômeno não é comum no Norte de Minas?

Para a investigação, traçamos como objetivo principal: identificar quais as motivações da variação dos pronomes *tu/você* na comunidade pesquisada, considerando tanto os fatores internos à estrutura lingüística quanto os fatores externos.

No primeiro capítulo, apresentaremos algumas abordagens sobre o uso da segunda pessoa conforme a Gramática Tradicional. A seguir, descrevemos alguns importantes trabalhos sobre

a referência de segunda pessoa no português brasileiro e fazemos uma descrição de alguns estudos sociolinguísticos. E, por último, elencamos alguns estudos gramaticais.

No segundo capítulo, explicitamos o referencial teórico que serve de base para a pesquisa.

No terceiro capítulo, delineamos a metodologia adotada desde a escolha do fenômeno a ser estudado, passando pelo programa computacional que ofereceu o recurso necessário para a análise, chegando aos testes de produção. Explicitamos a composição da amostra; descrevemos o suporte quantitativo; apresentamos os fatores que foram selecionados para análise; e explicamos os motivos pelos quais foi feita essa seleção.

No quarto capítulo, discutimos os resultados, especificando os fatores sociais e linguísticos selecionados como favorecedores na escolha das formas de tratamento por 'tu' e por 'você'. Discutimos também os resultados dos testes de produção relacionando-os aos resultados apresentados na análise do *corpus* da pesquisa.

Por fim, tecemos as considerações finais em que fazemos uma comparação entre os resultados dos trabalhos citados no capítulo 1 e os resultados mostrados pelo nosso trabalho. Fazemos também uma avaliação sobre a contribuição do nosso estudo para uma descrição mais acurada do fenômeno da variação das formas pronominais 'tu' e 'você' no português brasileiro.

1 O USO DA SEGUNDA PESSOA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Neste capítulo trataremos do pronome ‘tu’. Nosso propósito é delinear um quadro sobre o qual projetaremos os resultados de nossa pesquisa sobre o uso desse pronome na região Norte de Minas. Inicialmente, na primeira seção, apresentaremos o uso da segunda pessoa conforme a Gramática Tradicional. Em seguida, na segunda seção, faremos uma descrição de alguns estudos sociolinguísticos. Na terceira seção, elencaremos alguns estudos gramaticais e, por último, na quarta seção, apresentaremos as considerações finais deste capítulo.

1.1 O uso da segunda pessoa conforme a Gramática Tradicional

Ao consultar algumas gramáticas tradicionais, constata-se que as mesmas apresentam um conjunto muito limitado de informações sobre as formas pronominais de segunda pessoa, visto que se restringem a apresentar uma lista de pronomes, de maneira breve, acompanhada de quase nenhuma explicação a respeito das diferenças de uso. Para que se perceba tal limitação, citaremos alguns exemplos.

Cegalla (1994, p. 172) afirma que entre os pronomes pessoais incluem-se os chamados pronomes de tratamento, que se usam no tratamento cortês e cerimonioso das pessoas: *você*, no tratamento familiar e íntimo, o *senhor(a)*, no tratamento de respeito, a *senhorita*, a moças solteiras. Esses pronomes referem-se ao interlocutor, mas usados com as formas morfológicas de 3ª pessoa.

Bechara (2004, p. 165) por sua vez, aponta formas de tratamento indireto do interlocutor, que são chamadas pronomes de tratamento, sendo *você*, *vocês* (no tratamento familiar), *o senhor*, *a senhora* (no tratamento cerimonioso).

De modo geral, as gramáticas normativas brasileiras registram o ‘tu’ como pronome pessoal do caso reto de segunda pessoa do singular e o pronome ‘você’ como forma de tratamento.

Para Bechara (2004, p. 165) ‘você’ é uma forma substantiva de tratamento indireto de 2ª pessoa. Cunha e Cintra (1985, p. 282) colocam-no dentro da classe dos pronomes de tratamento, definindo-o como palavras e locuções que equivalem a verdadeiros pronomes pessoais, porque, apesar de designarem a pessoa a quem se fala (ou seja, 2ª pessoa) esses pronomes deverão ser usados com o verbo na 3ª pessoa.

No que diz respeito especificamente ao pronome ‘tu’, Cunha e Cintra (2001, p. 292) concordam que, no português do Brasil, o uso de ‘tu’ restringe-se ao extremo Sul do País e a alguns pontos da região Norte, ainda não suficientemente demarcados. Em quase todo o território brasileiro, foi ele substituído por ‘você’ como forma de intimidade. ‘Você’ também se emprega, fora do campo da intimidade, como tratamento de igual para igual ou de superior para inferior.

As afirmativas de Cunha e Cintra mostram-se bastante simplificadoras, uma vez que o estado de Minas Gerais situa-se na região Sudeste do Brasil e ainda assim é possível documentar o uso de ‘tu’, conforme veremos nos capítulos a seguir, nesta dissertação. Já é também documento o uso de ‘tu’, ainda que marcado, no Rio de Janeiro, com o trabalho de Silva (2003) e Brasília, com o trabalho de Lucca (2005).

Segundo Cuesta e Luz (1980), no Brasil, os tratamentos estão mais simplificados que em Portugal, podendo-se dizer que se reduzem, como em espanhol, a dois: um de intimidade *você*, cujo uso é quase equivalente ao "tu" espanhol – e outro de cortesia – *o senhor, a senhora* - que equivale a "usted". As autoras afirmam que o ‘tu’ conserva-se apenas na sua forma de sujeito no Rio Grande do Sul e no Maranhão, embora as formas *te, ti, contigo* apareçam, na fala familiar de todo o país juntamente com ‘você’. Ainda, segundo elas, o tratamento de intimidade ‘você’ está muito difundido, sendo normal entre pessoas de mesma idade e nível social que acabam de se conhecer, ainda que pertençam a sexos diferentes.

Como se pode ver, aqui também a descrição das autoras é bastante simplificadora, embora um pouco mais ampla que as citadas acima.

O estudo das formas de tratamento continua a despertar interesse dos lingüistas atuais. Em primeiro lugar, porque os diferentes empregos dos pronomes estão correlacionados a outros fenômenos lingüísticos tais como: o processo de gramaticalização, concordância verbal,

mudança na morfologia verbal, apagamento dos pronomes objeto, redobro dos clíticos, dentre outros. Em segundo lugar, o uso de tais formas, correlacionado com as variações da língua, tem a possibilidade de revelar importantes características culturais de uma comunidade de fala, e as mudanças lingüísticas pelas quais passa o sistema pronominal estão ligadas às modificações nas relações e nos valores culturais de uma comunidade. Portanto, o estudo das formas pronominais, feito à luz de condicionamentos internos e externos, tem a possibilidade de mostrar que mudanças nas relações sociais poderão ser determinantes para modificações na língua.

Dentre os trabalhos que tomaram como objeto as formas pronominais, destacam-se aqui alguns daqueles que explicam as modificações por acomodação interna do sistema, e também alguns que consideram motivações sociais para explicarem tais mudanças. Neles, os autores imprimem a seu objeto de análise uma orientação claramente diacrônica.

Especificamente em relação à variação *tu/você* em Santa Catarina, Gilvan Oliveira (2000, p. 413-418) analisa o uso diferenciado dos tratamentos *tu* e *você*, atribuindo essa diferenciação a dois focos de expansão territorial. De um lado o foco açoriano, de outro lado, o foco paulista. Segundo o autor, a variante ‘você’ ocupa área de expansão paulista, enquanto a variante ‘tu’ se espalha pela área de colonização açoriana. A presença do ‘tu’ é atribuída a fatores sócio-históricos e esse pronome continua a conviver com ‘você’, delimitando duas áreas geopolíticas em Santa Catarina.

Brito (2001), por sua vez, analisa a uniformidade de tratamento na história do português brasileiro, tratando especificamente do uso dos pronomes de segunda pessoa em função de objeto direto no português brasileiro. O estudo volta-se para o uso não-uniforme do pronome de 2ª pessoa em função de objeto especialmente quando o pronome átono *te* está associado à forma de tratamento *você*. Para pesquisar a mudança na uniformidade de tratamento na história do Português Brasileiro, a autora lida com peças de teatro e cartas pessoais escritas nos séculos XIX e XX. O trabalho parte da pergunta: por que o falante do português brasileiro, ao empregar o pronome de tratamento *você*, utiliza o pronome átono *te* na função de objeto? Portanto, o objetivo da pesquisa é verificar a mudança na uniformidade de tratamento numa perspectiva lingüística que busca destacar os aspectos morfossintáticos que levaram e levam o falante do português brasileiro a fazer uso não- uniforme dos pronomes de 2ª pessoa em função de objeto.

Os resultados mostram que, em todos os períodos, há o uso da forma ‘tu’, mas é no segundo período que o seu uso é mais freqüente. No último período, o uso dessa forma diminui consideravelmente. No primeiro período, a forma de tratamento predominante é VOSSA + N, mesmo com emissor parente ou amigo. Essa forma de tratamento diminui bastante no segundo período e desaparece nos seguintes. Em relação à forma ‘você’, observou-se sua ausência no primeiro período e, nos períodos seguintes, um aumento de freqüência, chegando a ocupar o primeiro lugar em relação às outras formas de tratamento, no último período.

Constatou-se que, enquanto a maioria das formas de tratamento favorece o uso uniforme dos pronomes de 2ª pessoa em função de objeto, a forma de tratamento ‘você’, desde que foi introduzida, apresentou o maior número de ocorrências com uso não-uniforme do pronome em função de objeto.

Esse trabalho é significativo para os estudos dos pronomes de 2ª pessoa, porque, além de mostrar o comportamento desses pronomes nos séculos XIX e XX, comprova a persistência da forma acusativa do pronome ‘tu’ no português brasileiro atual.

A nossa pesquisa poderá significar, de certa forma, uma complementação da investigação feita por Brito (2001), uma vez que terá a possibilidade de mostrar uma outra dimensão histórica da análise do uso dos pronomes de tratamento *tu* e *você*, ou seja, uma análise em tempo aparente.

Destacamos também o trabalho de Salles (2001) que, em seu estudo, busca investigar os pronomes de tratamento do interlocutor em documentos informais, produzidos por usuários do português brasileiro, cuja referência geográfica tenha sido São Paulo, no século XIX. Os objetivos centrais da pesquisa são: a descrição da evolução de cada forma de tratamento; e a explicitação dos diferentes momentos desse percurso, em que a forma analisada entrou em variação/mudança com outras formas, e saiu vencedora. Portanto, por um lado, analisa-se a história social da língua (implementação e transição) e, por outro, processos de gramaticalização e mudança sociolingüística, explicitando-se os diferentes momentos do percurso diacrônico.

Os resultados mostraram que, no século XIX, os tratamentos em 2ª pessoa e em 3ª pessoa coexistiam lado a lado, sem que se pudesse entrever, nessa competição, que uma dessas formas sairia vencedora.

O autor avalia algumas repercussões gramaticais correlacionadas com a introdução das novas formas de tratamento do interlocutor no português brasileiro do século XIX. Uma dessas repercussões teria sido a reformulação do sistema de tratamento da 2ª pessoa do discurso, com rearranjos no sistema verbal, resultando em simplificação na conjugação como: o paradigma da 2ª pessoa do plural (vós) praticamente desapareceu; o paradigma da 2ª pessoa do singular (tu) se restringiu ao âmbito regional, onde, em certas variedades, registrou-se a concordância de 'tu' com formas verbais de 3ª e não de 2ª pessoa.

Esse trabalho contribui para outros estudos sobre os pronomes de 2ª pessoa, já que constrói o percurso diacrônico de cada forma de tratamento e explicita os momentos diferentes desse percurso. Deve-se ter em conta, porém, que, conforme afirma Tarallo (1997) cartas de cunho pessoal, diários e textos teatrais mesmo que tenham visado, em seu momento de criação, a um retrato da fala de diferentes grupos sociais da comunidade, tais documentos sempre estarão sujeitos ao viés da língua escrita, por mais natural que seja a linguagem deles.

O fato de o trabalho lidar com fatores também selecionados para a nossa pesquisa e o fato de fazer uma análise em tempo real poderá propiciar subsídios para análise dos nossos dados.

Já Lucca (2003) fez um estudo a respeito da transição do uso de *tu/você* em Minas Gerais, identificando esse fenômeno em correspondências trocadas entre mineiros e portugueses. O seu estudo mostra que o último quartel do século XIX tem efeito favorecedor sobre o uso de 2ª pessoa, enquanto as primeiras duas décadas do século XX exercem efeito desfavorecedor sobre esse uso, e a década de 1920 desfavorece ainda mais as formas de 2ª pessoa gramatical. O trabalho mostra ainda que, embora o século XIX favoreça formas de 2ª pessoa gramatical, também apresenta evidências de que não tenha ocorrido o pronome 'tu' na forma explícita, já que as duas únicas ocorrências na forma plena constam na reprodução de uma fala entre dois amigos.

Esse estudo contribui para outras pesquisas sobre a 2ª pessoa, uma vez que mostra como a variedade mineira do português do Brasil, no registro escrito, muda gradativamente de um

sistema em que predominam as formas pronominais e verbais de 2ª pessoa gramatical para um sistema favorecedor de formas não marcadas. Além disso, o trabalho também suscita reflexões acerca das relações sociais que são estabelecidas durante a interlocução e até que ponto tais relações poderiam favorecer ou não o uso de ‘tu’ e ‘você’ no português brasileiro.

Em um outro trabalho, Lucca (2005) tratou da variação *tu/você* na fala brasiliense, levando em conta a influência de fatores como a alternância de estilos e o tipo de relação entre os interlocutores na determinação das formas. Os dados foram coletados nas três regiões mais populosas do Distrito Federal: Brasília, Ceilândia e Taguatinga, entre falantes do grupo social que foi considerado o que mais se apropriou do uso do ‘tu’ na região pesquisada: jovens do gênero masculino. Os informantes fizeram gravações ocultas de situações conversacionais entre si e seus amigos, de onde se coletaram dados de interações de rapazes, de rapazes e garotas e de rapazes e adultos, estas feitas por meio de falas reproduzidas. A autora ressalta que a maior parte das falas são características de relações entre pares solidários, nas quais o uso do ‘tu’ emerge.

Os resultados revelam alto índice de ‘tu’ na amostra analisada (72%) e apontam para o fato de que a variação *tu/você* na fala dos jovens brasilienses é determinada pelo gênero do falante, pelo tipo de relação entre os pares, pelo tópico discursivo e pela região administrativa de onde o falante provém, ou seja, Ceilândia, Taguatinga e Brasília. O índice de incidência de ‘tu’ nas três regiões, foram, respectivamente, 68%, 86% e 66%. A autora ressalta que, pela forte influência da imigração nordestina na comunidade de fala brasiliense, o ‘tu’, marca regional em uma visão macro do português do Brasil, passa a ser marca social na fala brasiliense. Constatou-se também que fatores lingüísticos como o paralelismo e o tipo de estrutura quanto à entonação também condicionam a seleção dos pronomes.

Uma das contribuições desse trabalho é o fato de ter verificado que o ‘tu’ é amplamente utilizado entre jovens brasilienses do gênero masculino, em relações marcadas pela solidariedade entre os pares, constatando, portanto, que as relações sociais que são estabelecidas durante a interlocução favorecem a variação *tu/você* no português brasileiro.

O que se observa, no trabalho, é que a amostra é bastante restrita, uma vez que lida predominantemente com somente um gênero e com uma única faixa etária. Tal limitação é admitida pela autora que sugere, em suas considerações finais, que se amplie o *corpus* de falas

femininas, para se verificar a real medida do uso do *tu* entre falantes do gênero feminino. Sugere também que se trabalhe com faixas etárias diferentes para se verificar o efeito de tais faixas etárias sobre a variação *tu/você*, tanto em tempo aparente quanto em tempo real.

Nesse sentido, o nosso estudo avança em relação a Lucca (2005) justamente porque, embora propondo a pesquisa em uma outra comunidade, amplia a amostra, pois lida com vinte quatro informantes de quatro faixas etárias diferentes. Portanto, verifica o uso do ‘tu’ entre falantes do sexo feminino e também o efeito de faixas etárias diferentes sobre a variação dos pronomes *tu/você*.

1.2 Estudos gramaticais

Muitos lingüistas e gramáticos defendem a idéia de que o pronome ‘tu’ foi suplantado pelo ‘você’ na variedade brasileira do português. Duarte (1993) defende a hipótese de que, com o emprego do pronome ‘você’, em lugar do pronome ‘tu’, deu-se a redução no quadro de desinências verbais. De um paradigma formado de seis pessoas distintas, passou-se a um paradigma de quatro formas: *eu canto, você/ele canta, nós cantamos, vocês/eles cantam*. Esse paradigma coexiste com outro de três formas, decorrente do uso da expressão *a gente*, em lugar do pronome *nós*.

Faraco (1996) aponta a semelhança entre o tratamento do interlocutor no português antigo e no latim tardio neste, usava-se o ‘tu’ para referência no singular menos formal, e vós para tratamento singular formal, com referência a um único interlocutor, e também para tratamento plural formal ou não, referência universal a mais de um interlocutor. Esse autor estabelece um contraste entre a subdivisão ternária portuguesa com oposição dualista de outras línguas românicas, como o francês – *tu*, para a intimidade; *vous*, para a cortesia. No espanhol, *tu, usted*; no italiano, *tu, Lei*; e o inglês possui o *you*, tratamento próprio para interações que pressupõem intimidade ou cortesia. Afirma o autor que o ‘você’ afetou o sistema pronominal do português brasileiro, substituindo o ‘tu’.

Por outro lado, Oliveira e Ramos (2002) contrariamente ao que propõem Duarte (1993) e Faraco (1996), sugerem que ‘vosmecê’ ou ‘você’, derivados de ‘Vossa Mercê’, substituiu o pronome ‘vós’ e não o pronome ‘tu’. Segundo as autoras, há evidências em outras línguas da

substituição da 2ª pessoa do plural e não do singular: no italiano o pronome de 3ª pessoa do singular ‘Lei’ substituiu a forma de 2ª pessoa do plural; no basco, a 2ª pessoa do plural ‘zu’ passou a ser usada como singular.

Portanto, Oliveira e Ramos (2002) argumentam que deve ser revista a hipótese de que o enfraquecimento da morfologia verbal é devido à simplificação do paradigma pronominal com a entrada do pronome ‘você’ no sistema. As autoras afirmam que o enfraquecimento verbal no português brasileiro está associado a mudanças morfofonológicas ocorridas no Português Medieval com a queda do /d/ intervocálico nas formas verbais de segunda pessoa, e que o hiato criado com a queda dessa vogal é desfeito de duas maneiras, a semivocalização e a crase, propiciando o surgimento de duas gramáticas. As autoras argumentam que é nesse mesmo período que surgem as formas nominais de tratamento e a variação na concordância verbal que pode ser feita com o nome (3ª pessoa) ou com o pronome (2ª pessoa). A redução da forma de tratamento ‘Vossa Mercê’ leva a estigmatizar o uso desse pronome na Gramática I, porém não na gramática II, em que ocorreu o fechamento da vogal média.

Argumentam ainda as autoras, que, no Brasil, a ausência de estigma em relação ao uso de ‘você’ e ao uso de ‘Vossa Mercê’ e variantes pode ser explicada devido ao fato de que ‘Vossa Mercê’ é forma de tratamento respeitosa do interlocutor, atestada no dialeto caipira, conforme Amaral (1982). Essa forma pode ser encontrada em cartas pessoais entre irmãos escritas em São Paulo, nos séculos XVII-XVIII (OLIVEIRA, M. 2000).

Esclarecem as autoras que, nessas cartas, embora o uso do ‘tu’ não é encontrado, ele o é nas cartas jesuíticas, o que permitiu atestar esse uso na catequização dos índios, quando se trata de discurso direto, o que, com certeza, é um testemunho do estilo casual da época.

Uma das importantes contribuições desse estudo é a hipótese defendida pelas autoras de que ‘vosmecê’ ou ‘você’, derivados de ‘Vossa Mercê’, substituiu o pronome ‘vós’ e não o pronome ‘tu’. A argumentação das autoras apresenta uma nova hipótese em relação à análise gramatical do pronome ‘tu’ no sistema pronominal brasileiro.

1.3 Considerações finais

Os trabalhos citados e os resultados a que chegaram foram de grande valia para o delineamento da nossa pesquisa tanto em relação à hipótese por nós formulada quanto em relação à escolha dos fatores lingüísticos e sociais a serem analisados. Esses trabalhos serão retomados posteriormente para uma comparação com os resultados obtidos em nossa pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo divide-se em duas seções. A primeira trata dos pressupostos que norteiam os estudos em Teoria da Variação. A segunda trata de um dos fatores que, nos trabalhos citados no capítulo I, tem desempenhado um papel importante no condicionamento da variação em análise aqui, a saber, o estilo.

2.1 A concepção de língua na Teoria da Variação

A pesquisa que aqui se propõe se desenvolve com base no arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista. À medida que concebe a língua como um fato social, procurará verificar de que maneira fatores internos e externos condicionam o fenômeno proposto a ser estudado.

A língua pode ser concebida sob diferentes enfoques teóricos. A Sociolinguística, sob a perspectiva da teoria variacionista, desenvolvida a partir da proposta de Weinreich, Labov e Herzog (1968), assume o componente social e a relação língua/heterogeneidade. Incorpora a idéia de variação sistemática motivada por pressões sociais que *continuamente operam sobre a língua, não devendo, pois, ser estudada fora do contexto social* (LABOV, 1972, p. 3).

Nos termos de Labov (1972), o modelo teórico-metodológico variacionista tem como proposta explicar e descrever a língua, estabelecendo uma relação entre os contextos sociais e lingüísticos. A Teoria Variacionista dá ênfase à variabilidade e tem por objetivo explicar o processo de mudança lingüística, tendo em vista fatores lingüísticos (variáveis internas da língua e fatores sociais (variáveis relacionadas ao falante). Tais variáveis atuam de maneira probabilística na variação da língua, tornando possível definir quais os ambientes lingüísticos condicionam a freqüência de uma variante ou outra, e quais contextos lingüísticos e sociais são relevantes para a ocorrência do fenômeno observado.

Assim, a pesquisa sociolinguística exige: um levantamento criterioso dos dados de língua falada, descrevendo a variável e traçando um perfil das variantes; uma análise de fatores estruturais e sociais condicionantes; encaixamento da variável no sistema linguístico e social da comunidade; e, por último, uma avaliação da variável para que se possam confirmar casos de variação ou mudança.

2.2 A dimensão histórica na Teoria da Variação

Tarallo (1997, p. 64) afirma que a estrutura de uma língua somente será totalmente entendida se se compreenderem efetivamente os processos históricos de sua configuração. E acrescenta que:

um outro princípio deverá reger nossas investigações: o da uniformidade.¹ Segundo esse princípio, as forças que atuam no momento sincrônico presente são (ou deveriam ser) as mesmas que atuaram no passado, e vice-versa. Portanto, uma teoria da mudança linguística deve guiar-se por uma articulação teórica e metodológica entre presente-passado e presente. Em outras palavras, inicia-se o processo de investigação no presente; volta-se ao passado para o devido encaixamento histórico das variantes, retornando-se a seguir, ao presente para o fechamento do ciclo de análise. Trata-se de uma viagem de ida e volta.

Essa dimensão histórica poderá ser dada a partir de uma projeção em tempo real (diacrônico) em que se estabelece um espaço de tempo determinado cronologicamente, e/ou em tempo aparente (sincrônico), fazendo-se um ‘recorte transversal da comunidade de falantes’, através de variadas faixas etárias.

Considerando que nem tudo que varia implica mudança, mas que toda mudança pressupõe variação, é importante dizer se a análise sociolinguística das variantes indica uma variação estável (coexistência mútua no sistema linguístico) ou uma mudança em progresso (disputa entre as variantes até que apenas uma delas permaneça no sistema).

Assim, a análise em tempo real poderá explicitar o estágio de coexistência ou não das variantes na comunidade linguística. Por sua vez, a análise em tempo aparente, estabelecerá o estágio pelo qual passam as variantes no momento do recorte temporal em que estão sendo

¹ É preferível a tradução *princípio uniformitário* proposta por CALLOU; MORAES; LEITE (1998, p. 61-72).

observadas, e, por conseguinte, uma análise específica daquele momento, sendo importante a observação sincrônica do estágio das variantes.

2.2.1 A regularidade e a sistematicidade na variação

A descoberta de que vários dialetos são diferenciados entre si não só por conjuntos discretos de traços, mas também pelas variações de frequências com que certos traços ocorrem foi uma das mais importantes e significativas contribuições dos estudos sociolinguistas.

Nos termos de Wolfram e Fasold (1974, p. 63-64 *apud* HORA, 2004, p. 20), há aspectos das restrições variáveis que são específicos de uma determinada comunidade. Em se tratando da universalidade das restrições, há que se considerar o efeito e a ordem de previsibilidade. O primeiro está relacionado ao fato de que um tipo sempre terá um efeito ou variabilidade. O segundo está relacionando à ordem específica das restrições. Pode-se afirmar que o efeito de previsibilidade seja derivado de alguns princípios universais da língua, porém, a ordem de previsibilidade é específica da língua.

Dessa maneira, a observação e análise de fenômenos variáveis permitem o questionamento de hipóteses sobre: por que se produzem certas mudanças; como tais mudanças são difundidas através do tempo; e quais os fatores sociais e lingüísticos as favorecem.

Weinreich, Labov e Herzog (1968, p. 186-187) sustentam que uma mudança lingüística ocorre quando uma variante se generaliza em um subgrupo de uma comunidade e adquire uma direção e significado social. O avanço da mudança está associado à aprovação dos valores de um grupo pelos integrantes de outro grupo.

Sankoff (1988a, p. 147) apregoa que uma mudança requer um período de transição, de variabilidade, de competição entre estruturas e de divergências dentro da comunidade do falante.

Dessa forma, no primeiro estágio da mudança, as formas conservadoras raramente são expostas às formas inovadoras. O contato entre os falantes favorece a expansão das formas inovadoras atingindo as conservadoras. A mudança acontece quando uma variante se sobrepõe à outra. Conforme Labov (1994), quanto maior a frequência de contato entre os

falantes maior será a expansão da mudança. Silva Corvalán (1989, p. 156) argumenta que o processo de variação por um longo período de tempo se completa resultando em um elemento lingüístico categórico que adquire novo significado social.

Segundo Sankoff (1988a, p. 154), tal processo não é facilmente observado. Inicialmente se deve identificar as formas analisadas e os contextos que estão produzindo esse processo de mudança. Deve-se inferir o significado ou a função de cada dado, conhecer a variedade de fala e compreender o que está presente no discurso particular para compreender as intenções do falante. É preciso fazer observações diretas dos dados coletados na comunidade de fala.

2.2.2 Os problemas que norteiam o estudo da variação

Weinreich, Labov e Herzog (1968, p. 101–102) afirmam que, para se estudar a mudança lingüística, é preciso dar conta de cinco problemas que norteiam esse tipo de estudo: o problema da restrição (*constraints problem*); o problema da transição (*transition problem*); o problema do encaixamento (*embedding problem*); o problema da avaliação (*avaluation problem*); e o problema da implementação (*actuation problem*).

2.2.2.1 O problema das restrições

Relaciona-se ao conjunto de possíveis mudanças e possíveis condições para mudanças que podem acontecer. O processo de mudança lingüística dificilmente é um movimento de um sistema inteiro para outro. É, pois, o movimento limitado de um conjunto limitado de variáveis de um sistema que muda paulatinamente seus valores modais de um pólo a outro.

Na concepção dos lingüistas anteriores aos variacionistas, para cada forma há uma função correspondente; já os variacionistas afirmam que uma função pode ser desempenhada por duas ou mais formas, que são chamadas de variantes.

2.2.2.2 O problema de transição

Consiste em observar se a mudança lingüística ocorre em estágios discretos ou faz parte de um *continuum*, ou seja, como e por quais caminhos a língua muda.

Weinreich, Labov e Herzog (1968, p. 101) ressaltam que, embora os estruturalistas considerem que nos períodos de transição há pouca sistematicidade, a comunicação acontece de maneira eficiente, uma vez que a heterogeneidade é sistemática.

2.2.2.3 O problema do encaixamento

A Teoria da Variação defende a idéia de que uma análise estritamente lingüística não é suficiente para explicar a mudança, sendo assim, propõe a interação do sistema lingüístico com a estrutura social da comunidade de fala e divide o encaixamento em dois blocos: o encaixamento da estrutura lingüística e o encaixamento da estrutura social. Esse último bloco representa um dos mais importantes avanços do modelo sociolingüístico e é o que o difere do modelo estrutural-funcionalista em relação à questão do encaixamento.

É certo que cada comunidade de fala possui uma característica variacionista particular, porém, por meio da comparação dos estudos feitos em uma comunidade com os de outra comunidade, pode-se ter uma idéia dos universais da variação, isto é, os fatores que regem determinado fenômeno em variação.

Portanto, conforme já se afirmou, por meio de um recorte transversal da amostra sincrônica em função da faixa etária dos informantes, ou seja, a análise em tempo aparente, é possível determinar se o processo em análise está apenas sofrendo variação (variantes lutando por sua subsistência ou coexistência), se há uma situação de mudança em progresso ou se se trata de gradação etária, ou seja, uma mudança de comportamento lingüístico característica de uma certa idade, que se repete em cada geração, alterando a freqüência de algumas variáveis lingüísticas por serem modificadas ou corrigidas em uma idade avançada do indivíduo.

2.2.2.4 O problema da avaliação

Os membros de uma determinada comunidade lingüística avaliam a mudança e quais são os efeitos dessa avaliação sobre o processo de mudança em si. Ao contrário da questão levantada por Saussure de que o indivíduo aceita passivamente o processo de estruturação da língua, a Sociolingüística defende que estágios iniciais da mudança estão abaixo do nível de

consciência social e os falantes não os percebem. Nos estágios seguintes, afirma Labov (1982, p. 80), desvios estilísticos começam a aparecer, assim como a estratificação social.

Os testes de reação subjetiva podem explicitar a avaliação social. Nas últimas etapas da mudança, quando a sociedade já é capaz de percebê-la, começam a aparecer estereótipos relacionados a características sociais negativas, conseqüentemente a reação do falante é a correção, ou seja, a rejeição das formas inovadoras.

Assim, os falantes avaliam as formas com as quais se identifica dentro do grupo social a que pertence, ou as de um grupo que, para ele, é de prestígio, mas podendo, de forma inconsciente, produzir formas que julga ter uma avaliação social negativa.

2.2.2.5 O problema da implementação

O problema da implementação está centrado na determinação da direção que a mudança toma na estrutura social.

Labov (1994), empiricamente, observou que o padrão da mudança em progresso, encontrado em estudos nos centros urbanos, era que o grupo mais inovador nos processos de mudança provinha dos grupos sociais intermediários (a implementação diagnosticada por Labov desenhava um gráfico curvilíneo). Ao contrário, as correntes anteriores atribuíam ao movimento da mudança uma direção de cima para baixo ou vice-versa (desenhava um gráfico retilíneo).

Portanto, a pesquisa sociolinguística tem por objetivo principal a sistematização da variação. E, para se alcançar tal objetivo, deve-se constituir um *corpus* baseado em dados naturais de fala, descrever detalhadamente a variável e suas variantes, estabelecer quais os possíveis fatores linguísticos e sociais que influenciam a variável, encaixá-la linguisticamente, avaliá-la e observar os processos de transição e implementação que a envolvem. Dessa maneira, atinge-se o objetivo pretendido, ou seja, dar conta da dimensão social, cultural e histórica do fenômeno linguístico.

No entanto, a pesquisa sociolinguística não terminará ainda, porque, conforme argumenta Tarallo (1997, p. 84), uma teoria geral de mudança linguística, para ser suficiente deverá dar conta das condições que determinam o início, a velocidade, a direção, a propagação e o término de determinada mudança, e, tendo em vista os dados analisados de vários sistemas, generalizar o conjunto de tais condições para a mudança linguística.

2.3 A variação de estilo

Romaine (1994, p. 75) afirma que o estilo é uma dimensão linguística que opera com aspectos variáveis da situação interacional, num *continuum* que vai do menos formal ao mais formal. Afirma também que a alternância de estilos não pode ser explicada simplesmente como uma escolha individual, pois depende de fatores como o contexto interacional, o tipo de relação entre os interlocutores, classe social, gênero dos interlocutores, idade, meio ambiente físico e tópico discursivo.

Lefebvre (2001, p. 206) argumenta que há muitos sentidos considerados para o termo ‘estilo’ sendo muitas vezes correspondente a ‘dialeto social’. Segundo a autora, estudos de variação estilística usam termos como: níveis de língua, registro, código, variedade padrão ou não padrão. Língua formal ou familiar entre outros.

Argumenta ainda a autora que os estudos sobre estilo apresentam dois enfoques. Um se baseia na noção de que os estilos são adaptações ou mudanças em relação ao sistema-base que é o vernáculo. Nesse caso, apenas um fator contribui para se definir o estilo linguístico: o grau de atenção prestada à fala. O outro enfoque se baseia na noção de que existem vários sistemas, e os falantes optam por um deles para adequarem a fala à situação, e, nesse caso, pode haver vários fatores que contribuirão para a escolha de um estilo.

Lefebvre (2001, p. 85) também distingue dois enfoques possíveis para o estudo do estilo linguístico. Um considera que a variação estilística é inerente ao sistema linguístico e é condicionada principalmente por mudanças no contexto social; o outro considera o estudo sobre estilo como um meio controlado para se medir a dinâmica da variação linguística, uma maneira pela qual se pode verificar como os falantes alternam as formas linguísticas e com que frequência usam-nas no cotidiano.

Esse autor afirma que todo fenômeno variável apresenta tanto uma estratificação social quanto uma estratificação estilística e que levar em conta a monitoração da fala em conjunto com a configuração da audiência, para se fazer generalizações, é difícil, mas não impossível.

Com o objetivo de estudar a variação estilística tendo em vista tais aspectos, Labov elabora oito critérios contextuais para caracterizar os estilos de fala em relação à fala espontânea. Tais critérios se dividem em fala monitorada ou cuidada e fala casual. Os níveis de fala cuidada são: resposta, conversa sobre língua, *soapbox* e fala residual. Níveis de fala casual: narrativa de experiências pessoais, fala em grupo, falas sobre crianças e assuntos tangenciais (que desviam do tópico introduzido).

Os critérios citados acima dizem respeito ao modelo clássico de entrevista da pesquisa variacionista.

Bell (2001, p. 139) afirma que a questão essencial da sociolinguística é porque o falante diz alguma coisa de determinada maneira em uma dada situação, pressupondo, assim, que existem regularidades na língua. Se o falante, em determinadas situações, pode escolher falar de uma forma ou de outra, conclui-se que este poderá mudar o seu estilo de fala, consciente ou inconscientemente.

Para explicitar a natureza da variação linguística, Bell (1984 *apud* LUGCA, 2005, p. 59) apresenta dois conceitos que interferem na variação de estilo, são eles: a configuração da audiência (*audience design*) que é a adequação que o falante faz ao seu interlocutor ou interlocutores sendo eles diretos ou não; e a configuração do árbitro (*referee design*) que diz respeito à projeção que o falante faz de alguém que não necessariamente esteja presente na interação.

O autor propõe que os falantes configuram seu estilo para sua audiência. Diferenças na fala de um único falante são respostas à influência da segunda pessoa e algumas terceiras pessoas, que, juntas, compõem a audiência para os enunciados do falante: *Speakers design their style for their audience. Differences within the speech of a single speaker are accountable as the*

*influence of the second person and some third persons, who together compose the audience to a speaker” utterances.*²

Portanto, para o autor, as duas configurações são complementares e co-existentes, já que estão presentes em todos os eventos da fala.

O que se observa é que os dois autores têm como princípio básico da variação estilística a argumentação de que o falante não usa a língua sempre da mesma forma. Este terá em vista o seu interlocutor ou interlocutores e suas características (escolaridade, idade, sexo, profissão, etc) e prestará mais ou menos atenção à sua fala.

Bell (1984 *apud* LUCCA, 2005, p. 59) acrescenta a esse princípio a idéia de as pessoas não mudam seu estilo não só monitorando ou não a fala, mas fazendo pressuposição sobre sua audiência, seus interlocutores e seu modo de falar.

Bortoni-Ricardo (2002, p. 335) afirma que um falante, diante de interlocutor desconhecido, de maior poder na hierarquia social ou a quem ele precisa ou deseja impressionar, sentir-se-á na obrigação de usar um estilo mais cuidado. E para obter tal efeito, precisa prestar mais atenção à sua fala. Argumenta que o interlocutor é talvez o mais importante determinante do grau de pressão comunicativa que opera sobre o falante. Acrescenta ainda que a variação estilística dependerá dos seguintes fatores:

- a) a acomodação do falante ao seu interlocutor, fator que se refere ao tipo de relação existente entre os interlocutores;
- b) o apoio contextual na produção dos enunciados;
- c) a complexidade cognitiva envolvida na produção temática (que se refere ao quanto o falante entende sobre o tópico discursivo); e
- d) a familiaridade do falante com a tarefa enunciativa que está sendo desenvolvida.

² “Os falantes configuram seu estilo para sua audiência. Diferenças na fala de um único falante são respostas à influência da segunda pessoa e algumas terceiras pessoas, que juntas compõem a audiência para os enunciados do falante” (BELL,1984, p.159 *apud* LUCCA, 2005, p. 59). Tradução nossa.

2.4 Considerações finais

A Teoria da Variação Lingüística forneceu-nos o aparato metodológico para lidar com a variação *tu/você*, possibilitando-nos saber em que medida essas formas variam e que fatores condicionam essa variação. Forneceu-nos também o embasamento teórico que nos permitiu selecionar os fatores que atuam sobre o fenômeno pesquisado.

O estilo apresenta-se como um dos fatores quantitativamente significativos. A variação das formas de tratamento ‘tu’ e ‘você’ é condicionada pelo grau de formalidade da situação (formal/informal) e pelo tipo de relação entre os interlocutores (maior intimidade/menor intimidade).

Respaldados pelos princípios propostos por Bell (2001) e Labov (2001) consideraremos para análise os fatores: grau de intimidade e o estatuto do locutor na interação. A análise desses fatores possibilitará verificar a dinâmica do processo da variação *tu/você*, pois a nossa hipótese é a de que essa variação está relacionada ao estilo de fala escolhido pelos interlocutores, e o estilo, por sua vez, pode estar ligado ao grau de intimidade entre os falantes. Portanto, a análise proposta poderá confirmar a hipótese inicial levantada de que a variação *tu/você* no Norte de Minas, especificamente em São João da Ponte depende da alternância entre os estilos (formal ou informal) e o tipo de relação entre os interlocutores (maior intimidade/menor intimidade).

No próximo capítulo, detalharemos os procedimentos metodológicos que foram adotados para o desenvolvimento da nossa pesquisa.

3 METODOLOGIA

A metodologia usada para a constituição do *corpus* é a da sociolinguística quantitativa, uma vez que operou com números e tratamento estatístico dos dados coletados.

Este capítulo constará de três seções. Na primeira seção, explicitaremos a composição da amostra; na segunda seção, descreveremos o suporte quantitativo e, na terceira seção, apresentaremos os fatores que foram selecionados para análise e explicaremos os motivos pelos quais foi feita essa seleção.

3.1 A composição da amostra

3.1.1 A dimensão e a estratificação da amostra

Foram selecionados 24 informantes com nível de escolaridade até o Ensino Fundamental. No quadro abaixo, detalharemos a estratificação da amostra.

QUADRO 1**Estratificação da amostra**

Faixa etária	Gênero	Escolaridade	Nº informantes
7 a 14 anos	Masculino	Ensino Fundamental	03
	Feminino	Ensino Fundamental	03
15 a 25 anos	Masculino	Ensino Fundamental	03
	Feminino	Ensino Fundamental	03
26 a 49 anos	Masculino	Ensino Fundamental	03
	Feminino	Ensino Fundamental	03
Acima de 50 anos	Masculino	Ensino Fundamental	03
	Feminino	Ensino Fundamental	03

Portanto, em síntese, temos:

1) Gênero

Masculino: 12 informantes

Feminino: 12 informantes

2) Faixa etária

07 a 14 – 06 informantes

15 a 25 anos – 06 informantes

26 a 49 anos – 06 informantes

mais de 50 anos – 06 informantes

3.1.2 Breve panorama histórico-geográfico do local da coleta de dados

O local da coleta de dados é o município de São João da Ponte, no Norte de Minas Gerais, pertencente à microrregião de Montes Claros. Vejam-se mapas (FIG. 1 e FIG. 2).

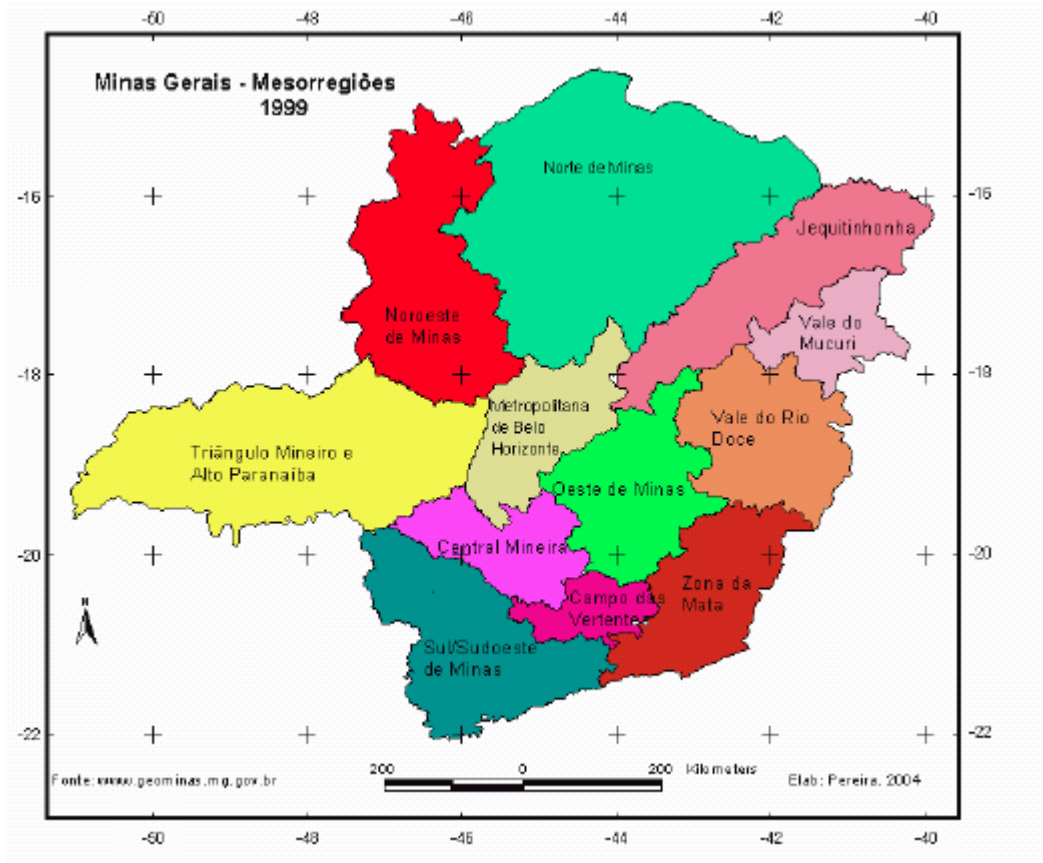


FIGURA 1 – Mesorregiões de Minas Gerais

3.1.2.1 Formação do Norte de Minas

O processo histórico de constituição do Norte de Minas inicia-se no século XVI a partir do movimento de expansão da pecuária. Em função dessa origem, a região teve um povoamento esparsa, sendo comum aos historiadores o uso do termo ‘sertão’ quando fazem referência ao Norte de Minas. A base econômica dessa região sempre esteve calcada na agropecuária e no comércio (PEREIRA; SOARES, 2005). No final do século XIX, com a decadência das cidades ribeirinhas e o afastamento do eixo econômico do Rio, o norte de Minas ganha importância e Montes Claros, município ao qual pertencia São João da Ponte, se impõe como o principal núcleo urbano local (OLIVEIRA, M. 2000).

O Norte de Minas é uma das 12 mesorregiões como se vê na FIG. 1. Essa região ocupa uma área territorial de 128.602 km², compreendendo sete microrregiões: Bocaiúva, Grão-Mogol, Janaúba, Januária, Montes Claros, Pirapora e Salinas.

O mapa abaixo (FIG. 2) localiza, além da região central da pesquisa, a região de Brasília de Minas, antiga freguesia de Contendas, da qual fazia parte São João da Ponte.

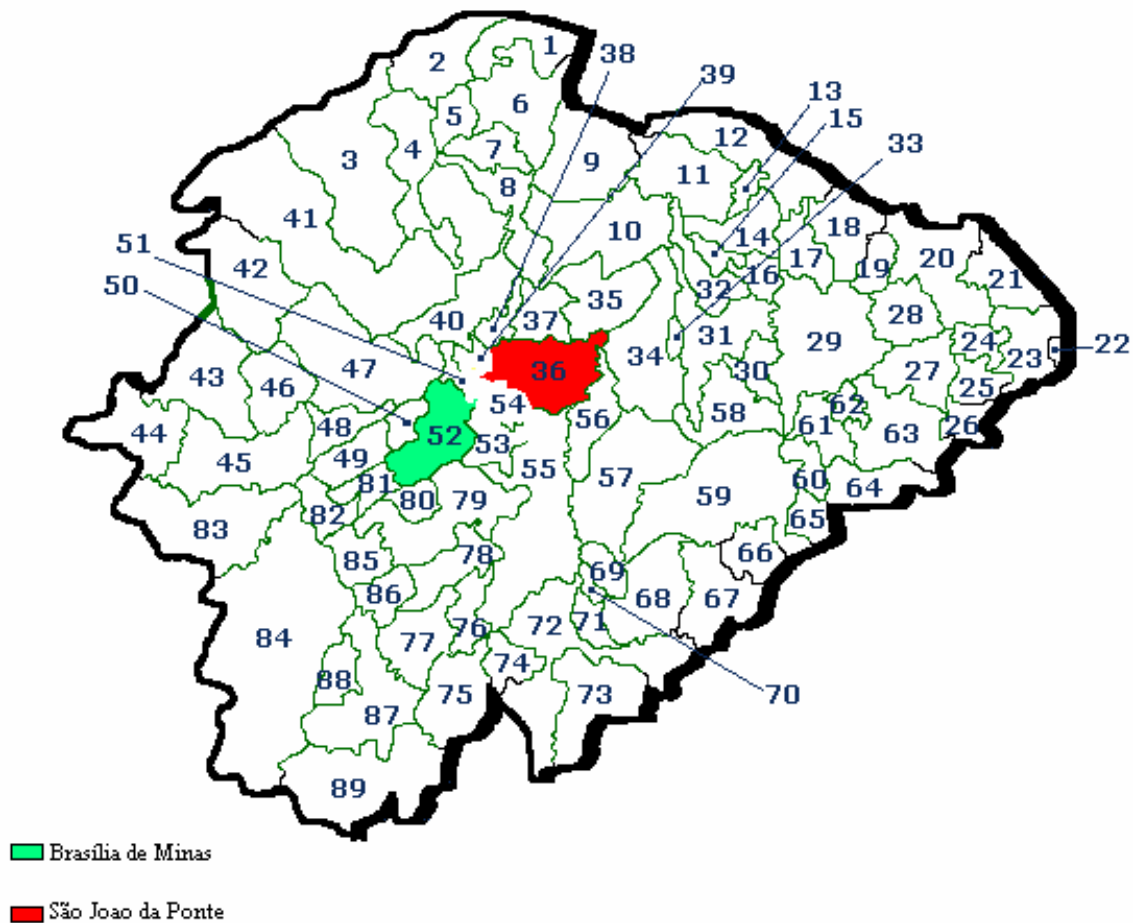


FIGURA 2 – Brasília de Minas e São João da Ponte na região Norte de Minas

3.1.3 História de São João da Ponte

O atual município de São João da Ponte pertencia à freguesia de Contendas, atualmente, Brasília de Minas.

3.1.3.1 Origem da povoação de Contendas

Conforme já se afirmou, o povoamento do Norte de Minas está intimamente relacionado à expansão da pecuária extensiva, que interiorizava subindo o São Francisco, bem como pelas bandeiras que começaram a desbravar o interior do Brasil a partir do século XVI e XVII, época do primeiro Governador Geral do Brasil, Tomé de Souza. O século XVI ficou conhecido como “o século do conhecimento” e é nessa época, que as primeiras expedições atingem o Norte de Minas Gerais através do rio São Francisco. De início, essas expedições tiveram a finalidade de reconhecer e posteriormente apossar das terras descobertas, aliada ao interesse de descobrir riquezas naturais como ouro e pedras preciosas (CARDOSO, 1996 *apud* PAMPONET, 2004, p. 38-39).

Em relação aos primeiros povoadores da região, no primeiro momento, têm-se as bandeiras do espanhol Francisco Bruzza Spinosa e do missionário padre João Aspilcueta Navarro. Tal expedição saiu de Porto Seguro em março de 1553, durante o governo de Duarte da Costa, penetrou no interior do país e alcançou o rio São Francisco, região que se tornaria o norte de Minas Gerais. Seguiram-se as bandeiras de Sebastião Fernandes Tourinho, em 1572, a de Adorno, em 1576 e a de Gabriel Soares em 1590 (PIRES, 1979 *apud* PAMPONET, 2004, p. 38-64).

Em uma de suas cartas, destinadas aos “irmãos d’além mar”, o Padre Navarro descreve a região extremo norte de Minas Gerais, entre os rios Jequitinhonha e São Francisco – desde o ponto de partida em Porto Seguro:

Marginando o oceano, alcançando o Mucury, por elle subindo e attingindo um seu affluente – o Pampan, talvez – atravessando o Jequitinhonha pela região das esmeraldas (Arassuahy, Salinas, Serra do Anastacio) e, finalmente oeste-nordeste ou mesmo norte, pelo Jequitahy ou Rio das Velhas na primeira hypothese, ou Verde Grande na segunda afim de que os expedicionarios podessem encontrar o “rio mui caudal”. [...] passamos por uma serra mui grande, que ocorre de norte para o meio dia e nella achamos

rochas mui altas de pedra marmore. Desta sera nascem rios caudaes dois delles passamos que vão sahir ao mar entre Porto Seguro e Ilhéos, chama-se um Rio Grande e o outro Rio das Orinas [...] partimos e fomos até um rio mui caudal, por nome Pará, que segundo os índios nos informaram é o Rio S. Francisco, e é mui largo... nos assentamos em uma aldeia junto da qual passa um rio por nome Monayl, que vae dar no outro.³

Para Viana (1916) e outros estudiosos da região, a expedição de Spinosa e Navarro foi a primeira a desbravar a região norte-mineira.

A ocupação realmente aconteceu através das sesmarias⁴ ao longo do São Francisco, uma pertencente a Garcia de Ávila (Casa da Torre)⁵ e outra a Antônio Guedes Brito (Casa da Ponte)⁶, que se especializaram na criação de gado. Várias fazendas foram criadas. Em muitas dessas fazendas de criação de gado, foram surgindo os povoados, inclusive Contendas – início do século XVIII. (MATA– MACHADO, 1991, p. 29).

Através de sesmarias obtidas, concedidas em alvarás de 12 de abril de 1707 foram fundadas as fazendas de Jayba, Olhos D'água e Montes Claros. Sobre a fazenda de Montes Claros Viana, 1916, p. 23, destaca que:

A fazenda de Montes Claros ficou situada à margem do Rio Verde Grande, próxima a montes formados de schistos calcareos, despidos de vegetação, e dos quaes a vista se pôde alongar indefinida n'um horizonte límpido, estando os montes sempre claros, característica de onde proveiu, dizem, o nome á Fazenda, servindo depois á cidade que, primitivamente, foi VILLA DE MONTES – CLAROS DE FORMIGAS.

De acordo com a resolução de 13 de dezembro de 1831, da Assembléia Legislativa, e por determinação da Regência do Império, foram criadas vilas e povoados em Minas Gerais, entre

³ CARTA do Padre João de Aspicielta Navarro, 1899, p. 1159-1162.

⁴ Sesmarias: terras que os reis de Portugal doavam para serem cultivadas. (LAROUSSE cultural, 1992, p. 1029).

⁵ Erguida por Garcia d'Ávila, chegado ao Brasil na comitiva do 1º Governador Geral Tomé de Souza, em 1549, a Casa da Torre era uma espécie de castelo feudal; era usado por Portugal nas suas possessões ultramarinas no início do século XVI, a partir de 1551 para sede dos seus domínios, cumprindo o Regimento passado pelo rei D. João III (1521-1557). Dos domínios da Casa da Torre partiram as primeiras bandeiras sertanistas. (CALMON, 1958, p. 143).

⁶ Casa da Ponte era o centro de uma propriedade de 160 (cento e sessenta) léguas de extensão, localizada entre a capitania da Bahia e das Minas. Doação do rei de Portugal a Antônio Guedes de Brito em retribuição aos serviços prestados por seu pai na expulsão dos holandeses recebeu o título de Mestre-de-Campo e Regente do São Francisco. (CHAVES, 2007, p. 8).

eles Contendas, pertencente à Villa de Montes Claros de Formigas. (GONÇALVES, 2006, p. 20-24).

Segundo a autora, a região de Contendas, hoje Brasília de Minas, pertencia à Capitania de Porto Seguro – Bahia, governada pelo donatário Pero de Campos Tourinho.

O município de Brasília de Minas, portanto, originou-se da criação da Paróquia Freguesia de Sant’Ana de Contendas, em 14 de julho de 1832, pertencendo à diocese da Bahia; em 1872, passa a pertencer à diocese de Diamantina e, em 1910, à diocese de Montes Claros.

Em 26 de dezembro de 1890, a freguesia de Contendas é elevada à categoria de vila e é desmembrada do município de Montes Claros, conforme Decreto Estadual nº 299.⁷

Portanto, conforme se observa a história de formação do povoado de São João da Ponte coincide, pois, com a história da formação de Contendas, atual Brasília de Minas.

Nesse panorama traçado, a região de coleta dos dados, em sua história de formação, aparece como uma região bastante antiga, que teve como primeiros povoadores espanhóis e portugueses. A relação colonizadores e nativos colonizados resultou em sobreposição, mestiçagem, influência de costumes e hierarquização de culturas.

Entendemos, pois, que o ‘tu’ que sobrevive nessa região trata-se de vestígio do Português Europeu. Uma das causas que poderiam ser aventadas para essa sobrevivência seria um certo isolamento dessa região provocado, entre outros fatores, pela decadência das cidades ribeirinhas, consequência do declínio das províncias da Bahia e Goiás e pelo desmembramento de Montes Claros ainda no século XVIII. No final desse século e início do século XIX, conforme dados de Botelho (1994), Montes Claros já era considerada o centro urbano comercial da região e mantinha comercialização com a região Sudeste, especialmente Belo Horizonte e São Paulo.

⁷ MINAS GERAIS. Decreto n. 299 de 26 de dezembro de 1890. Art. 1º – Fica elevada à categoria de vila constituída sede de um novo município, a Freguesia de Sant’Ana de Contendas, desmembrada para este efeito de Montes Claros.

Parágrafo único – Ficam fazendo parte do novo município, os distritos de São João da Ponte, Santo Antônio da Boa Vista, desmembrados do referido município de Montes Claros [...]

3.1.3.2 São João da Ponte

São João da Ponte, município do Norte de Minas, emancipado de Brasília de Minas desde 1943, conta hoje com uma população de 26.032 habitantes. Sua área de unidade territorial é de 1.849 Km² (IBGE, 2007).

A cidade tem sua economia fundamentada na agricultura e na pecuária. O índice de desemprego é grande, o que contribui para que seus habitantes permaneçam nas atividades rurais. Há moradores da cidade que trabalham na zona rural e há moradores da zona rural que trabalham e estudam na cidade. Este perfil da comunidade será importante para desvendar os condicionamentos da variação.

3.1.4 A coleta dos dados

A primeira preocupação durante a coleta de dados foi tentar resolver a questão do “paradoxo do observador” ou seja, coletar esses dados com participação direta na interação com os falantes sem que as falas perdessem a naturalidade (LABOV, 1972, p. 181). Tentou-se neutralizar o efeito do gravador como elemento inibidor do processo de interação. Contando com a ajuda de pessoas da comunidade, estabeleceu-se um primeiro contato com cada informante. Nesse primeiro contato, foi aplicada uma ficha social em que se registraram as características sociais do informante, com o objetivo de colher informações para as entrevistas e também para coletar dados para posterior análise. Foi também solicitada a assinatura de um termo de consentimento de uso dos dados com propósitos científicos. O objetivo era também estabelecer, desde já, um ambiente mais amigável, em que o falante se sentisse mais à vontade com o entrevistador.

A seguir, com o objetivo de documentar e servir como base para a pesquisa, foram feitas entrevistas sobre temas diversos, familiares e não-familiares ao falante. Alguns narraram fatos de experiência pessoal (um fato acontecido com o próprio falante) e/ou fizeram retextualizações, narrativas recontadas, num ambiente de informalidade para que se conseguisse a naturalidade da fala. As gravações foram feitas em fita cassete com tempo máximo de 60 minutos. O roteiro de perguntas foi elaborado com uma série de tópicos (dados pessoais do falante, jogos, brincadeiras de infância, namoro, brigas, perigo de morte, medo, religião, amigos, turmas, serviços públicos, o crime nas ruas, trabalho, interação com outros

membros da comunidade, esportes, etc). Teve-se como objetivo gravar as narrativas de experiência pessoal, para que o falante se envolvesse com o que narrava não se preocupando com a maneira de falar.

Após a coleta dos dados, foi feita a transcrição das entrevistas adotando-se uma série de convenções de transcrição (ANEXO C) para se manter a fidelidade à qualidade da produção oral. Em seguida, foi feita a codificação dos dados que foram, então, submetidos ao programa computacional GoldVarb 2001 (ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE., 2001).

3.2 O suporte quantitativo

Tendo em vista que a nossa pesquisa analisa o comportamento de um fenômeno variável e que fatores lingüísticos e sociais poderão condicioná-lo, assumimos que essa variação não é aleatória.

Sendo assim, conforme argumenta Naro (2003, p. 16) a questão central para a Teoria da Variação é a avaliação do *quantum* com que cada categoria postulada contribui para a realização de uma ou de outra variante.

Segundo Labov (1972), para que se possa formular esquemas de regras, é necessário que se desenvolva uma metodologia adequada para quantificar os fatores, em número relativamente pequeno, que devem apresentar um peso fixo, independentemente do contexto em que ocorrem.

A sociolingüística laboviana ou sociolingüística quantitativa, como ficou sendo conhecida, apresenta como uma de suas principais características a quantificação das ocorrências de cada variante em relação às variáveis analisadas.

Cedergren e Sankoff (1974) introduziram nas pesquisas varicionistas os modelos probabilísticos, que têm a função de calcular o efeito relativo dos diversos fatores com base em frequências observadas. Rousseau e Sankoff (1978), apresentaram o novo modelo chamado de misto ou logístico, considerado mais adequado para a análise de fenômenos variáveis. Esse modelo tem sido usado com êxito por pesquisadores brasileiros desde 1976.

Esse modelo foi implementado com o programa computacional VARBRUL 2S e já há novas versões do programa.

Para a nossa pesquisa, utilizamos o programa computacional GoldVarb 2001 (ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001), o qual é uma adaptação para o sistema operacional Windows do programa Varbrul 2S (PINTZUK, 1988).

3.3 A codificação dos dados

Conforme exigido pelo programa estatístico, o nosso primeiro passo foi atribuir códigos para a variável dependente e as variáveis independentes selecionadas para análise. O QUADRO 2 mostra como foi feita a codificação dessas variantes.

QUADRO 2

Codificação das variantes

VARIÁVEL DEPENDENTE	
Forma pronominal ‘tu’	0
Forma pronominal ‘você’	1
VARIÁVEIS INDEPENDENTES INTERNAS	
Função sintática da variante	
Sujeito	s
Não sujeito	z
Tempo verbal	
Passado	p
Não passado (presente e futuro)	x
Tipo de frase	
Declarativa	*
Não declarativa	&
VARIÁVEIS INDEPENDENTES EXTERNAS	
Grau de intimidade	
Íntimo	w
Não íntimo.....	k
Área geográfica de atuação profissional	
Zona rural	r
Zona urbana	f
Sexo	
Masculino.....	h
Feminino.....	m
Tipo de discurso	
Relatado	t
Não Relatado	n
Estatuto do locutor na interação	
Entrevistador.....	e
Entrevistado 1.....	i
Entrevistado 2.....	u
Faixa etária	
07 a 14	2
15 a 25	3
25 a 49	4
50 acima	5

Submetemos, então, os dados ao programa, que gerou as frequências absolutas e relativas de ocorrência da variável dependente para cada grupo de fatores selecionado.

O programa deu um tratamento estatístico aos dados lingüísticos variáveis e possibilitou fazer uma avaliação do efeito da atuação de cada fator que, na fala, ocorreu de maneira simultânea. Permitiu também isolar e medir separadamente o efeito de um fator e também a interação entre vários grupos de fatores e determinou a frequência e o peso relativo de cada um deles, assim como a sua relevância estatística.

Foi indicada pelo programa, qual foi a melhor rodada, em nível *step up* (aquela que considera todos os grupos de fatores que foram selecionados). Depois, verificamos o resultado do processo *step down* (são eliminados os fatores não relevantes para a variação analisada).

Em relação à interpretação dos pesos relativos gerados, como a nossa análise é binária, quando os pesos relativos são próximos de 1,0 interpretamos como favorecedores da aplicação da regra em relação ao fenômeno estudado; quando são próximos de 0,5, concluímos que são neutros em relação à aplicação da regra, e, quando são próximos de 0,0, são considerados desfavorecedores em relação à aplicação da regra (SCHERRE; NARO, 2003, p. 168). Entretanto, ao fazer a análise dos resultados, procuramos ficar atentos em relação à observação feita por Sankoff (1988b, p. 989) de que “é a comparação dos efeitos de quaisquer dois fatores em um grupo de fatores (medida pela suas diferenças) que é importante, e não seus valores individuais”, ou seja, mais importante que observar os valores em si, é comparar e medir as diferenças entre si.

3.4 As variáveis

Entre as variáveis lingüísticas testadas no condicionamento da variação *tu/você*, foram selecionados os seguintes fatores para análise:

- a) a função sintática do sintagma nominal (SN), se sujeito ou não sujeito;
- b) o tempo verbal a que o pronome se refere, se passado ou não passado;
- c) o tipo de frase em que o pronome ocorre, se declarativa ou não declarativa.

Entre o grupo de fatores extralingüísticos, foram selecionados para análise:

- a) o grau de intimidade entre os falantes;
- b) a área geográfica de atuação profissional, se urbana ou rural;
- c) o gênero/sexo do falante;
- d) a faixa etária;
- e) o tipo de discurso, se relatado ou não relatado; e
- f) o estatuto do interlocutor na interação.

A escolha de cada um desses fatores será justificada na seção 3.4.2.

3.4.1 A variável dependente

O objetivo da nossa pesquisa é investigar que fatores condicionam a variação *tu/você* no português oral do Norte de Minas, mais exatamente, na comunidade de São João da Ponte. Para o estudo, selecionamos como **Variável Dependente** as formas pronominais do interlocutor e como variantes a forma ‘tu’ e a forma ‘você’. Vejam-se os exemplos abaixo:

(1) *Aí ele: ô mais tu é besta cê sigurô foi na raiz.* (E 11 p. 37)

(2) *Cê cunhece ele, né?* (E 13 p. 51)

A seguir, justificaremos a escolha dos fatores, que foi feita tendo em vista a variação entre essas duas formas.

3.4.2 As variáveis independentes

3.4.2.1 Os fatores lingüísticos

Selecionamos para análise três fatores lingüísticos, a saber: a função sintática da variante (sujeito ou não sujeito), o tempo do verbo (passado ou não passado) e o tipo de frase (declarativa ou não declarativa).

3.4.2.1.1 Fator 1: A função sintática da variante: sujeito ou não sujeito

Tal fator foi selecionado para análise com o objetivo de verificar a posição da forma de tratamento por ‘tu’ e por ‘você’, na sentença, uma vez que, nos dados analisados, aparecem trechos como:

a) no sujeito:

(3) *Tu* *joga eu no fogo, onça.* (E 11 p. 38)

(4) *Cê é fia de D. Firmina?* (E 9 p. 30)

b) no objeto:

(5) *Eu vô te piá pelas perna e vô jogá tu dend’água.* (E 11 p. 38)

(6) *O que eu falei cum vocês é isso.* (E 14 p. 53)

Para a identificação da função sintática, adotamos a categorização proposta por Ramos (1997). A autora divide as ocorrências das variantes nas funções: sujeito, por um lado, e objeto de verbo e objeto de preposição, por outro.

3.4.2.1.2 Fator 2: O tempo do verbo: passado ou não passado

Busca-se, com a seleção desse fator, verificar a força do tempo verbal para a alternância das formas *tu/você*. Sabe-se que tais formas podem ser usadas com referência indeterminada, o que é favorecido pelo verbo no tempo não passado. Nossa hipótese é que o tratamento por ‘tu’ seja favorecido pelo traço [+ passado]. O referido fator é ilustrado nos exemplos abaixo:

a) Passado

(7) *Tu* *gostava dela!* (E 1 p. 6)

(8) *Mais que cê guardô cê guardô..* (E 23 p. 104)

b) não passado

(9) *Ó, tu fêcha a boca e regala os ói* (E 11 p. 38)

(10) *Muito bem, intão cê é casada, né?* (E 24 p. 111)

3.4.2.1.3 Fator 3: O tipo de frase: declarativa ou não declarativa

Optou-se por controlar esse fator a fim de verificar se a frase não declarativa poderia favorecer o uso de uma das formas pronominais, tendo em vista os resultados apresentados por Ramos (1997)⁸ na análise do fator tipo de oração. Os exemplos desse fator podem ser vistos abaixo:

a) frase declarativa

(11) *Tu vai me pagá.* (E 11 p. 37)

(12) *Cês vai caçuá.* (E 17 p. 69)

b) frase não declarativa

(13) *Qui é, minino, que qui tu tem?* (E 23 p.103)

(14) *Cê ta aprendeno?* (E 24 p. 108)

3.4.2.2 Os fatores sociais

Consideramos para a análise seis fatores sociais, a saber: o grau de intimidade entre os falantes (íntimo ou não íntimo); a região de ocupação profissional (urbana ou rural); o gênero/sexo do falante; o tipo de discurso (atual ou relatado); o estatuto do locutor na interação; e a faixa etária.

3.4.2.2.1 Fator 1: O grau de intimidade entre os falantes: íntimo ou não íntimo

Optou-se por controlar tal variável, por entender que, numa dada situação conversacional, o estilo de fala escolhido pelos interlocutores pode estar ligado ao grau de intimidade entre os falantes, uma vez que, estes, dependendo desse grau de intimidade, monitoram ou não a fala, usando, de acordo com a situação, um estilo mais formal ou mais informal. Assim, o resultado da análise desse fator poderia confirmar a hipótese inicial levantada de que a variação *tu/você* no Norte de Minas, especificamente em São João da Ponte dependeria da alternância entre os

⁸ RAMOS (1997, p. 53-54) faz uma análise detalhada desse fator, uma vez que divide o tipo frasal em três categorias: (i) oração interrogativa simples; (ii) oração interrogativa 'que-que'; e oração declarativa.

estilos (formal ou informal) e o tipo de relação entre os interlocutores (maior intimidade/menor intimidade).

Nos dados analisados, encontram-se trechos que exemplificam o grau de intimidade estabelecido entre os interlocutores como:

(15) I2: **Tu** gostava dela!

I1: Eu não, quem é que tava namorando qüela?

I2: Namora qüela.

I1: **Tu**.

I2: **Tu!**

(Diálogo entre dois amigos - E 1 p. 6)

(16) E: Era colega sua de sala?

I2: Nã::o

I1: É não.

E: Então conta aqui uma coisa, na escola, **cês** já foram expulsos da escola. Já teve que seu pai ou sua mãe ir lá?

I2: Não.

E: Nada disso não?

I1: Eu não.

E: E quando **cê** brigô? **Cê** tambein não?

I2: E pra que **cê** tá preguntano esse tantão de coisa?

E: Essi tanto de coisa?

I1E: Cala a boca!

(Falas do entrevistador, locutor 1 e locutor 2- E 1 p. 6)

3.4.2.2.2 Fator 2: A área geográfica de atuação profissional: urbana ou rural

O fator lugar em que o informante trabalha, se na zona rural ou se na zona urbana foi selecionado para análise, a fim de verificar se a região de ocupação profissional interfere na escolha de uma ou de outra forma de tratamento, uma vez que se verificou que alguns informantes moram e trabalham na zona rural; e outros trabalham na zona rural e estudam ou moram na cidade e há ainda os que moram e estudam na zona urbana.

Alguns exemplos retirados do *corpus* ilustram *esse* fator:

a) Zona rural

(17) *Tu vai imbora, mais tu num bobeia não.* (E119 p. 36)

(18) *Se num quisé, cê vai me devovê o porco.* (E 23 p. 101)

b) Zona urbana

(19) *Tu num faz também não.* (E 1 p. 5)

(20) *Aí cê num vai sabê de nada.* (E 21 p. 90)

3.4.2.2.3 Fator 3: O gênero/sexo do falante

Vários estudos variacionistas demonstraram que mulheres e homens fazem opções diferentes em relação à fala. Conforme Labov (1990), em caso de variação estável, as mulheres preferem as formas de prestígio e, em casos de mudança lingüística, as mulheres seriam as inovadoras. Afirma que o comportamento lingüístico de homens e mulheres varia nas diversas camadas da sociedade. Portanto, é importante analisar essa variável e verificar sua força.

Abaixo, alguns exemplos ilustrativos retirados do *corpus*:

a) mulher

(21) *Tu vai também prus buteco sozinha.* (E 4 p. 15)

(22) *Ô, meu filho, o que que cê tem?* (E 18 p. 72)

b) homem

(23) *Tu joga eu no fogo onça qui no fogo eu iscapo.* (E 11 p. 38)

(24) *Cê cê num falô que tava dueno não.* (E 15 p. 56)

3.4.2.2.4 Fator 4: O tipo de discurso: atual ou relatado

Para análise desse fator, consideramos como discurso atual aquele produzido no momento da interação conversacional, e, como discurso relatado, as falas reproduzidas, que poderiam ser tanto do falante como de outras pessoas. O objetivo de analisar essa variável é verificar se o

tipo de discurso interfere na variação *tu/você*, uma vez que, nos dados, foram identificados os seguintes trechos:

a) discurso atual

(25) *Tu gostava dela!* (E 1 p. 6)

(26) *E aquele menino que cê brigô mais ele?* (E 1 p. 4)

b) discurso relatado

(27) *Aí São Pedro: sapo, tu vai imhora, sapo.* (E 11 p. 36)

(28) *Aí os pai e as mãe dele falô:*

– *Cês vâi tê que casá*

– *Intão tá bão, tratô o casamento e foi casá.* (E 11 p. 36)

3.4.2.2.5 Fator 5: O estatuto do locutor na interação

Segundo Wardhaugh (2002), certas escolhas lingüísticas que o falante faz numa dada situação interacional depende do tipo de relacionamento social que esse falante estabelece com o seu interlocutor. Afirma o autor que as relações de poder, solidariedade, intimidade, polidez, distanciamento e respeito podem indicar as formas de tratamento a serem usadas, conforme o tipo de situação interacional estabelecido entre os interlocutores.

É importante ressaltar que essas relações podem aparecer uma sobreposta à outra dependendo, por exemplo, da região geográfica dos interlocutores, do contexto interacional, do sexo, da classe social, da idade ou do grau de escolaridade do falante. Portanto, a caracterização de um determinado uso como simplesmente *polido, íntimo ou formal* pode não ser suficiente para determinar toda uma interação.

O fator ‘estatuto do interlocutor na interação’ foi escolhido por considerar possível que ele exerça influência na alternância de uso das formas de tratamento. Portanto, para capturar o estatuto do locutor na interação, foram selecionados os seguintes tipos de díade: pai/filho, filho/pai, mãe/filha; filha/mãe; esposa/marido; marido/esposa; colegas de escola; colegas de trabalho; vizinhos; amigos; aluno/professor; professor/aluno; vendedor/comprador;

comprador/vendedor; chefe/subordinado; subordinado/chefe; entrevistador/entrevistado; entrevistado/entrevistador.

Alguns trechos retirados do *corpus* exemplificam a identificação de tal estatuto:

a) pai para filho

(29) *Aí pai falô: qui é, minino, que qui tu tem?* (E 23 p. 103)

(30) *Essa égua é pr'ocê andá aí.* (E 23 p. 102)

b) esposa para marido

(31) *Ó marido, tu vai trabaiá.* (E 16 p. 61)

(32) *Num vai não, marido, cê sabe que ela é invejosa.* (E 18. p. 73)

3.4.2.2.6 Fator 6: A faixa etária

O fator faixa etária tem-se apresentado como relevante nos estudos variacionistas. Optou-se por testá-lo para verificar se a idade dos falantes interfere na alternância pronominal estudada. Além disso, sabe-se que a análise dessa variável, em relação a um fenômeno estudado, poderá indicar duas direções: a variação estável ou a mudança em curso conforme já explicitado no capítulo 2 – Referencial Teórico.

Frases retiradas do *corpus* exemplificam essa variável:

a) Faixa etária: 07 a 14

(33) *Tu num faz também não.* (E 1 p. 6)

(34) *Ocê mente também.* (E 1 p. 7)

b) Faixa etária 15 a 25

(35) *Pur que cê num chama alguém pra i mais tu?* (E 5 p. 15)

(36) *Onde cê vende?* (E 1 p. 7)

c) Faixa etária 26 a 49

(37) *Ô mais tu é besta.* (E 11 p. 37)

(38) *Cê mim dá quanto?* (E 23 p. 101)

d) Faixa etária acima de 50 anos

(39) *Se é longe, cê fala?* (E 24 p.106)

(40) *Eu vô cabá de te contá agora.* (E 24 p. 110)

3.5 Os testes de produção

Os testes foram realizados observando-se os critérios: os informantes seriam abordados em ambientes informais, ou seja, nas praças, no pátio da escola, na rua.

Antes de iniciar as gravações para a coleta dos dados, foi esclarecido aos informantes que se tratava de um trabalho que teria a finalidade de saber qual era a opinião dos mesmos sobre vários assuntos, mas que tais opiniões deveriam ser expressas através de perguntas e respostas elaboradas por eles mesmos. Assim, seria sugerida uma palavra para que o informante fizesse uma pergunta para o outro e este responderia e faria também uma pergunta, tendo em vista as palavras que seriam propostas⁹.

Criou-se, dessa maneira, a seguinte situação: o entrevistador sugeria a palavra e um informante fazia a pergunta, conforme mostram os exemplos abaixo:

E- Bicicleta, faça uma pergunta pra ele.

I1- Cê gosta muito de bicicleta?

I2- Gosto. Meu esporte favorito é ciclismo.

E- Faça uma pergunta pra ele.

I2- Que qui tu acha [daque] dessas bicicleta qui tu vê ?

(Entrevistador sugere palavras a dois colegas de sala – T 1 p. 96)

⁹ Agradecemos à Profa. Jacira Mota a sugestão desse formato de teste. Essa sugestão nos foi feita, em informação verbal, durante o I Encontro Internacional do GT de Sociolinguística da ANPOLL, Rio de Janeiro, 2007.

Foram 34 palavras sugeridas (escola, professor, Lontra, conselhos, estudo, trabalho, profissão, vida, sonho, jovem, região, praça, trânsito, violência, idade, transporte, nome, esportes, diversão, festas, vaquejada, música, amigos, pais, cola, fofoca, briga, namorado, cantada, bicicleta, irmãos, brincadeira, férias, domingo). Essas palavras foram selecionadas de modo a propiciar perguntas e respostas sobre temas mais formais ou menos formais. Definimos por temas menos formais os mais familiares ao falante, aqueles que fazem parte do seu dia-a-dia e que, em situações de interação, ficaria mais à vontade para tratá-los. Nosso objetivo era que, abordando esses temas, os falantes usariam um estilo de fala menos planejado e, conseqüentemente, usariam mais a forma ‘tu’.

Um tema menos formal pode ser exemplificado com o seguinte trecho dos testes:

I2- *Tu, é:: quando tu foi na quadra e tu participô foi bom?*

I1- *Fo::i.*

I1- *Que qui tu acha de amigos?*

I2- *Eu acho bom, eu vô na festa mais es.*

I1- *Teus amigo é bom?*

I2- *É bom dimais eu ajudo eles, eles me ajuda.*

(T 1 p. 3-4)

Definimos como temas mais formais aqueles não familiares aos falantes, que não fazem parte das conversas cotidianas deles e que, em situações de interação, ficariam menos à vontade para tratá-los. Um tema mais formal pode ser exemplificado no trecho abaixo, retirado dos testes:

I2- *É:: os trabalho que os professô passa tu consegue fazê?*

I1- *Eu consigo, mais tem qui pidi ajuda.*

E- *Faça uma pergunta pra ele.*

I1- *E os trabalho de iscola **você** consegue fazê?*

I2- *A maioria eu consigo fazê otros eu tenho que pidi ajuda (riso) { } num consegue fazê certo em aula.*

(T1 p. 3-4)

QUADRO 3

Lista das palavras, distribuídas conforme o grau de formalidade do tema

Temas	
(+ formais)	(- formais)
Escola	Esportes
Professor	Festas
Lontra ¹⁰	Diversão
Conselhos	Vaquejada
Estudo	Música
Trabalho	Amigos
Profissão	Pais
Vida	Cola
Sonho	Fofocas
Jovem	Brigas
região	Namorado
Praça	Cantada
Trânsito	Bicicleta
Violência	Irmãos
Idade	Brincadeira
Transporte	Férias
Nome	Domingo

Os testes tiveram como resultado 278 perguntas e 277 respostas. O *corpus* formado pelas perguntas e respostas somaram 9.323 palavras.

¹⁰ Lontra é o nome de um município vizinho de São João da Ponte – MG.

3.6 Considerações finais

Portanto, compusemos a amostra através das entrevistas entre os habitantes de São João da Ponte e distritos. Foram 24 informantes, com nível de escolaridade até o Ensino Fundamental, de quatro faixas etárias diferentes (07-14; 15-25; 26-49; e 50 acima). As falas foram transcritas, codificadas e submetidas ao programa computacional GoldVarb 2001, que fez a análise estatística dos dados e gerou os pesos relativos e os percentuais de ocorrência de cada variante. Foram selecionadas também pelo programa as variáveis internas e externas estatisticamente relevantes para o condicionamento da variação *tu/você* nos dados analisados. Foram aplicados testes de produção cujos dados também foram submetidos ao programa computacional, seguindo os mesmos critérios da amostra. Foram fornecidas as variáveis relevantes. Os resultados apresentados pelos testes foram analisados e comparados aos da amostra de entrevistas.

Passaremos, neste próximo capítulo, à análise dos resultados obtidos com a amostra e, em seguida, apresentaremos a análise dos resultados obtidos com os testes de produção.

4.1 Introdução

Neste capítulo, serão apresentados os resultados da análise quantitativa da variável dependente <pronome de tratamento ao interlocutor>, cujas variantes são: a forma pronominal ‘tu’ e a forma pronominal ‘você’, conforme os exemplos abaixo:

(1) a) *Por que não chama alguém pra ir mais tu.* (E 4 p. 15)

b) *Ô, Édson, cê num vai não?* (E 4 p. 16)

Em síntese, as variantes podem ser assim esquematizadas:

QUADRO 4

A variável dependente

Variável	Variantes
Formas pronominais de tratamento ao interlocutor	Forma pronominal ‘tu’ Forma pronominal ‘você’

A seguir, serão apresentados os resultados obtidos com todos os dados coletados. Posteriormente, faremos um recorte quantificando apenas as variantes em posição de sujeito e de objeto.

Três seções comporão este capítulo. Na primeira, apresentaremos a distribuição das variantes. Na segunda, trataremos dos fatores lingüísticos e extralingüísticos que foram selecionados pelo Programa GoldVarb 2001 como estatisticamente relevantes para a explicação da variação *tu/você* no português falado na comunidade de São João da Ponte. Na terceira seção, serão feitas considerações sobre os fatores que não foram selecionados pelo programa, mas que, de

certa maneira, contribuem para a compreensão da referida variação, e, por último, será feita uma breve comparação com os resultados das pesquisas resumidas no capítulo 1.

4.2 A variável dependente

Tendo em vista a delimitação do fenômeno lingüístico variável, tem-se, a seguir, a distribuição das ocorrências no *corpus* analisado. Ao todo foram analisadas 512 ocorrências de formas de tratamento. A TAB. 1 apresenta a distribuição de tais ocorrências.

TABELA 1
Distribuição das ocorrências das formas pronominais
‘tu’ e ‘você’ na amostra

	Nº. de ocorrências /Total	Porcentagens ¹¹
TU	49/509	10%
VOCEÊ	460/509	89%

Portanto, foram levantadas, no *corpus* analisado, 509 ocorrências de formas pronominais, sendo 49 (10%) ocorrências de ‘tu’ e 460 (89%) de ‘você’. Nesse total, incluem-se os pronomes pessoais sujeitos, os pronomes pessoais objetivos e os pronomes possessivos. Apresentaremos isoladamente os dados do ‘tu’ para melhor detalhamento dessa variante.

Embora o índice de ocorrência de ‘tu’ seja de apenas 10%, tais dados são reveladores de um traço cuja presença era considerada *inexistente no dialeto mineiro* (MENDES, 1998, p. 135–150). Isso faz do município de São João da Ponte uma ilha lingüística em Minas Gerais. Outras poderão ser encontradas, mas até agora não o foram.

¹¹ Porcentagens apresentadas conforme programa *GoldVarb 2001*: 99% e não 100%.

4.2.1 Detalhamento da variante ‘tu’

As formas consideradas para análise foram *tu*, *te*, *ti* e *teu*, conforme mostra TAB. 2 abaixo:

TABELA 2
Distribuição da forma ‘tu’ na amostra

Formas Pronominais/ Função sintática	Nº de ocorrências/Total
Tu/ sujeito	19/49
Tu/ objeto de verbo	02/49
Te/ objeto de verbo	25/49
Ti /objeto de preposição	01/49
Tua/ adjunto adnominal	02/49
Total	49/49

Conforme se observa, das 49 ocorrências de ‘tu’, 19 foram como pronome sujeito, 27 foram como pronome objeto de verbo, 01 foi como objeto de preposição e 02 foram como pronome possessivo ‘tua’. Não foi encontrado no *corpus* o pronome possessivo ‘teu’. Percebe-se, pois, que o número maior de ocorrências se situa nas posições de sujeito e de objeto de verbo.

Houve apenas 02 ocorrências da forma ‘tu’ como objeto do verbo. São elas:

() *Eu vô mandá **tu** pros quinto dos infernos.* (E 4 p. 17)

() *Eu vô jogá **tu** dend’água.* (E 11 p. 38)

Encontrou-se apenas um dado da função sintática objeto de preposição, a saber:

() *Oí, num falei com **ti**¹² que o cuei num tava aí.* (E 11 p. 38)

As duas ocorrências da forma possessiva foram:

() *Mintira **tua**!* (E 1 p. 5)

() ***Cê** ajuda **tua** mãe vender os biscoitos, não?* (E 1 p. 7)

A TAB. 2 permite constatar um fato já identificado em outros trabalhos feitos em outras regiões de Minas: a sobrevivência da forma ‘te’. O que há de novidade nesta tabela é o uso do ‘tu’ em outras posições.

Tais números contrariam a afirmativa de muitos lingüistas de que a forma ‘você’ substituiu efetivamente as formas *tu/te* no Português Brasileiro. Conforme esse autor, para a esmagadora maioria dos brasileiros, só há duas formas de tratamento relativamente vivas e essas formas seriam os pronomes *ocê* e *senhor*.

4.2.2 Detalhamento da variante ‘você’

As formas consideradas para computar os números abaixo foram *ocê, ocê, cê e sua*. Não foi computada a forma possessiva *seu*, uma vez que, conforme já mencionado, não foi encontrada a forma possessiva *teu*. Não incluímos também as ocorrências da forma *ele*, uma vez que nos interessava o tratamento ao interlocutor. Também não foram incluídos os vazios, porque não encontramos verbos na 2ª pessoa com sujeito vazio.

¹² É interessante observar que na forma usada não ocorre a duplicação da preposição conforme uso atual: *Contigo* pron. ‘em tua companhia’ XIII. Do lat. *Tecum* (no latim vulg. *Ticum*) com reduplicação da prep. *Cum*: *cum tecu* > * *contego*; *cum ticum*> *contigo*. No port. Med. Ocorria, com bastante freqüência, a forma simples *tigo* (CUNHA, 1986, p. 211).

TABELA 3**Distribuição da forma ‘você’ na amostra**

Formas Pronominais	Nº ocorrências
Pronome sujeito	392
Pronome objeto	11
Pronome objeto de preposição	19
Pronomes possessivos	38
Total	460

Em relação à forma s ‘você’, foram computadas 461 ocorrências, sendo que 392 foram como pronome sujeito, 11 foram como pronome objeto de verbo, 19 foram como pronome objeto de preposição e 38 foram como pronome possessivo.

Retomando os números apresentados nas TAB. 2 e 3, verifica-se que é nas posições de sujeito e objeto que as duas formas pronominais apresentam maior frequência absoluta. Buscar uma explicação para essa distribuição constitui o objetivo do presente trabalho, conforme já mencionado na Introdução.

Uma vez apresentadas as ocorrências em dados absolutos, seguem-se as análises das variáveis selecionadas com as respectivas tabelas em que se apresentam as frequências em dados relativos.

A partir do presente momento, vamos considerar apenas as variantes em posição sujeito e objeto, o que soma 469 dados (47 ocorrências de ‘tu’ e 423 ocorrências de ‘você’).

4.3 As variáveis independentes

Nessa etapa da análise, foram consideradas apenas as variantes em posição de sujeito e objeto, tendo sido excluídas, portanto, as formas possessivas. Foram selecionados para análise nove grupos de fatores, sendo três (03) fatores lingüísticos e seis (06) extralingüísticos.

4.3.1 As variáveis lingüísticas

As variáveis lingüísticas escolhidas para análise objetivam criar a possibilidade de verificar quais são os ambientes lingüísticos favoráveis para a ocorrência das formas pronominais ‘tu’ e ‘você’.

4.3.1.1 A função sintática da variante

Das variáveis lingüísticas testadas, mostrou-se estatisticamente relevante para explicar a seleção do pronome o fator função sintática da variante. Abaixo, a TAB. 4 mostra a distribuição do tratamento por ‘tu’ e por ‘você’ conforme a função sintática.

TABELA 4

Distribuição da forma ‘tu’ conforme função sintática na sentença

Forma Pronominal	2ª pessoa		
	Nº ocorrências/Total	%	Peso relativo
Sujeito	19/411	4	.41
Objeto	28/58	48	.91
Total	47/469		

O que esses números permitem concluir, primeiramente, é que, embora a variante ‘você’ predomine na função subjetiva, o fato de ‘tu’ estar em variação constitui um dado muito importante, porque permite configurar o local da coleta da amostra como uma ilha lingüística no Estado de Minas Gerais, conforme já afirmamos. Verificar por que o ‘tu’ se manteve nessa região e quais os seus condicionamentos constitui nossa tarefa no presente trabalho.

Na posição objeto, a variante preferida é o ‘te’. O uso da forma átona não constitui uma especificidade da fala do município de São João da Ponte, pois outros municípios mineiros também a usam. O que há de revelador aqui é o uso da forma tônica. Os enunciados relevantes aparecem repetidos abaixo:

() *Eu vô mandá **tu** pros quinto dos infernos.* (E 4 p. 17)

() *Eu vô jogá **tu** dend’água.* (E 11 p. 38)

Além disso, é importante ressaltar que as ocorrências do ‘tu’ superam as ocorrências do ‘você’ nessa posição; o peso relativo .91 mostra isso.

4.3.2 As variáveis sociais

Das variáveis sociais, foram selecionadas pelo Programa como estatisticamente relevantes os fatores: grau de intimidade entre os falantes, o estatuto do interlocutor na interação e a faixa etária.

4.3.2.1 O grau de intimidade entre os falantes

A primeira variável social selecionada pelo Programa GoldVarb 2001 foi o grau de intimidade entre os interlocutores. O resultado da análise desse fator poderá confirmar a hipótese inicial levantada de que a variação *tu/você* no Norte de Minas, especificamente em São João da Ponte depende da alternância entre os estilos (formal ou informal) e o tipo de relação entre os interlocutores (maior intimidade/menor intimidade).

A TAB. 5 a distribuição das formas de ‘tu’ e ‘você’ conforme o grau de intimidade entre os falantes.

TABELA 5**Distribuição da forma ‘tu’ conforme o grau de intimidade**

2ª pessoa			
Grau de intimidade	Nº ocorrências/Total	%	Peso relativo
Íntimo	42/156	26	.81
Não íntimo	5/313	1	.32
Total	47/469		

Com base nos pesos relativos apresentados na tabela acima, pode-se concluir que o grau de intimidade entre os interlocutores favorece o uso do ‘tu’. Para definir esse grau, usamos como parâmetro o tipo de díade, conforme exposto no capítulo Metodologia. Para explicitar a adequação desse parâmetro, apresentaremos, a seguir, uma listagem das díades encontradas, acompanhadas do número de ocorrências do ‘tu’.

TABELA 6

Distribuição da forma ‘tu’ conforme o tipo de díade presente na amostra

Díades	Nº ocorrências	%
1. Pais/filhos	8/27	29
2. Filhos/pais	0/3	0
3. Esposa/ marido	1/7	14
4. Marido/esposa	0/4	0
5. Colegas de escola	0/0	0
6. Colegas de trabalho	0/0	0
7. Amigos	26/76	34
8. Professor/aluno	0/2	0
9. Aluno/ professor	0/1	0
10. Comprador/vendedor	1/3	33
11. Vendedor/comprador	0/2	0
12. Chefe/subordinado	2/15	13
13. Subordinado/chefe	1/6	16
14. Entrevistador/entrevistado	2/266	0,8
15. Entrevistado/entrevistador	6/57	10
TOTAL	47/469	

A TAB. 6 revela-nos que o ‘tu’ ocorreu em maior percentagem em dois tipos de díades: nas que mais claramente se definem como igualitárias (por exemplo, linhas 3 e 7) e naquelas em se estabelece relação de poder (por exemplo, linhas 1 e 10).

Bortoni-Ricardo (2002) afirma que um falante, diante de interlocutor desconhecido ou de maior poder na hierarquia social ou a quem ele precisa ou deseja impressionar, sentir-se-á na obrigação de usar um estilo mais cuidado. E, para obter tal efeito, precisa prestar mais atenção à sua fala. Argumenta que o interlocutor é talvez o mais importante determinante do grau de pressão comunicativa que opera sobre o falante.

Então, parece-nos coerente concluir que, nas relações de maior intimidade, ou nas relações de poder superior para inferior, a obrigação de uso de um estilo mais cuidado desaparece, uma vez que não há o desejo de ‘impressionar’, o que tenderá ao uso de um estilo amplamente informal. Isso explicaria o maior índice de uso da forma ‘tu’ nos referidos tipos de díades.

4.3.2.2 O estatuto do locutor na interação

O estatuto do locutor na interação foi outro fator que se mostrou relevante. A TAB. 7 mostra a distribuição da forma ‘tu’, observando se a variante ocorre na fala do locutor 1, do locutor 2 ou do locutor 3.

TABELA 7

Distribuição da forma ‘tu’ conforme o estatuto do locutor na interação

2ª pessoa			
Estatuto do locutor	Nº ocorrências/Total	%	Peso relativo
Locutor 1	02/260	0,7	.18
Locutor 2	42/201	20	85
Locutor 3	03/8	37	.95
Total	47/469		

Pela comparação dos pesos relativos dos três estatutos, percebe-se ser o locutor 1 o que menos favorece o uso do ‘tu’; os locutores 2 e 3 são aqueles que mais favorecem. A diferença para menor do locutor 1 em relação aos locutores 2 e 3 poderia ser explicada pelo fato de estes ficarem mais à vontade durante a interação, por já ter sido quebrada a tensão da primeira menção ao interlocutor, tarefa desempenhada pelo locutor um.

A seleção desse fator é mais uma confirmação de que a variação de uso das formas ‘tu’ e ‘você’ depende da alternância entre os estilos (formal ou informal) e o tipo de relação entre os interlocutores (maior intimidade/menor intimidade).

4.3.2.3 A faixa etária

A faixa etária foi outro fator selecionado. A TAB. 8 abaixo mostra a distribuição das formas ‘tu’ de acordo com cada faixa etária.

TABELA 8

Distribuição da forma ‘tu’ conforme a faixa etária

2ª pessoa			
Faixa etária	Nº ocorrências/Total	%/	Peso relativo
7 a 14 anos	4/31	12	.30
15 a 25 anos	10/274	3	.72
26 a 49 anos	32/131	24	.19
50 anos acima	1/33	3	.14
Total	47/469		

A TAB. 8 mostra que há estabilidade. Com base nos pesos relativos, o perfil de variação fica claro no gráfico de linha que será apresentado a seguir (GRAF. 1)

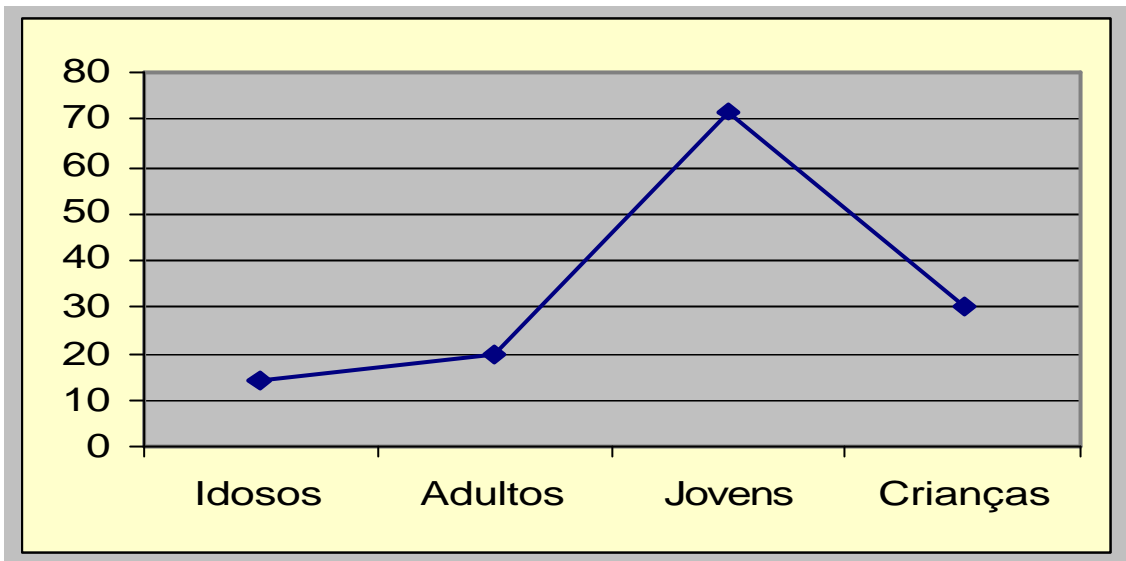


GRÁFICO 1 – Uso da forma ‘tu’ conforme a faixa etária

O resultado apresentado é curioso, embora não seja surpreendente, uma vez que se esperava uma redução do uso de ‘tu’. Tendo em vista os depoimentos obtidos através de gravações feitas com alguns falantes, conclui-se que, o uso do ‘tu’, embora freqüente na região, é considerado como uso reservado e estigmatizado, sendo permitido apenas em determinadas situações de interação, conforme mostram trechos retirados dos depoimentos¹³:

A palavra tu é uma palavra muito forte. É uma palavra certa, ah, eu acho uma palavra muito grossa. Eu, por exemplo, tenho alguns sobrinho que até hoje me chama tu. Chamasse você, a senhora é uma língua mais correta, mais delicada, né? (LA- 45 anos)

Até a professora lá da sala nossa ela insinô pra nós. Ela falô pra nós, com a gente, com as pessoa mesmo daqui da região a gente pode falá tu, essas pessoa assim de fora procura falá mais certo. (JÁ – 13 anos)

Parece procedente concluir que a significativa correlação entre a idade e o uso do ‘tu’ trata-se de gradação etária, que é a mudança de comportamento lingüístico característica de uma certa idade, que se repete em cada geração, alterando a freqüência de algumas variáveis lingüísticas por serem modificadas ou corrigidas em uma idade mais avançada do indivíduo. Para Labov

¹³ Outros depoimentos encontram-se nos anexos.

(1966), adolescentes e adultos jovens usam variantes estigmatizadas mais livremente do que falantes de meia – idade especificamente quando estão sendo observados.

Assim, o favorecimento exibido pela faixa etária de 15 a 25 anos poderia estar relacionado à construção de identidade desse grupo. Portanto, esse uso é tomado como uma característica lingüística que, conforme afirma Lucca (2005), faria parte de *um conjunto de estratégias lingüísticas de diferenciação de fala*. Os jovens sabem que esse uso é reservado, mas em situações que cabem o estilo informal, usam-no como característica lingüística própria.

A seguir, apresentamos a distribuição de uso da forma ‘tu’ por falante, na amostra.

TABELA 9**Distribuição de uso da forma 'tu', por falante, na amostra**

Informante	Sexo	Faixa etária	Nº de ocorrências	%
DARL	M	7-14	1/1	50
RAE	M	7-14	3/2	60
MAT	M	7-14	0/8	0
PAN	F	7-14	0/0	0
DEB	F	7-14	0/3	0
TAT	F	7-14	0/0	0
ELC	M	15-25	0/16	0
JAI	M	15-25	0/0	0
MARC	M	15-25	1/0	0
VER	F	15-25	7/2	78
POL	F	15-25	0/1	0
KAR	F	15-25	2/258	1
WILL	M	26-49	2/11	15
PA	M	26-49	22/56	28
WIL	M	26-49	2/8	20
MAL	F	26-49	0/2	0
MANT	F	26-49	6/23	21
MAI	F	26-49	0/0	0
FRAN	M	50 acima	0/2	0
ART	M	50 acima	0/0	0
MARL	M	50 acima	0/9	0
EMIS	F	50 acima	0/0	0
MDU	F	50 acima	0/1	0

Observa-se que os falantes que apresentam as maiores porcentagens de uso da forma 'tu' são aqueles que têm entre 7 e 25 anos. Esse dado corrobora a análise de que esse uso poderia ser tomado como uma característica lingüística, como uma das *estratégias usadas por esses jovens para diferenciação de fala* (LUCCA, 2005). É importante ressaltar que os outros falantes que fazem o uso da forma 'tu' o fazem em discurso relatado. O falante WILL e CAR contam experiências pessoais; os falantes PA, WILL e MANT fazem retextualizações de histórias inventadas e que são contadas na região. Mesmo sendo PA, WIL e MAT contadores de casos, resolvemos conservá-los no grupo de falantes que compuseram a amostra a fim de verificar o comportamento do fenômeno pesquisado nesse tipo de discurso.

Embora o fator tipo de discurso não tenha sido selecionado pelo programa, poder-se-ia dizer que é um fator favorecedor ao uso do 'tu'. Uma explicação que se poderia dar para esse alto índice de uso da forma 'tu' é que, como sabemos, o falante, ao narrar, desvencilha-se da preocupação com a forma, devido ao seu envolvimento com o relato. Além disso, parece coerente pensar também que o afastamento do fato narrado dá 'permissão' para uma maior intimidade, fazendo produzir um discurso em um estilo mais informal, proporcionando ocorrências da forma 'tu', que, aparece com índices mais elevados conseqüentemente em interações de maior intimidade e informalidade, como já afirmamos anteriormente.

Um outro ponto a considerar é o fato de os falantes WILL, CAR, PA, WIL E MAT pertencerem à região rural de atuação profissional.

Observa-se também que a falante VE, que apresenta a mais alta porcentagem de uso da forma 'tu', tem entre 15 e 25 anos; pertence à zona rural de ocupação profissional; e faz uso do 'tu' em discurso relatado.

Os resultados aqui apresentados permitiram desvendar os condicionamentos da variação em análise. Já que o número de ocorrências da variante 'tu' era relativamente pequeno (47), procedemos à realização de testes. Estes constituem um recurso bastante usual recomendado pela metodologia variacionista (TARALLO, 1997, p. 52-57).

4.4 Análise dos testes de produção

4.4.1 Introdução

Conforme foi explicitado no capítulo 3 – para constituição do *corpus* da pesquisa, procurou-se usar, além de entrevistas sociolingüísticas, estratégias que criassem situações naturais de fala e que possibilitassem enriquecer o *corpus*, aumentando o número de ocorrências relevantes.

Optou-se pelo teste de produção que consiste em criar mecanismos que levem o informante a construir a variável, escolhendo entre uma e outra variante. Os resultados obtidos através desses testes foram comparados com os resultados apresentados nas entrevistas. A metodologia seguida para elaboração e aplicação dos testes foi descrita no capítulo 3. Aqui apresentaremos os resultados obtidos.

4.4.2 A análise quantitativa

Para a análise quantitativa das respostas dadas pelos informantes durante os testes, foram selecionados os mesmos nove grupos de fatores que foram selecionados para análise do *corpus de entrevista*. Assim, foram testados três (03) fatores lingüísticos e seis (06) extralingüísticos, a saber, a função sintática da variante, o tempo verbal, o tipo de frase, o grau de intimidade entre os falantes, o tipo de discurso (atual ou relatado), a área geográfica de atuação profissional do falante, o sexo, e a faixa etária. Foram considerados significativos os fatores função sintática da variante, os tipos de discurso, a área geográfica de atuação profissional do falante e a faixa etária.

4.4.3 A variável dependente

Podemos observar a variável dependente no QUADRO 4 (p. 59) e a TAB. 10 apresenta a distribuição das variantes.

TABELA 10**Distribuição das ocorrências de ‘tu’ e de ‘você’ nos testes**

	Nº de ocorrências /Total	Porcentagens
2ª pessoa	43/172	25%
3ª pessoa	129/172	75%

Foram obtidas, nos testes, 172 ocorrências de formas pronominais ‘tu’ e ‘você’, sendo que 43 (25%) foram da forma ‘tu’ e 129 (75%) foram da forma ‘você’. Nesse total, incluem-se os pronomes pessoais sujeitos, os pronomes pessoais objetivos e os pronomes possessivos. É importante notar que, nos testes, obtivemos, proporcionalmente, quase o triplo de ocorrências da variante ‘tu’, respectivamente, 49/509 e 43/172. Veja-se que o total de ocorrências de ‘tu’ é semelhante, mas o *corpus* total, nos testes, é pouco inferior à metade daquele obtido nas entrevistas.

Abaixo, apresentaremos a distribuição de uso da variante ‘tu’, para melhor detalhamento da variação em estudo.

4.4.4 Detalhamento da variante ‘tu’ nos testes

Assim como na amostra, as formas consideradas nos testes foram *tu*, *te*, *ti* e *teu*, conforme mostra TAB. 11 que se segue:

TABELA 11
Distribuição de uso da forma ‘tu’ nos testes

Formas Pronominais/ Função sintática	Nº de ocorrências/Total
Tu/sujeito	33/43
Tu/ objeto de verbo	00/43
Te/ objeto de verbo	06/43
Ti /objeto de preposição	00/43
Teu/ adjunto adnominal	04/43
Total	43/43

Conforme se observa, das 43 ocorrências da forma ‘tu’, 33 ocorreram em posição sujeito e 6 em posição objeto. O maior número de ocorrências da variante se deu na posição sujeito, o que se explica pelo próprio formato do teste, pois se pedia ao informante que formulasse uma pergunta a um interlocutor indicado. Tal como nas entrevistas, foi baixo o número de possessivos. Observa-se aqui a ausência das formas tônicas ‘tu’ e ‘ti’ como pronome objeto.

TABELA 12
Distribuição de uso da forma ‘você’ nos testes

Formas Pronominais	Nº ocorrências
Pronome sujeito	120/129
Pronome objeto	01/129
Pronome objeto de preposição	01/129
Pronomes possessivos	07/129
Total	129 /129

Em relação à forma ‘você’, foram computadas, nos testes, 129 ocorrências, sendo que a maioria (120) ocupa a posição sujeito, sendo ínfimo o número de ocorrências em posição objeto, posição preferencialmente ocupada pelo ‘tu’, conforme veremos em pesos relativos.

4.5 As variáveis independentes

Nessa etapa da análise dos testes, foram excluídas as formas possessivas, acompanhando a metodologia adotada no *corpus* formado por entrevistas. Os resultados, a seguir, aparecem em forma de peso relativo.

4.5.1 As variáveis lingüísticas

As variáveis lingüísticas escolhidas para análise dos testes também objetivam criar a possibilidade de verificar quais são os ambientes lingüísticos favoráveis para a ocorrência da forma de tratamento por ‘tu’ e da forma de tratamento por ‘você’. Nos testes, vejamos os resultados.

4.5.1.1 A função sintática da variante

Das variáveis lingüísticas testadas, mostrou-se estatisticamente significativo o fator função sintática da variante. Abaixo, a TAB. 13 mostra a distribuição das formas pronominais de 2ª pessoa conforme função sintática.

TABELA 13

Distribuição da forma ‘tu’ conforme função sintática na sentença

Função sintática	Nº ocorrências/Total	%	Peso relativo
Sujeito	33/153	21	.45
Objeto	06/08	75	.95
Total	39/161		

A TAB. 13 mostra que, das 161 ocorrências das formas pronominais em posição sujeito apuradas, 21% são com a variante ‘tu’. Em pesos relativos, são semelhantes os números, nos testes e nas entrevistas, respectivamente, .45 e .41.

Na posição objeto, o peso de .95 deixa clara a preferência pelo ‘tu’. Resultado quase idêntico havia sido verificado nas entrevistas.

4.5.2 Variáveis sociais

Das variáveis sociais, foram selecionadas pelo Programa como estatisticamente relevantes os fatores: o tipo de discurso: atual ou relatado, a área geográfica de atuação profissional do falante, o estatuto do locutor na interação e a faixa etária. A seguir, apresentaremos a análise dos resultados desses fatores.

4.5.2.1 O tipo de discurso: atual ou relatado

A variável social selecionada tipo de discurso permitiu verificar, nos testes, qual o tipo favorecedor ao uso do ‘tu’, se o discurso atual ou o discurso relatado. A TAB. 14 mostra a distribuição da forma ‘tu’ conforme tais tipos.

TABELA 14

Distribuição da forma ‘tu’ conforme o tipo de discurso

Tipo de discurso	Nº ocorrências/Total	%	Peso relativo
Atual	28/114	24	.32
Relatado	11/47	23	.85
Total	49/161		

Pelo que se vê, nos testes, o discurso relatado é altamente favorecedor ao uso do ‘tu’ apresentando peso relativo .85. Uma explicação que se poderia dar para a relevância do discurso relatado na escolha da forma ‘tu’ é que, conforme já afirmamos, o falante, ao narrar,

desvencilha-se da preocupação com a forma, devido ao seu envolvimento com o relato. Poder-se-ia considerar também que o afastamento do fato narrado dá ‘permissão’ para uma maior intimidade fazendo produzir um discurso em um estilo mais informal, proporcionando ocorrências do ‘tu’, que aparece com índices mais elevados conseqüentemente em interações de maior intimidade e informalidade.

4.5.2.2 A área geográfica de atuação profissional: rural ou urbana

O outro fator selecionado pelo programa, na análise dos testes, foi a área geográfica de atuação profissional do falante: rural ou urbana. A TAB. 15 mostra a distribuição da forma ‘tu’ conforme essas regiões.

TABELA 15

Distribuição da forma ‘tu’ conforme a área geográfica de atuação profissional do falante

Região	Nº ocorrências/Total	%	Peso relativo
Urbana	13/126	10	.29
Rural	26/35	74	.96
Total	39/161		

A TAB. 15 mostra que das 39 ocorrências da forma ‘tu’, 13 (10%) são de falantes que atuam profissionalmente na área urbana e 26 (74%) são de falantes que atuam na área rural. O peso relativo .96 é evidência de que trabalhar na área rural favorece o uso da variante ‘tu’. A análise desse fator, nos testes, possibilita afirmar que esse uso constitui uma marca da fala de trabalhadores do campo.

4.5.2.3 O estatuto do locutor na interação

Um outro fator que se mostrou relevante, nos testes, foi o estatuto do locutor na interação. A TAB. 16 mostra a distribuição da forma ‘tu’, observando o comportamento da variante na fala do locutor 1 e do locutor 2 .

TABELA 16
Distribuição da forma ‘tu’ conforme o estatuto do locutor na interação

Estatuto do locutor	Nº ocorrências/Total	%	Peso relativo
Locutor 1	11/74	14	.32
Locutor 2	28/87	32	.65
Total	39/161		

Pela comparação dos pesos relativos dos dois estatutos, percebe-se que, assim como na amostra, também nos testes, o locutor 2 favorece o uso do ‘tu’. Dado que reafirma o resultado apresentado na amostra.

4.5.2.4 A faixa etária

A faixa etária foi outro fator selecionado. A TAB. 17 abaixo mostra a distribuição da forma ‘tu’ de acordo com as faixas etárias testadas. Tendo em vista o resultado apresentado na amostra, em que se verificou o uso do ‘tu’ na faixa etária de 7 a 14 anos, resolvemos testar essa faixa etária, agora comparando-a apenas com os de 15 a 25 anos.

TABELA 17

Distribuição da forma 'tu' conforme a faixa etária

Faixa etária	Nº ocorrências/Total	%	Peso relativo
07 a 14 anos	08/102	7	.34
15 a 25 anos	31/59	52	.77
Total	39/161		

O que se observa é que os pesos relativos aqui apresentados confirmam o resultado da amostra, ou seja, o uso de 'tu' é uma marca do grupo dos jovens. Veja-se o GRAF. 2.

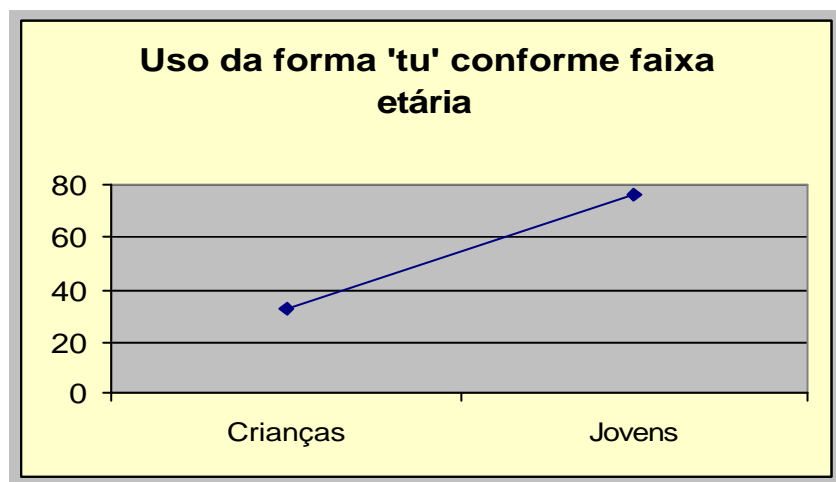


GRÁFICO 2 – Uso da forma 'tu' conforme a faixa etária

Embora todas as faixas etárias utilizem a forma 'tu', fica claro na amostra de entrevistas e nos testes que a faixa etária de 15 a 25 anos apresenta probabilidade de uso significativamente mais alta do que a dos outros grupos etários.

4.6 Conclusões

Comprovamos, através da análise dos resultados da amostra e dos testes, a variação existente entre a forma 'tu' e a forma 'você' na fala dos habitantes da região pesquisada. Ao identificarmos as variáveis favorecedoras para a variação, ficou evidente que esta é altamente dependente de fatores sociais, conforme registraram outros trabalhos que pesquisaram esse fenômeno.

A seguir, apresentaremos as considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para tecer as considerações finais retomaremos uma indagação inicial, feita quando deparamos com a variação *tu/ você* na região de São João da Ponte (MG): quais as motivações para essa alternância de uso, uma vez que em Montes Claros e em outras cidades do Norte de Minas tal fenômeno não é observado? Essa indagação norteou o nosso estudo.

Adotando a metodologia da sociolinguística variacionista, buscamos verificar que fatores históricos, sociais e lingüísticos que poderiam explicar a presença do tratamento por ‘tu’ no dialeto da comunidade de São João da Ponte (MG). Pudemos concluir que a forma ‘tu’ é hoje uma marca do grupo de faixa etária de 15 a 25 anos, e é também um fenômeno da zona rural. A comparação entre São João da Ponte e municípios vizinhos mostra que SJP, diferentemente dos demais, ficou marginalizado do desenvolvimento industrial. O fato de SJP ter mantido o tratamento por ‘tu’, enquanto os municípios vizinhos, mais urbanizados e desenvolvidos o perderam, permite-nos concluir que essa variante lingüística seria um vestígio de um modo de falar rural.

A nossa análise mostrou que o uso da forma ‘tu’ está presente em todas as faixas etárias, porém, é predominante na faixa dos jovens. O fato do ‘tu’ estar presente na fala dos informantes de meia - idade e idosos constitui uma evidência de que não se trata de uma inovação na comunidade.

Ficou evidente que os fatores sociais são determinantes para a variação pesquisada. Dos seis fatores sociais selecionados para análise da amostra, três mostraram ser relevantes para a variação das formas *tu/ você*. Nos testes, foram quatro os fatores sociais selecionados.

Foi confirmada a nossa hipótese inicial de que a variação *tu/você* no Norte de Minas, especificamente em São João da Ponte depende da alternância entre os estilos (formal ou informal) e o tipo de relação entre os interlocutores (maior intimidade/menor intimidade).

O resultado da nossa pesquisa assemelha-se em alguns aspectos ao resultado encontrado por Lucca (2005) na análise do fenômeno da *variação tu/ você na fala brasiliense*, uma vez que os nossos resultados também demonstram o ‘tu’ é amplamente utilizado entre jovens, em um nível de intimidade que proporciona o uso de um estilo informal. Comungamos com a idéia defendida pela autora de que o uso do ‘tu’ pode ser uma estratégia lingüística utilizada pelos jovens para a construção de uma identidade de grupo.

Os resultados da nossa pesquisa revelam que a forma ‘tu’ coexiste com a forma ‘você’, não só nas regiões Norte, Sul e Nordeste, mas também na região Sudeste, mais exatamente no Norte de Minas. É oportuno lembrar que os Atlas lingüísticos incluem o norte mineiro na área do falar baiano (NASCENTES, 1998; ZÁGARI 1998), mas veja-se que São João da Ponte situa-se ao lado de municípios que já não usam o ‘tu’. Em outras palavras, a área descrita como falar baiano inclui áreas lingüisticamente distintas, pelo menos em relação ao uso das formas de tratamento.

Assim como outros trabalhos já o fizeram, constatamos a sobrevivência da forma ‘te’ em posição objeto e também ocorrências da forma nominativa nessa posição. Isso mostra que a tendência desse uso, observada em outros dialetos, verifica-se também na comunidade de SJP.

Acreditamos que o nosso estudo apresenta dados e resultados que contribuem para uma descrição mais acurada do fenômeno da *variação tu/você* no português brasileiro e do chamado ‘falar baiano’.

Novos estudos poderão ampliar as explicações para a *variação* aqui pesquisada, usando, por exemplo, uma amostra mais ampla que incluísse outros níveis de escolaridade de informantes de SJP, e também idosos da vizinha cidade de Montes Claros (MG), que é o pólo industrial e centro urbano da região. Desse modo, poder-se-ão obter evidências capazes de testar nossas conclusões, a saber, o tratamento por ‘tu’ tem sua origem na fala rural, num momento mais remoto da história da língua portuguesa no Brasil. Outro descobrimento seria a aplicação de testes de atitude aos falantes da comunidade pesquisada para verificar a força das informações veiculadas nos depoimentos sobre a percepção social da *variação* em análise.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. 4. ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: INL/MEC, 1982. 195 p. (Obras de Amadeu Amaral).

ANDRADE, Adriana Lília Vidigal Soares de. A variação no uso de você, cê e ocê no português brasileiro falado. In: ENCONTRO NACIONAL DO GELCO: INTEGRAÇÃO LINGÜÍSTICA, ÉTNICA E SOCIAL, 2., Goiânia, 2003. *Anais ...* Brasília: Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, 2004. p. 314-320.

BAGNO, Marcos. *Português brasileiro?: um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola, 2001. 182 p.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário histórico-geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985. p. 58, 189, 317.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucena, 2004. p. 165.

_____. *Moderna gramática portuguesa: cursos 1o. e 2o. graus*. 31. ed. São Paulo: Nacional, 1987. 374 p.

BELL, Allan. Back in style: reworking audience design. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. (Org). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 139-169

_____. Language style as audience design. *Language and Society*, n. 13, p. 145-204, 1984 *apud* LUCCA, Nívia Naves Garcia. *A variação tu/você na fala brasiliense*. 2005. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2005. p. 59.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Um modelo para a análise sociolingüística do português do Brasil. In: BAGNO, Marcos (Org.). *Lingüística da norma*. São Paulo, Loyola, 2002. p. 333-350.

_____. *The urbanization of rural dialect speakers: a sociolinguistic study in Brasil*. New York: Cambridge University Press, 1985. 265 p.

BOTELHO, Tarcísio Rodrigues. *Famílias e escravarias: demografia e família escrava no Norte de Minas Gerais no século XIX*. 1994. 208 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, USP, São Paulo, 1994.

BRASIL, Henrique de Oliveira. *De Contendas à Brasília de Minas*. Montes Claros: [s. n.], 1978. [1 v.].

BRITO, Onilda Regina Marchioni de. *Faça o mundo te ouvir: a uniformidade de tratamento na história do português brasileiro*. 2001. 161 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2001.

BROWN, Roger; GILMAN, Albert. The pronouns of power and solidarity In: SEBEOK, Thomas (Ed.). *Style and language*. Cambridge: MIT Press, 1960. p. 253-277 *apud* LUCCA, Nívia Naves Garcia. *A variação tu/você na fala brasiliense*. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2005. p. 62.

CALLOU, D. M. I.; LEITE, Y.; MORAES, J. A. Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. *Revista Delta*, São Paulo, v. 14, p. 61-72, 1998.

CALMON, Pedro. *História da Casa da Torre: uma dinastia de pioneiros*. 2. ed. aum. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958. 251 p. (Documentos brasileiros, 22).

CARDOSO, José Maria Alves. *A região norte de Minas Gerais: um estudo da dinâmica de suas transformações espaciais*. 1996. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Departamento de Economia, Recife, 1996 *apud* PAMPONET, Greice da Silva. *Norte de Minas Gerais: as primícias do povoamento (séculos XVI e XVII)*. 2004. Monografia – Centro de Ciências Humanas, UNIMONTES, Montes Claros, MG:, 2004. p. 37-44.

CARTA do Padre João de Aspícueta Navarro. *Revista do Archivo Público Mineiro*. Belo Horizonte. Imprensa Oficial, p. 1159-1162, 1899.

CEDERGREN, H. J.; SANKOFF, D. Variable rules: performance as a statistical reflexion of competence. *Language*, v. 50, n. 2, p. 332-335, 1974.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 21. ed. São Paulo: Nacional, 1980. 439 p.

_____. _____. 37. ed. São Paulo: Nacional, 1994. p. 172.

CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic theory: linguistic variation and its social significance*. Oxford: Blackwell, 1995. 284 p.

CHAVES, Edneila Rodrigues. *O sertão de Rio Pardo: sociedade, cultura material e justiça nas Minas oitocentistas*. 2004. 218 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

_____. Território das Minas na colonização portuguesa: contato entre culturas e ocupação. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo, RS. *História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos: anais eletrônicos*. São Leopoldo, RS: ANPUH, 2007. p. 8.

CHOMSKY, Noam. *Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas*. Tradução Lúcia Lobato. Brasília. Ed. UnB, 1998. 83 p.

_____. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge: MIT Press, 1965. 251 p.

- CINTRA, L. F. L. *Estudos de dialectologia portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 1983. (Coleção Nova Universidade).
- COELHO, Maria do Socorro Vieira. *Uma abordagem variacionista do uso da forma você no Norte de Minas*. 1999. 85 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 1999.
- COSTA, Joaquim Ribeiro. *Toponímia de Minas Gerais: com estudo histórico da divisão territorial e administrativa*. 2. ed. Belo Horizonte, BDMG Cultural, 1997. 476 p.
- CUESTA, Pilar Vázquez; LUZ, Maria Albertina Mendes da. *Gramática da língua portuguesa*. Tradução por Ana Maria Brito e Gabriela de Matos. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e acresc. de um supl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 839 p.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luis. F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 284-289.
- _____; _____. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 292.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Do pronome nulo ao pronome pleno. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica homenagem a Fernando Tarallo Campinas*: Ed. da UNICAMP, 1993. p. 107-128. (Repertórios).
- _____; PAIVA, Maria Conceição de (Org.). *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: FAPERJ: Contra Capa, 2003. 206 p.
- FARACO, Carlos Alberto. O tratamento de você em português: uma abordagem histórica. *Fragmenta*, Curitiba, n. 13, p. 51-82, 1996.
- GONÇALVES, Maria Inês de Matos. *Memorial de Brasília de Minas: documentário*. Belo Horizonte: Horta Grande, 2006. p. 19-29.
- HORA, Dermeval. Teoria da variação: trajetória de uma proposta. In: _____. *Estudos sociolingüísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa: Pallotti, 2004. p. 20.
- _____; PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro (Org.). *Projeto variação lingüística no Estado da Paraíba: (VALP)*. João Pessoa: Idéia, 2001. v. 1, p. 9-10.
- HUDSON, Richard A. *Sociolinguistics*. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 240 *apud* LUCCA, Nívia Naves Garcia. *A variação tu/você na fala brasiliense*. 2005. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2005. p. 64.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Cidades*. Disponível em: <<http://www.ibg.gov.br/cidades/default.php>>. Acesso em: 11 nov. 2007.

LABOV, William. The anatomy of style-shifting. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John. (Org.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 85-108.

_____. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (Org.). *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam: J. Benjamins, 1982. p. 17-92.

_____. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. *Language Variation and Change*, v. 2, p. 205-254, 1990.

_____. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, 1994. 572 p.

_____. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972. 344 p.

_____. The study of language in its social context. In: PRIDE, J.; HOLMES, J. (Ed.). *Sociolinguistics: selected readings*. New York: Penguin, 1972. p. 181.

LARROUSSE cultural: dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Universo, 1992. 1176 p.

LEFEBVRE, Claire. As noções de estilo. In: BAGNO, Marcos (Org.). *Norma lingüística*. São Paulo: Loyola, 2001. p. 203-236.

LOPES, Célia Regina dos Santos; MACHADO, Ana Carolina Morito. Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre segunda e terceira pessoas nas cartas das avós. In: LOPES, Célia Regina dos Santos (Org.). *Norma brasileira em construção: fatos lingüísticos em cartas pessoais do século XIX*. Rio de Janeiro: Pós-Graduação em Letras Vernáculas/FAPERJ, 2005. p. 45-66.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi. *(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da Região Sul*. 2004. 260 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba-PR, 2004.

LUCCA, Nívia Naves Garcia. *A expressão gramatical da 2ª pessoa do discurso em Minas Gerais: séculos XIX e XX*. Brasília: UnB, 2003.

_____. *A variação tu/você na fala brasiliense*. 2005. 126 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

MATA-MACHADO, Bernardo Noavais da. *História do sertão noroeste de Minas Gerais (1690-1930)*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1991. 168 p.

MATOS, Maria Inês de. *Memorial de Brasília de Minas: documentário*. Belo Horizonte: Horta Grande, 2006.

MENDES, Eliana Amarantes de Mendonça. Você, o senhor, ou o quê? *Linguagem & Ensino*, v. 1, n. 1, p. 135-150, 1998.

MINAS GERAIS. *Decreto n. 299 de 26 de dezembro de 1890* apud MATOS, Maria Inês de. *Memorial de Brasília de Minas: documentário*. Belo Horizonte: Horta Grande, 2006. p. 28

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*, volume 3. São Paulo: Cortez, 2004. 480 p.

NARO, Antony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Cecília; CIPRIANO, Maria Luiza Braga (Org.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 15-25.

NASCENTES, Antenor. *Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1958 e 1951. v. 1-2. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. (Org.). *A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Ed. da UEL, 1998.

OLIVEIRA, Gilvan Miller de. Última fronteira: história da língua portuguesa no Brasil Meridional – 1680 a 1830. In: CROSSE, S.; ZIMMERMANN, K. “Substandard” e mudança do português do Brasil. Frankfurt am Main: TFM, 2000. p. 345-376.

OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins de. O processo de formação e desenvolvimento de Montes Claros e da área mineira da SUDENE. In: _____; RODRIGUES, L. (Org.). *Formação social e econômica do Norte de Minas*. Montes Claros, MG: Unimontes: 2000. p. 20-29.

OLIVEIRA, Marilza; RAMOS, Jânia Martins. O estatuto de ‘você’ no preenchimento do sujeito. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ALFAL, 13., 2002, San José, Costa Rica. *Anais ...* San José, Costa Rica: Editorial da Universidade de Costa Rica, 2002. p. 133.

PAMPONET, Greice da Silva. *Norte de Minas Gerais: as primícias do povoamento (séculos XVI e XVII)*. 2004. Monografia – Centro de Ciências Humanas, UNIMONTES, Montes Claros, MG:, 2004. p. 37-44.

PAULA, Hermes de. *Montes Claros: sua história, sua gente, seus costumes*. Montes Claros, MG: Ed. Unimontes, 2007. p. 1.

PEREIRA, Anete Marília; SOARES, Beatriz Ribeiro. Montes Claros e sua região: novas espacialidades, velhos problemas. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10., 2005, São Paulo. *Anais ...* São Paulo: USP. Departamento de Geografia, 2005.

PINTZUK, Suzan. *VARBRUL programs*. Michigan: University of Michigan, 1988.

PIRES, Simeão Ribeiro. *Raízes de Minas*. Montes Claros, MG: Editora Unimontes, 2007. p. 43-58. (Coleção Sesquicentenária, v. 12) *apud* PAMPONET, Greice da Silva. *Norte de Minas Gerais: as primícias do povoamento (séculos XVI e XVII)*. 2004. Monografia – Centro de Ciências Humanas, UNIMONTES, Montes Claros, MG:, 2004. p. 38-64.

RAMOS, Jânia. A alternância entre não e num no dialeto mineiro: um caso de mudança lingüística. In: COHEN, A. M. e RAMOS, Jânia (Org.) *Dialeto mineiro e outras falas: estudos de variação e mudança lingüística*. Belo Horizonte: FALÉ/UFMG, 2002. p. 155-167.

_____. O uso das formas você, ocê e cê no dialeto mineiro. In: HORA, Demerval (Org.) *Diversidade lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997. p. 43-59.

_____; OLIVEIRA Marilza de. Pronomes de segunda pessoa: uma bordagem diacrônica. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 17., 2002, Gramado, RS. Comunicação apresentada na reunião.

ROBINSON, John; LAWRENCE, Helen; TAGLIAMONTE, Sali. *GoldVarb 2001: a multivariate analysis application for Windows*. Disponível em: <<http://www.york.ac.uk/depts/lang/webstuff/goldvarb>>. Acesso em: 11 nov. 2007.

ROMAINE, Suzanne. *Language in society: an introduction to sociolinguistics*. New York: Oxford University Press, 1994. 235 p.

ROUSSEAU, P.; SANKOFF, D. Advances in variables rule methodology. In: SANKOFF, D. (Ed.). *Linguistic variation: models and methods*. New York: Academic Press, 1978. p. 57-69.

SALLES, Miguel. *Pronomes de tratamento do interlocutor no português brasileiro: um estudo de pragmática histórica*. 2001. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2001.

SANKOFF, David. Sociolinguistics and syntactic variation. In: NEWMeyer, Frederick J. (Ed.). *Linguistics: the Cambridge survey*. New York: Cambridge University Press, 1988a. v. 4, p. 141-160.

_____. Variable rules. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MATTEIR, Klaus J. (Ed.). *Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society*. New York: Walter de Gruyter, 1988b. p. 984-997.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. 5. ed. Tradução de Antônio Celini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1973. 279 p.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Análise quantitativa tópicos de interpretação do VARBRUL. In: MOLLICA, Cecília; CIPRIANO, Maria Luiza Braga (Org.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 168.

SILVA, Vera Lúcia Paredes da. O retorno do pronome *tu* à fala carioca. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Org.). *Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 160-169.

SILVA CORVALÁN, Carmen. *Sociolingüística: teoria y análisis*. México: Alambra Universidad, 1986.

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986. 237 p. (Linguagem, 1).

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997. 96 p. (Princípios, 9).

TRUDGILL, Peter. *Sociolinguistics: an introduction to language and society*. 3rd ed. London: Penguin Books, 1995. 203 p. (Penguin language and linguistics).

VIANA, Urbino de Souza. *Monographia do Município de Montes Claros: breves apontamentos históricos e geográficos e descritivos*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1916.

VITRAL, Lorenzo, A forma CÊ e a noção de gramaticalização. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 5, n. 4, pt. 1, p. 115-124, 1996.

_____. *Identificando clíticos: evidências fonéticas*. Belo Horizonte: UFMG, 2001. Inédito.

_____. O papel da frequência na identificação de processos de gramaticalização. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 149-177, 2006.

WARDHAUGH, Ronald. *An introduction to sociolinguistics*. 4th ed. Malden, MA: Blackwell, 2002. 408 p. (Blackwell textbooks in linguistics, 4).

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. Empirical foundations for a theory of language cChange. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Yakov (Ed.). *Directions for historical linguistics: a symposium*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 95-195.

WOLFRAM, Walt; FASOLD, Ralph W. *The study of social dialects in american English*. New Jersey: Prentice-Hall, 1974 *apud* HORA, Dermeval. Teoria da variação: trajetória de uma proposta. In: _____. *Estudos sociolingüísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa: Pallotti, 2004. p. 20.

ZÁGARI, Mário Roberto. Os falares mineiros: esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Ed. da UEL, 1998. p. 31-55.

APÊNDICE A

TRANSCRIÇÕES - TESTES

TESTE 01

- E -** Então a palavra que eu vou sugerir para vocês conversarem primeiro, um fazê pergunta pro outro é iscola. O que **você** tem pra perguntá teria pra perguntá pra ele sobre iscola? Pergunta pra ele.
- I1- Tu** acha a escola boa?
- I2- Dimais** boa dimais os professor explica direito +
- E- Intão**, pode fazer a pergunta pra ele (como o entrevistador não tem certeza se foi gravado uma vez que havia muito muito barulho pede que o I1 faça novamente a pergunta).
- I1- Que** qui **tu** acha da escola?
- I2- Boa**, os professor explica bem { }
- E- Vocês** pudiam falá um poquin mais alto tá? E e **você** o que qui teria pra perguntá pra ele sobre iscola?
- I2- Ah**, num ---- { }
- E- É::** uma outra palavra professora, professora, qual a pergunta que **você** teria? Faça uma pergunta pra ele.
- I1- Que** qui **você** acha das professora?
- I2- Boa**. Todas explica bem passa os exercícios que a gente consegue fazê.
- E- E** uma pergunta que **você** teria pra fazê pra ele?
- I2- ----** Pode citá o nome da professora?
- E- Pode**.
- I2- Que** qui **tu** acha da Gorete?
- I1- Eu** acho excelente, boa, ixplica bem a matéria.
- E- I**sporte.
- I1- Que** qui **tu** acha { }
- I2- Ciclismo**. Qual o **teu**?
- I1- Futibol**.
- E- Uma** outra palavra é:: Lontra.
- I1- Que** qui **você** acha da Lontra?

- I2- Boa, o que a gente qué a maioria a gente consegue.
- E- Uma pergunta que **você** teria pra fazê pra ele sobre Lontra.
- I2- Quando **tu** precisa de uma coisa lá **tu** vem aqui tu acha?
- I1- Acho { }
- E- Festa.
- I1- Cê gosta das festa daqui?**
- I2- Boa **tu** acha que as festa que faz lá é boa?
- I1- É.
- E- É:: diversão em Lontra.
- I1- Que qui **tu** acha da diversão aqui em Lontra?
- I2- (risos) tem diversão demais.
- E- Que qui ---- (Karen diz: tem a vaquejada né?)
- E2- Tem a vaquejada, tem as coisa que a prefeitura faz+.
- E- Vaquejada, faça uma pergunta pra ele sobre vaquejada.
- I1- Que qui **tu** acha das vaquejada?
- I2- Boa demais que qui **tu** acha quando **tu** vai lá?
- I1- { }
- E- (Karen pergunta: algum de **vocês** correm em vaquejada?)
- I2- É que lá tem o esporte lá{ }
- E- Intão é:: + música, música faça pra ele uma pergunta.
- I2- Qual é a música que **tu** gosta?
- I1- ----
- E- Tem alguma?
- I1- ---- sertaneja.
- E- Faça uma pergunta pra ele sobre música.
- I1- Qual é a música que cê gosta?**
- I2- Eu gosto de música demais (riso) todo tipo de música eu toco lá mais os menino todo tipo de música tá pra mim.
- E- É:: **você** toca?
- I2- Toco eu faço parte de uma banda.
- E- É, faz parte de uma banda? É:: + futebol. Faça uma pergunta pra ele sobre futebol.
- I2- **Tu**, é:: quando **tu** foi na quadra e **tu** participô foi bom?
- I1- Fo::i.
- E- Intão, amigo amigo faça uma pergunta pra ele sobre amigo.

- I1- Que qui **tu** acha de amigos?
- I2- Eu acho bom, eu vô na festa mais es.
- E- Faça uma pergunta pra ele.
- I1- **Teus** amigo é bom?
- I2- É bom demais eu ajudo eles, eles me ajuda.
- E- Pais. Quais são os conselhos que **vocês** ouvem dos pais. Assim uma frase que **vocês** ouve do pai da mãe que **você** ouve sempre o que qui ela ou ele diz?
- I2- Eu tenho que perguntá pra ele ou é pra respondê?
- E- É. O que ele fala diretamente pra **você**?
- I2- Pra não ficá na rua bagunçano num mexê cum coisa qui num deve.
- I1- E **você** qual é o conselho que **você** mais ouve? Do pai, da mãe ou de um amigo ou de alguém assim próximo de **você**?
- I1- O conselho que me dá é pra eu num entrá em confusão, num ficá na rua vagabundano.
- E- É:: uma palavra qui é:: istudo, faça uma pergunta pra ele sobre istudo.
- I1- **Cê** gosta de istudá?
- I2- Gosto, a iscola é bom--
- E- E faça uma pergunta pra ele: istudo.
- I2- Que qui **cê** acha dos istudo?
- I1- (não se ouve a resposta devido ao barulho no pátio).
- E- Intão, a pergunta a palavra que eu vô sugeri agora pra **vocês** é trabalho. É:: **pra você** perguntá pra ele sobre trabalho.
- I2- É:: os trabalho que os professô passa **tu** consegue fazê?
- I1- Eu consigo, mais tem qui pidi ajuda.
- E- Faça uma pergunta pra ele.
- I1- E os trabalho de iscola **você** consegue fazê?
- I2- A maioria eu consigo fazê otros eu tenho que pidi ajuda (riso) { } num consegue fazê certo em aula.
- E- Profissão. Pergunta, pode perguntá um pro outro. Profissão.
- I2- { } tem alguma profissão:
- I1- Tem não. { }
- E- Só istuda, hum--- É:: e:: a vida aqui em Lontra,faça uma + avida aqui.
- I1- E a vida aqui **tu** acha boa?
- I2- Boa, é igual eu **te** ixpliquei tudo que eu preciso aqui a maioria eu acho.

- E- E é:: profissão assim **você** já pensô o que qui **você**:: pretende fazê::? Tem um sonho?
Não, num pensô ainda não?
- E-** você?
- I1- Ainda não.
- E- Ainda não?
- E- É:: fofoca, faça uma pergunta sobre fofoca pra ele sobre fofoca, fuxico.
- I2- As minina fuxica muito lá na sala? (riso)
- I1- Fuxica, fica cuchichano.
- E- **Cê** já ouviu assim uma falano pra outra, o que qui elas falam?
- I1- Ah, elas fala baxin num dá pra iscutá não.
- E- Num dá pra iscutá não né? Ah! Briga, briga, faça uma pergunta pra ele sobre briga.
- I2- Já brigô muito ni **sua** vida?
- I1- Já:: Es { } de xingá a mãe da gente.
- E- Faça uma pergunta pra ele sobre briga.
- I1- **Tu** já brigô muito?
- I2- Não, já só brigava cum meus primo pur causa das coisa de brincá. (riso)
- E- É? O que qui você falava pra **seu** primo quais eram os xigamentos, cumé qui era?
- I2- Eu num xigava muito não, es mim xingava dimais.
- E- É, e o que qui ele falava?
- I2- Xigava de fi duma égua, todo tipo de xingo.
- E- É, ameaça faz alguma ameaça? Que tipo de ameaça?
- I2- Pegava pau pa rumá na gente.
- E- É? E uma ameaça quele **te** fez assim. Quele falô **cum você**?
- I2- Não num falô nada assim ele já falô qui ia pegava o pau e falava qui ia rumá ni mim.
- E- E **você**, teve alguma briga assim, alguma ameaça, não uma ameaça assim grave mas uma ameaça assim: ah, que alguém falô assim ó **com você**?
- I1- Eu qui falava quees.
- E- É? Cumé qui **cê** falava?
- I1- Eu falava qui ia matá es de facada.
- E- É? E comé qui **você** falava com eles, qual era a frase qui **você** usava.
- I1- Qui ia dá facada nes.
- E- É? Fala aí comé qui **você** falava.
- I1- Ué, es batia na gente{ }

- E- É? E e a frase que **você** usava comé qui era? Comé qui **vocês** + entre irmãos a conversa comé qui é?
- I1- Bate boca.
- E- Bate boca, e qual que qui um falava pro outro nesse bate boca?
- I1- Era um xigano o outro de fi duma égua.
- E- E **você**, respondia o quê?
- I1- Fi duma égua tamém.
- E- (risos) E **você**, já participô assim de algum bate boca, discussão aqui na iscola, briga.
- I2- Aqui na iscola nunca discuti cum ninguém não.
- E- É?
- I2- Onde tem confusão eu num gosto de ficá não.
- E- E **você** tem irmãos, mais novos mais velhos.
- I2- Só tem irmã.
- E- Só tem irmã? E **cê** dá algum conselho pra **sua** irmã?
- I2- às vez eu dô algum conselho pra ela.
- E- E que qui **você** fala pra ela?
- I2- Tem vez qui eu tô ni festa elas tá, eu chamo ela elas fala qui num vem.
- E- Comé qui elas falam?
- I2- Elas fala qui num vem. Eu chamo pa vim, eu falo bora logo qui já tá ficano tarde esse trem é pirigoso dá confusão eu vô e chamo elas e elas num vão.
- E- E **você**, **cê** tem irmãos, irmãs mais novas ou mais velhas que **você** dá algum conselho ou?
- I1- Es é qui me dá conselho.
- E- Eles é qui **te** dão. Ah, tá, e o que qui eles falam?
- I1- Es manda eu num ficá entrano in briga sempre es tira eu fora
- E- A e a professora que tipo de conselho quela dá? Ou quando ela chama a atenção comé quela fala?
- I1- Ela fala pa sentá, ficá queto, num ficá bagunçano.]
- E- É? E **você**, **vocês** são da mesma sala né? Qual qual é o conselho que **você** ouve direto do professor que quele ela fala?
- I2- Fala pa sentá qui vai tirá nota.
- E- É?
- I2- Fala pa gente saí fora de confusão, num bagunçá dimais.
- E- Faça uma pergunta pra ele sobre assim um sonho que ele tem um sonho.

- I1- Já sonhô+ **cê** já sonhô muito?
- I2- Sonhei, só cum bestage (riso).
- E- Faça uma pergunta pra ele.
- I2- Qui tipo de sonho **tu** já teve?
- I1- { }
- E- Jovem. A pergunta agora que **vocês** farão um pro outro é sobre a palavra jovem. Que qui **você** tem pra perguntá pra ele sobre jovem, a palavra é jovem.
- I1- Num tem pergunta pra falá não.
- E- Não, sobre o jovem? E **você** tem alguma?
- I2- Que qui **tu** acha dos jovem de hoje?
- I1- Que queu acho { }
- E- O jovem de de Lontra cumé qui é, assim dessa região?
- I2- A o jove aqui é { }
- E- É? E sobre essa região de um modo geral, faça uma pergunta pra ele.
- I2- Que qui **tu** acha da região aí onde **tu** roda?
- I1- Bão.
- E- É? Rum rum.
- I1- E a região aqui que qui **tu** acha?
- I2- A região queu rodo aqui eu rodo perto mermo eu num rodo pra longe não rodo mais é de bicicleta.
- E- Bicicleta, faça uma pergunta pra ele.
- I1- **Cê** gosta muito de bicicleta?
- I2- Gosto. Meu isporte favorito é ciclismo.
- E- Faça uma pergunta pra ele.
- I2- Que qui **tu** acha [daque]dessa bicicleta qui **tu** vê ?
- I1- { }
- E- Se **você** fosse falá alguma coisa pra ele, dá um conselho pra ele assim pra sirvi pra vida dele **cê** vai dá o conselho pra ele num é falano, **cê** vai falá pra ele, qual o conselho que **você** daria?

TESTE 02

- E- Intão, a pergun a palavra que eu quero colocá pra **vocês** é iscola. Faça uma pergunta pra ela sobre:: iscola, como **você** faria, conversando com ela normalmente?
- I1- Raíra, **cê** gosta de istudá?
- I2- Sim.
- I1- { }
- I2- A iscola pra mim tá pricisano de melhora só qui do jeito qui tá tá bom só qui precisa mais melhora.
- E- É +
cumé qui foi que **você** perguntô é purque eu não ouvi.
- I1- Cumé qui tá a iscola pra ela.
- E- Ah, intão?
- I2- Eu acho que a iscola + falá a resposta? É, eu acho que a iscola tá boa só que eu acho que ela deveria melhorá eu acho que tem muita coisa que ainda não tá como deveria.
- E- E a outra palavra é diversão, diversão.
- I1- **Cê** gosta de diverti, Raíra
- E- Só fala um poquin mais alto
- I1- (riso) com os amigos.
- I2- { } ah, convesano com os amigos coisas da vida.
- E- E eu vô colocá uma outra palavra : Lontra.
- I1 - Raíra, **Cê** gosta de morá aqui in Lontra?
- I2- Muito. Que qui **você** acha da Lontra?
- I1- Eu acho aqui um lugá bem bunito. bem bunito não bem divertidonum é bunito não mais é bom. (risos)
- E- Namorado.
- I1- Raíra, **cê** ainda tá cum seu namorado?
- I2- Qui namorado, eu num tenho namorado não.
- I1- E **cê**?
- I2- Ah, o meu eu nunca tive ainda não.
- E- Professor.
- I2- Qual a **sua** professora preferida?
- I1- Gorete. E **cê**?
- I2- A Fia.

- E- Amigos.
- I1- Quais são **seus** maiores amigos?
- I2- Ah, Maíra, Vanessa, Gilmara só esses.
- E- Fofoca.
- I1- **Cê** gosta de fofocá né, Raíra?
- I2- (risos) Um pouco e **você**?
- I2- Demais.
- E- O que que as fofoceras perguntam?
- I2- Uá, falano de namorado, de homem--
- I1- De tudo um pouco.
- I2- De pais.
- E- Pais. Quais são os conselhos que **vocês** ouvem dos pais? A fala mesmo, eu quero a fala mesmo do pai.
- I2- Ele fala assim que ele me prende hoje pra eu não arrependê amanhã.
- I1- Meu pai só fala pra mim tê cuidado pra num quebrá a cara depois.
- E- Istudo.
- I2- **Você** leva muito a sério seus istudos?
- I1- Sim, e **ucê**?
- I2- Eu levo, eu não levava muito a sério mais agora eu tô levano.
- E- Música.
- I2- Quais são os tipos de música que **cê** gosta?
- I1- Eu num gosto de música e **tu**?
- I2- Eu gosto de tudo um pouco, eu gosto de moda de viola, sertaneja { }
- E- Namorado **cês** já falaram. E **seus** pais, quando **vocês** aprontam o que qui eles falam **com vocês**?
- I2- Mãe, mãe fala mãe já fala me xingano já.
- E- Comé qui é a fala dela, reproduz aí a fala.
- I2- { }
- I1- Minha mãe me xinga quando eu saio pra rua.
- E- É? Comé quela fala?
- I1- Num tem vergonha na cara só fica na rua a noite toda num sei o quê, fala assim.
- E- E e as professoras, professoras, cumé qui são as falas das professoras quando elas querem +
- I1- Quando a gente faz alguma coisa errada elas corrigi.

- E- Como que elas falam?
- I2- { }cês num pode fazê as coisas desse jeito que cê tão pensano (---)
- E- Festa.
- I2- Eu, eu gosto de festa só qui meu pai num deixa eu saí.
- E- Faça uma pergunta pra ela sobre festa, festa.
- I1- Taís, cê gosta de festa?
- I2- Gosto, demais.
- E- Onde **você** vão em festa, na boate?
- I1- Quando tem festa aqui eu vô lá na{ }a boate também fica aberta, de vez em quando eu vô la na boate.
- I1- Na boate eu num gosto não.
- E- Não?
- I1- Um barulho { }a gente fica tontinha.
- E- { } vai pra praça é? Nas casas, num faz festa nas casa não?
- I1- Ah, só nas rua.
- I2- Tem festa nas casa { }
- I1- { }
- E- E a conversa com os rapazes aqui cumé que é? O que qui **vocês** ouvem eles falando, ou já falaram **com vocês**, qual é o papo deles?
- I2- A maioria, a maioria não, boa parte deles { }
- I1- Se num beja bem eles fala, quando beja eles fala.
- E- É, que queles falam?
- I1- Ah, aquela minina, por exemplo eles lafa: ô, Raíra mais aquela amiga **sua** não beja bem depois eles fala assim: aquela amiga sua é boa viu, Raíra, ela beja bem num sei o quê aí tipo assim eu falo assim: ela é fã de ela só qué vida loca num sei o quê, depois, eles: ah, fala cum elas que eu também sô fã, eles só fala bestage.
- E- É, só fala bestage?
- I2- Eu tenho um amigo que ele é muito { }
- I1- Eu também tenho um amigo que eu falo assim: eu vô fazê isso e ele: num faz isso não que cê tem muita coisa boa na frente. Aí eu fico { }
- I2- Eu acho que é até o mesmo, ele é muito a gente vai fazê uma coisa assim ele vê qui tá errado ele +
- I1- Ele corrigi.
- I2- Ele é mais maduro.

I1- É.

E- Agora é cantada, pergunta pra ela se ela já recebeu uma cantada, como qui foi.

I1- (risos) como foi Tá?

I2- Ah, uma dia eu levei uma cantada bem assim: Taís **cê** é tão branquinha e **sua** pele é tão delicada que parece Branca de Neve. Só que o minino, eu tenho tanta raiva do minino, eu odeio ele.

E- É.

I1- Eu num sei não { } ah, me xigano tipo assim: eu sô feia num sei o quê, eu+

E- O que qui **vocês** falam entre as amigas o que qui **vocês**, o que qui uma fala pra outra, sei lá um conselho sobre cumé qui é qui **vocês** falam?

I1- Uá,

E- Uma coisa que **você** lembra qui já falô pra sua amiga, conselho mesmo cumé qui **cê** fala.

I2- Minha amiga , ela ia imbora de casa, brigô com a mãe dela aí e ela ia imbora aí eu falei qui ela ia arrependê que a vida lá fora é muito difícil.

E- O que qui ela falô de volta **pra você**.

I2- Ela num falô nada qui ela tava chorano dimais.

E- E **você**, já teve assim chance de + recebê um conselho, ou dá um conselho, o que qui você falô?

I1- Eu já dei muito pa Taís.

E- É?

I1- É. Ela vai fazê alguma coisa, eu falei: num faz não, Taís, **tu** vai arrependê besta! Aí tem hora que eu tô cum a razão: vão bora Taís aí as duas vão junto.

E- E irmã, você tem irmãos?

I2- Eu tenho mais treis, dois, um irmão de doze anos, um de quatro, de cinco e outra de dois anos a de dois anos é a qui eu mais gosto. O de doze é muito bruto assim, ele me bate, ele é muito assim, sabe, eu num gosto dele nem ele de mim nem eu dele.

E- O que qui **você** fala pra ele assim, dessa violência.

I2- Ó eu falo mais num adianta mãe é muito puxa saco dele pai também tudo é ele qui tá certo, eu num falo nada porque num adianta.

E- e **você**, tem irmão ou irmã?

I1- Tenho treis tem um piquinin, um oto lá e um de dizoito anos.

E- É?

I1- Nós briga dimais.

- E- É?
- I1- A gente não dá certo. Os povo fala assim: uai nunca vi **ocês** duas na rua nem parece es nem sabe que nós é irmã por causa disso, nós briga dimais.
- E- É? Que qui **cê** fala com eles.
- I1- Ah, às vez eu atento ele né? Lá in casa eu atento ele e ele vai me bateno, vai me bateno { }
- E- E que qui **cê** fala comele.
- I1- Eu num falo nada não eu bato nele também.
- E- Esse irmão que **você** tem, o mais novinho tem quantos anos ?
- I1- Ele tem dois anos.
- E- Dois anos? E o que tá acima, tem algum acima desse de dois anos?
- I1- Tem ele tem oito anos, é dez, é nove anos
- E- Nove anos e **você** dá algum conselho pra ele que qui normalmente **cê** fala pra ele?
- I1- Uá, só quando eu vô dá alguma coisa pra ele aí ele não me xinga mais quando ele tá nervoso ele me xinga.
- E- É e ele já fez alguma pergunta que **você** assim achô difícil de respondê, uma pergunta assim+
- I1- Não!
- I2- Não por que ele nem cuvesa cum nós já cuvesa brigano.
- I1- Minha irmã tamém+
- E- E xingamento que **vocês** fazem uns com os outros o que qui **vocês** falam? O que qui você fala cum ele? (risos) assim qui podem falá, cumé qui **vocês** falam cum ele?
- I2- Eu mando ele i pu inferno ele tamém me manda i pu inferno.
- E- Cumé qui **você** fala cum ele?
- I2- Eu falo: vai pu inferno, vai o capeta que **te** carregue!
- E- E **você**, cumé qui fala mesmo cum eles?
- I1- Uá, quem xinga mais é es, eu num xingo mais porque se não minha vó quebra minha boca.
- E- É? E o que qui +
- I1- Ô rapariga, fia duma égua, fia da desgraça, vai xingano!
- E- É?
- I1- E eu: **é tu, é tu**, eu é fio da mesma mãe.
- E- Esporte.

- I2- Raíra, qual é seu esporte preferido?
 I1- Jogá bola e o **teu** qual é **teu** esporte?
 I2- Eu gosto de vôlei também gosto de + futebol também, eu sô boa ni vôlei mais futebol não, eu gosto mais não sô boa.

TESTE 03

- E- Intão, a palavra que **vocês** vão usar pra perguntar pra fazer pergunta uma pra outra é iscola.
 I1- A iscola, **você** gosta de iscola?
 I2- Gosto. Eu que falo?
 I2- **Você** gosta(riso) de namorá?
 I2- Não.
 E- Agora, por enquanto a pergunta é iscola, a palavra é iscola né? Intão iscola intão faça a pergunta pra ela.
 I2- **Cê** gosta dos professores?
 I1- Rum rum. É + **cê** gosta de istudá?
 E- Agora a palavra é:: Lontra.
 I2- Eu acho Lontra bem +
 E- Faça uma pergunta pra ela.
 I1- **Você** acha Lontra boa ou ruim pra morá aqui?
 I2- Eu acho muito advertida, eu gosto muito de morá na Lontra. Às vez minha mãe fala que vai morá em Belo Horizonte, eu choro pra não i.
 E- **Cê** gosta de Lontra né?
 I2- Rum rum.
 E- A palavra é Lontra, tá?
 I2- **Você** gostaria de sair fora aqui da Lontra?
 I1- Não muito mais mais eu gosto poco daqui de Lontra mais eu gosto mais de Montes Claro. { }
 I1- É, **cê** gosta de Lontra?
 E- Outra pergunta.
 I1- Ah, num sei.
 Faça a pergunta pra ela. Qualqué uma.

- I1- **Cê** gosta de morá aqui na Lontra?
- I2- Eu gosto porque aqui é muito advertido às vezes assim, às vezes nós vai in festa, tem brincadeira aqui na Lontra, tem rua de lazer o parque vem, circo, e eu gosto muito.
- E- A palavra agora é festa.
- I1- Festa, eu num sô muito chegada em festa.
- I2- (risos) Faz a pergunta.
- I1- **Você** gosta de i a uma festa?
- I2- Gosto às vezes assim algumas, todas que tem aqui na Lontra às vezes eu vô mais quando é fora aqui da Lontra eu num vô não. Eu gosto muito de i ni festa esses dia mesmo eu fui lá na Maria da Cruz mais meu pai e meus irmão e foi muito advertido.
- I1- **Cê** gosta de i na festa?
- I2- Já fez doida! Gosto.
- E- Faça uma pergunta pra ela.
- I2- Sobre a festa?
- E- É, festa.
- I1- { }
- E- Vamos continuar, a palavra agora é bricadeira.
- I1- **Você** gosta de de brincadeira?
- I2- Às vezes eu brinco, às vezes eu num brinco, agora eu tô istudano mais eu brinco mais quando eu tô na iscola, eu mora lá inribão e minhas colega num vai lá.
- E- Faça uma pergunta pra ela sobre brincadeira.
- I2- Qual é sua brincadeira predileta?
- I3- É, é casinha, brincá de buneca, brincá de bola, e (---) Eu faço pra ela? **Cê** gosta muito de brincá? Meu jogo preferido é futibol.
- I2- Mais o menos eu gosto de brincá de buneca, às vezes eu brinco de buneca, eu gosto de brincá muito.
- E- Agora os pais em relação aos pais. Faça uma pergunta sobre pais.
- I1- **Você** obedece **seu** pai, **sua** mãe?
- I2- Eu obedeço porque se eu num obedecê es me bate.
- E- É, o que qui eles falam?
- I2- Es fala: Luana vem cá, vai tomá bain, eu falo: agora não. Aí es fala assim: a hora qui **cê** fô tomá banho a água vai tá fria. **Cê** pode pegá uma gripe, uma febre, aí às vezes eu falo assim: agora não aí es vai lá e me pega e coloca dibaxo do chuvero.
- E- Quando **sua** mãe tá brigano com **você** o que quela fala com **você**?

- I2- Ela ela fala assim+
- E- Quando ela vai **te** ameaçá, comé quela fala?
- I2- Fala assim se às vez quando eu falo que num vô vim pa iscola ela fala assim: Se **tu** num i agora **cê** vai apanhá, pode arrumá logo e i pode pintiá o cabelo, e arruma meu material e faz eu vim e eu pego e vem até no mei do camin e volto falo que eu num entrei aí ela fala assim: entra aqui, entra sim vamo bora lá, munta na bicicleta e traz.
- E- É?
- I2- Às vezes meu tio me traz e fala qui é mintira minha aí quando eu chego lá es eu pego e apanho.
- E- E e vem cá, e **você** tem irmãos, irmãs?
- I2- Tenho.
- E- É? E e são mais novo ou mais velho?
- I2- Tem uma mais nova do que eu de sete anos, tem uma de quatorze anos e a otra de treis ano.
- E- Quando **vocês** estão lá brigando + **vocês** brigam?
- I2- Briga.
- E- É? E o que qui **cês** falam uma pra outra cumé qui é?
- I2- Eu falo assim: tola.
- E- É?
- I2- Burra, eu vô contá pa mãe.
- E- É, que mais de ameaça que mais quelas +?
- I2- Es fala assim, elas corre atrás de nós dirruba nós pelos cabelo dá tapa nas costa nossa.
- E- Fala o quê?
- I2- Quando **tu tu** tivé durmino eu vô chegá e **te** metê a faca.
- E- É?
- I2- Aí aí agora agora uma foi pa Belo Horizonte, a ota mora mais meu pai e e a qui istuda na iscola tem 6 anos e mora mais meu pai e a mãe me deu cum 6 mês pa minha vó e eu moro mais minha vó até hoje.
- E- É?
- I2- A minha mãe separô do meu pai tem doze anos aí meu pai fala qui eu num sô fia de:le, nem eu nem a Mônica num é fia dele nem a Luzia diz qui nenhuma de nós é fia dele só a a Fernanda qui é aí às vezes assim minha mãe fala assim, fala qui vai levá nós lá no fazê é + cumé qui fala? Fazê exame, teste de DNA, aí né fica muito chatiada cum ele nós nem lá bera.

- E- É? E quando **você** quando ele ele também ele briga **cum você**?
- I2- Briga.
- E- E ele fala como?
- I2- É ele me xinga é o nome do meu pai só qui eu num sei se ele é meu pai de verdade não. Ele me xinga de { }.
- E- E comé qui ele fala **com você**? **Sua** mãe faz aquele xingamento que **você** já disse e ele, o que qui ele fala **com você** quando ele qué ameaçá, quando ele tá bravo **com você**?
- I2- Sai daqui bando de capeta **cês** num é meu fi não a parte qui se **cês** são meu fi a parte que tem nucês pode o pusinferno! Eu num sô pai **d'ucês**. Eu quiria sê pai, meu filho é só a Fernanda e agora eu tenho ota mulhé e é a Ana Luísa. Minha filha é só essas duas. Aí minha mãe pega e fal: eu vô **te** levá na Justiça aí agora ela foi pa São João da Ponte e fez a negoça. Só quando vim a carta pra ele pagá pensão pra nós.
- E- É? E + vem cá, faça uma pergunta pra ela, faça uma pergunta sobre é:: a praça, brincadeira na praça.
- I1- **Cê** gosta de i a praça vê o povo jogá futibol, vê o povo jogá futibol, passíá lá na praça.
- I3- Rum, rum gosto { } muito tem vez que eu jogo lá tem vez que eu jgo um tantão de brincadera.
- E- Faça uma e pergunta pra ela sobre essas brincadeiras da praça.
- I2- Quando o palhaço Franjola vem aqui **cê** vai lá na praça?
- I1- Eu vô lá vê o palhaço Frajola que quele faz, se é coisa boa, interessante, falá da vida, das pessoa.
- E- E ele faz graça? É? Faz uma pergunta pra ela sobre essas brincadeiras de praça.
- I2- Quando tem apresentação do PETE lá na praça **cê** vai?
- I3- Vô, eu só num fui onti (risos). Só num fui onti.
- E- E o que qui é o PETE.
- I3- O PETE faz muitas coisa legal, brinca, vai no galpão.
- E- É?
- I3- Dá palestra.
- E- Agora a pergunta é é + professora. O que qui a professora fala?
- I3- Quando eu, eu brigo mais a Luana lá no PETE, ela ela xinga.
- E- O que qui ela fala? Qual é o xingamento?
- I3- Ela fala: para de brigá as minina, num pode brigá não qui seu Vadin xinga. Eu num falo nada, eu paro de brigá.
- I2- Pra mim sempre ela fala assim:

- E- Ran!
- I2- Se o Vadin vê O Vadin vai { } muito n'ucê::s, **intão cês** num briga não. A minha professora de manhã colocava a gente no quarto iscurã::o aí eu ficava cum me::do às vezes um dia ela pegô e me colocô dento do quarto aí eu peguei e rudiei assim passei pelo portão ela tava lá dento fazeno arte aí eu rudiei, passei pelo portão e fui bora aí no oto dia minha mãe teve qui i lá.
- I1- E minha professora, a Sueli, ela fala assim: ingual tem uma briga faz de conta que a Taís brigô cum a Milena: **cês** não pode brigá as minina, um tem que fazê as paz cumasasota, entendeu? E não pode brigá as duas, se a Milena, se a Taís quebrô o baton da Milena, a Milena tem qui falá assim cá Taís: **você** quebrô meu baton, pur quê? Tê uma resposta, não brigá, puxá cabelo de umasansota, fazê uma briga, aí ela qué qui as minina cunvesa sobre isso { }.
- E- E briga, umas com as otras, as amigas?
- I3- Um dia, a Taís, a Taís ela imprestô o baton pa Monique aí a Taís, a Taís, a Taís quebrô passô a Luana num dexô ela passá aí a Taís passô, aí a Luna: **cê** vai tê qui pagá, ela não troxe o baton.
- I2- Ela quebrô o baton todin aí eu falei cum ela qui ia tê qui pagá, aí ela disse qui ia me dá um dos piquininin aí eu falei: tá bom aí até hoje ela não troxe.
- E- Intão tá, brigada viu, gente?

TESTE 04

O entrevistador sugere aqui que façam perguntas um para o outro, antes de sugerir a palavra.

E os locutores iniciam:

- I1- Qual é o **seu** nome?
- I2- Carla Marisa.
- I1- Qual é a **sua** idade?
- I2- Qual é o **seu** nome?
- I1- Ana Clara.
- I2- Quantos anos **você** tem?
- I1- oito.
- I2- Qual é o nome da **sua** mãe?
- I1- Elizete.

- I2- E do **seu** pai?
- I1- <Élcio>
- I2- Agora pergunta pra mim.
- I1- Qual é o nome da **sua** mãe?
- I2- Marilúcia.
- I1- E do **seu** pai?
- I2- { }
- I1- Pode perguntá o nome primeiro?
- E- Pode, pode perguntá.
- I1- Qual é o **seu** nome?
- I2- Sâmara.
- I1- Quantos anos **você** tem?
- I2- nove e **você**?
- I1- Luana e eu tenho nove.
- I1- **Você** mora perto da praça?
- I2- Sim e **você**?
- I1- Não eu moro lá em cima na rua { }
- I1- Todo dia tem festa lá.
- E- É todo dia tem festa lá?
- I1- Todo domingo eu venho aqui de manhã e à noite assisti a missa, a celebração e **você** vem?
- I2- Direto.
- I1- Já perguntó já?
- E- Ó (----) (as meninas conversam entre si sobre a palavra dada).
- I1- Sâmara, **você** gosta de brincá de quê?
- I2- Como é a brincadeira?
- I1- A gente brinca, brincadeira a gente brinca de isconde-isconde, de { } americana, de casinha. E **você**, de que **você** mais gosta de brincá?
- I2- Buneca, já me fez essa pergunta, de bola.
- I3- De bola não, vôlei.
- I1- Luana, qual é a sua + já ligô? (risos) tá ligado? Qual a brincadeira preferida **sua**?
- I1- ah, { }
- E- (as garotas cochicham sobre a palavra dada:)
Conversam sobre a data da chegada do bispo.

- E- Praça, a palavra agora é praça. Mudô a palavra agora é praça.
- I3- Eu ia perguntar pra ela quem foi que criô o primero avião do mundo. Foi Santos Drummond de Andrade. Pode perguntá? Fernanda, **você** sabe quem criô o primero avião do mundo?
- I4 – Santos Drummond de Andrade.
- I3- Agora a palavra vai sê o quê?
- E- Praça.
- I3- Pergunta pra mim.
- I1- Carla, **você** acha a praça bunita? **Você** gosta da praça?
- I3- Gosto.
Você acha que a praça tem muitas árvores?
- I3- Acho. E **você** acha que a natureza seja bem cuidada?
- I1- Eu ia fazê uma pergunta e isquici.
- E- Pensa aí um po +
- I3- **Você** acha a praça um lugá ideal pra fazê a formatura do baile ou o baile da formatura?
- I1- **Você** acha que a praça é bem limpa?
- I3- Não.
- I1- Pur que não?
- E- (as garotas querem perguntar ao mesmo tempo) Pode continuar.
- I3- **Você** acharia que as gramas deveriam crescer ou morrer?
- I1- Crescer.
- I1- Carla, **você** acha que a praça é lugar das árvores que tem bastante [fru] que tem bastante sombra?
- I3- Sim. **Você** acha que eles devem cuidar mais da praça? Fernanda, **você** acharia que sim ou não que o povo deveria istacionar em cima da calçada? (cochicha: fala que não, Fernanda, não pode istacionar.)
- I1- Não pode.
- I3- Fala outra palavra aí.
- E- Iscola.
- I3- Pergunta pra mim (cochichando).
- I1- Carla, **você** acha qui a iscola insina mesmo os alunos?
- I3- Acho.
- I4- Carla, **você** acha qui a nossa iscola é boa?
- I2- Você gosta da professora Sueli?

- I3- Não.
- I4- **Sua** professora é boa?
- I3- Sim, como como **você** perguntó se eu gosto da iscola, a iscola ia sê melhô se não tivesse briga (risos) as minina num tá falano nada { }
- E- E de briga. Ninguém falô de briga.
- I2- Tem gente que levanta falso testemunho.
- I3- Tem quente qui + tem gente qui briga por acaso de outra pessoa como o minino qui iscreveu na cadera Luan e Fernanda qui eu num deveria né +
- I2- Purque **cê** falô, **cê** num deveria tê falado uma coisa qui **cê** num viu. Pur isso que a professora Sueli te xingô e **você** não gostô.
- I3- Não gostei e eu odeio ela. Agora vai Fernanda.
- I1- **Você** acha qui as professora da nossa iscola é boa?
- I3- Tirando uma.
- I2- A Sueli? Tem mais uma.(risos)
- I3- Eu num vô falá da { } porque ela é { } mais eu gosto dela (cochichando).
- I2- Hoje tem aula dela, o quarto horário é dela. (todas querem falar ao mesmo tempo).
- I3- Fernanda, **você** acharia que o ônibus escolar deveria transportar as crianças de zona rural pra cidade?
- I1- Sim.
- I2- Pur que, Carla?
- I3- Purque aconteceu um acidente só qui faz muito anos, o minino tava vino da iscola e não havia, ainda não existia ônibus pa i buscá na zona rural aí o minino tava ino imhora de a pé, aí ele num agüentô andá mais aí vinha passano um caminhão aí ele pulô in cima do caminhão ele sigurô na peça do caminhão e e aí o caminhão andô pum lado ando pro oto aí o minino soltô duma vez a mão da peça do caminhão aí ele caiu aí ele morreu aí { } jogô ele do oto lado do asfalto.
- E- Intão a palavra agora é conselho: conselho de mãe, de pai, podem falá.
- I2- Minha mãe sempre fala que eu num obedeço ela.
- E- Comé quela fala?
- I2- Ela fala: tudo que eu mando **cê** fazê ocê num faz, que eu sô muito prigiçosa aí tudo que ela manda eu fazê eu num faço.
- E- A fala da mãe cumé qui é?
- I1- Minha mãe sempre fala todo dia a hora qui levantá arruma a cama vai iscová os dente, lavá os rosto e{ }.

- I5- Minha mãe também fala isso.
- I3- Minha mãe, quando ela não tá trabalhando quando eu acordo ela manda eu iscová os dente, tomá café +
- E- Cumé qui ela diz?
- I3- Ela fala bem assim: Carla, agora **cê** já fez tudo agora **cê** vai limpá o banheiro, depois qui **cê** limpá o banheiro **cê** vai fazê tarefa, aí ela fala: depois qui **cê** terminá de fazê a tarefa, **cê** vai tomá bain pra i pra iscola aí quando { } na casa dela, aí ela fala: ó, **cê** tem vinte e cinco minutos pra tomá bain e almoçá, só qui como eu demorei muito no banheiro não deu tempo de almoçá e eu ia pra iscola sem almoçá aí eu pidi pai dinheiro ele mim deu aí eu pidi ela e ela não deu.
- I2- Minha mãe reclama que eu brigo muito com meu irmão e ele é mais novo que eu , diferença de sete ano.
- E- É e qual é o conselho que ela **te** dá.
- I2- Pra não brigá que ele ainda não entende as coisa.
- I5- Minha mãe tamém fala pra eu não brigá cum meu irmão que eu tenho oito anos e ele tem apenas tem { } anos.
- E- E quando **você** faz alguma coisa errada, como qui a mãe fala **com você**?
- I5- Pra não fazê mais isso.
- E- Ela fala como, ela grita?
- I5- Ela fala pra mim não fazê.
- I3- Minha mãe fala assim comigo: olha, da próxima vez qui **tu** fazê isso **cê** vai ganhá uma surra. Só isso.
- I4- { } a gente sabe qui a gente tá errado, a mãe da gente fala pra gente pará e a gente num pára. Aí a gente pega e machuca aí ela: tá veno eu num mandei **cê** me obedecê **cê** num quis.
- I3- Mais sempre quando a mãe fala os trem e a gente tema e faz essa coisa sempre dá tudo errado, a gente machuca e ela fica jogano na cara da gente. Olá, aquele que vem ali também é de nossa sala.(chega alguns garotos e começam a conversar ao mesmo tempo, então é proposta uma palavra para os garotos).
- E- Intão, a palavra é iscola, um vai fazê a pergunta pro outro)
- I6- O que **você** acha da iscola?
- I7- Eu acho que::la eu acho a iscola boa. { } num tem mais nada pra falá não.
- E- Intão faz uma pergunta pra ele.
- I7- Sobre o quê?

- E- Sobre iscola.
- I7- O que **você** acha que a iscola deveria melhorá?
- I6- A limpeza, a higiene é:: o recreio ser mais organizado.
- E- Brincadeira, a palavra agora é brincadeira.
- I6- Qual as **suas** melhores brincadeiras?
- I7- Futebol, esporte { }ah, bricadera?
- E- Faz uma pergunta pra ele Luiz Fernando e Filipe? Filipe e Luiz Fernando, intão, Luiz Fernando.
- I6- Qual a brincadeira que **você** mais gosta?
- I7- Bricadera? (---) Futebol! Isporte, minha bricadera é isporte.
- E- A palavra agora é:: bicicleta, bicicleta, quem faz uma pergunta pro outro? Pro outro né pra mim não, bicicleta, eu vi que todo mundo aqui anda de bicicleta né, intão. Um tem que fazê pergunta pro outro. Pergunta.
- I6- **Você** acha essa marca boa?
- I7- Acho. **Você** gosta de sua bicicleta?
- I6- Adoro.
- E- Agora a palavra é praça. Praça, todo mundo pode fazê de novo.
- I7- Luiz Fernando, **você** gosta da praça?
- I6- Adoro.
- I7- **Você** gosta dos cortejos + da praça?
- I6- Adoro. (fazem perguntas ao mesmo tempo)
- E- É:: + diversão, diversão.
- I6- O que **você** faz para se divertir?
- I7- Os amigos, brinco + (conversam ao mesmo tempo)
- E- Um pergunta o outro responde né? Pode, quem quisé pode fazê pergunta pro outro. Pode fazê. (continuam fazendo perguntas ao mesmo tempo).
- E- Agora a:: a palavra é festa.
- I6- **Você** gosta das festas daqui de Lontra?
- I7- Gosto porque é muito movimentado.(risos)
Gosto porque tem muitas coisas que criança gosta.
- E- a palavra agora é férias.(falam todos ao mesmo tempo) Não, um faz a pergunta e o outro responde.
- I7- **Cê** gosta de suas férias?

- 16- Gosto, porque eu descanso istudo e brinco. (todos começam a contar o que fazem nas férias).
- I7- **Você** vai pra Bom Jesus da Lapa nas férias?
- I6- Todo ano.
- I8- Eu quero i.
- E- Cumé qui **você** chama?
- I8- Luan.
- E- Intão Luan, faça uma pergunta a ele pra qualquer um dos seus amigos. A palavra é trânsito. (todos começam a sugerir perguntas). Uma pergunta.
- I8- Luiz Fernando, **você** respeita as placas de trânsito?
- I6- Se eu dirigisse (risos).
- I8- Mais tem otas placas de bicicleta, de pedestre. (todos começam a falar ao mesmo tempo).
- E- A palavra agora é domingo, domingo.(todos falam ao mesmo tempo). Um de cada vez pra eu podê ouvi. Um vai fazê a pergunta pro outro sobre domingo.
- I7- O que **você** faz no domingo?
- I6- Eu brinco, descanso vô pra missa, eu vô pra celebração brinco até dizê chega, tudo isso.(conversam sobre o que fazem no domingo).
- E- Ó a palavra intão a palavra agora é iscola. Um vai fazê a pergunta e o outro respondê. **Você** pergunta ou responde, cumé qui é? Intão pergunta.
- I8- Luiz Fernando, **cê** gosta de i pra iscola?
- I1- Às vezes sim às vezes não porque quando eu tô cum priguiza é o trem mais ruim do mundo.
- I6- Luan, **cê** briga na iscola?
- I8- Ah, é muito difícil mais se es caçá cumigo aí é o jeito. Eu num dexo es batê ni mim não, eu bato neles, es num bate ni mim não.
- E- Intão, conta pra mim um uma coisa qui aconteceu lá na iscola.
- I8- Como assim, de mim? Eu conto, eu conto.
- E- Deixa ele contá depois é a **sua** vez.
- I3- Eu já contei isso { }. (uma das meninas entra na conversa)
- I8- Mais **ocê** tamém tava no mei.
- E- Intão, o caso da iscola.
- I8- Porque Hugo e o minino tava brigano lá aí depois Brenda, a Fernanda saiu correno lá pa avisá pa tia quês tava brigano, depois o Hugo começô batê no Danto, pegô o Danto e

jogô lá perto do carrin da Rita aí depois o Danto cumeçô a chorá e infesô lá e depois quis batê no Hugo, aí nós separô a briga lá depois tia chegô e falô cum es qui se ês brigasse ia levá ês imbora ou ia dexá es sem recrei porque ela [tam] né só ês qui deve cumê bebê não quela também deve e qui num rai ficá todo recrei atrás dês não, ficano pa separá briga dês não.

- E- E o que qui o que qui quando **cês** separavam a briga, o que qui um falava pro outro?
- I3- A próxima vez qui **tu** fazê isso cumigo eu vô **te** rebentá a cara.
- E- Cumé qui é, Carla, qui ele falava? (começam a falar ao mesmo tempo) Um de cada vez.
- I3- Quando ês tava cumeçano a brigá e depois um falava: ô, bate, Hugo, bate Danto, ah, não vai dexá? Vai dexá, Danto, vai dexá, Hugo? E depois ês cumeçô a brigá. Primeramente ês tava brigano pegano o aliás, o Hugo: ó, puxa meus cabelin do braço ó num dói não, aí depois o Danto cumeçô puxá, aí o o Danto infesô qui num tinha mandado ele puxá, aí depois foi o Hugo falô desse jeito: ó, se ocê fô batê nele, bate ni mim primero, aí depois ês cumeçô brigá lá. Os minino ficava atentano lá: pula pa cima, pula pa cima se **cê** é home, pula, depois os minino ficô provocando depois só quando tia chegô qui separô a briga.
- I6- a gente tava lá no recreio, aí meu colega é muito atentado e Filipe, aquele morenin qui tava aqui, tava lá, aí foi o Danto chegô assim de uma vez e cumeçô a apertá o pescoço de Filipe e tia , professora do ano passado, ficô: Danto pára, Danto pára e o pescoço de Filipe ficô roxo e Danto rindo e pulano no pescoço dele aí foi tia Marilda foi e reclamô ele, aí , sabe a época da pulítica? Num tem aqueles papelzin? A Brenda levô um monte um bolo pra iscola e foi e chegô lá aí todo mundo: { } aí a Brenda pegô esses papelzin, olá ela, e jogô assim pro alto aí vei a Fernanda, o Pedro, o Mateus, um monte de gente o Danto, Bil, Hugo, e o Mateus, tio da Gilmara, foi pegá um e a Fernanda sem querê bateu nele aí tia, ispera aí, aí tinha o ferrin da mesa, aí ele bateu o olho assim e cortô aqui ó, aí foi , aí as minina foi avisá tia, aí meu colega, ele Tiago gritava tamém: cantinera, o mino furô, cantinera, o minino furô os ói, ui +
- I8- Depois tia foi lá e as minina foi chamá aí tia falô desse jeito assim: ai ai ai, tá moreno, tá morreno, tá morreno, se morrê nós interra.(risos) falô desse jeito.
- E- Carla, **você** ia contá sobre o caso lá cumé qui foi, o que qui um falô pro outro lá?
- I3- Lá na briga qui teve lá na iscola um dia foi o Danto pegô o pescoço dele e foi apertano, foi apertano, aí o Danto, tamém um dia foi { } com o Hugo, o Hugo, foi de sorte que o Danto tava com o braço assim ó, aí o Hugo foi abaxô duma vez e saiu.
Pois é, mais **ocê** ia falá o qui um falô pro outro.

- I3- Ah (---)
- E- Lembra? Aí ele tava falano, o que qui um falô pro outro lá na horada briga?
- I3- Falô bem assim qui +
- E- Não, fala cumé qui eles falaram. **Cê** ia falá iatamente as palavras qui o outro usô.
- I3- A próxima vez qui **tu** falá de mãe sabe esses trem assim ele ia batê nele, ele ia dá um murro na boca.
- E- (começam a falar ao mesmo tempo) Dexa ele falá um poquin.
- I9- Eu tava lá na hora o minino falô: ah, moço, **cê** num güenta eu não aí Hugo cumeçô a falá uma coisa lá aí o Danto cumeçô a chorá. Aí o Danto falô: pula in cima de mim, pula in cima de mim, aí o Hugo falô: eu vô pulá e pulô
- I8- Pois se mexê cumigo eu pego e bato, eu num tem dó não.
- E- (todos querem falar ao mesmo tempo) Nossa!
- I3- Tia, e quando tem uma briga lá na iscola no recreio, qui tia num pode reclamá muito no recreio ela reclama den da sala. Se ela num colocá de castigo ela dexa lá até.
- E- E o que quela fala? Cumé qui ela chama a atenção? Como quela fala?
- I8- { } e fica aí **cês** só sabe cunvesá nunca vi uns minino baruieto ingual essa nenhuma professora vai güentá **ocês**, nenhuma.
- I6- A hora qui eu mais gosto é a hora { }(todos começam a falar ao mesmo tempo)
- I3- Quando a gente tá lá distraída copiano sabe copiano, copiano e um pessoal lá longe cunvesano e a gente lá copiano, copiano aí ela iscuta essa pessoa cunvesano aí ela pega o apagadô caladinha e bate duma vez assim no armário, a gente pula da cadera a caneta erra, aí ela pega o apagadô de uma vez e pá aí a gente assusta eu já dei um pulo da cadera, quase qui eu caio no chão.
- E- É::?
- I8- E o dia qui a cadera quebrô. Ela viu qui a cadera tava quebrada aí ela sentô aí no ela sentá a cadera caiu quela aí depois foi eu fui: quebrô a padaria, Luana, quebrô a padaria? Foi ela cumeçô a chorá aí depois os minino chegô é muito fofuero chegô lá e falô e depois ela falô quera qui qui era eu e o Bil qui tava atentano.
- I3- Sabe o apilido qui os minino inventô pra mim? Quebô, quebô, quebô. Eu caí da cadera, eu tava pegano a cadera aí só a perga de trás tava sigurano pra ficá in pé, aí eu afastei a negoça e fui sentá a cadera foi e voltô pra trás aí os minino ficô pono apilido ni mim e quando o Hugo fala isso eu dô um tapa nele que nele fica vermelhin qui eu não gosto qui põe apilido ni mim eu não gosto.
- E- É muito chato + (todos falam ao mesmo tempo).

I8- O dia queu tava brinano cá Fernanda depois a Fernanda falô que eu tinha iscrivido o negoço na cadera aí depois ela falô aí depois cumeçô a Brenda e a Carla: foi mermo, Luan, foi mermo foi mermo e cumeçô eu fui lá pa cima da Carla eu joguei ela chegô ficá a marca, o vermeião no pescoço dela aí depois as minina foi lá e contô pa tia quera ota professora, era a Sueli aí depois eu fui chorano pa sala aí depois tia: o qui é qui **tu** tem? Cê tá veno ele pegô meu pescoço e foi lá nela: tá veno aqui? Depois chegô lá nela aí depois tia foi e falô:

O qui é, Luan, o qui é? Tia falô desse jeito assim. Aí depois eu falei: foi a Carla qui tava negoçano com a Fernanda aí depois a Carla Marisa e a Brenda ficô provocano a gente depois tia falô: Ah, é purisso intão né, Carla Marisa, podia num tê só machucado não podia tê rancado o pescoço dela. Eu falei ô levantadora de falso testemunho, aí depois tia falô: é levantadora de falso e eu isquici de falá cum tia qui tá nos dez mandamento.

E- E aí, Carla?

I3- Aí, tia como, purisso qui eu tomei raiva dela quela falô qui podia tê rancado o pescoço daquela praga ruim fora.

I6- Dexô falá. No catecismo, tia, a gente fala é a tia Daiane né, eu falei o que os minino me contaram eu tava jogando bola parece qui o Danto e o Wendel brigô aí o Manuel foi lá e falô com o pai do Danto qui ele estava brigano e o pai de Danto parece qui falô qui podia sangrá o Wendel. Aí eu falei isso no catecismo aí lá na iscola o Danto caçó briga com Wendel aí o Wendel: ah, eu só num vô brigá com cê porque{ } falô qui pode sangrá a gente aí foi Wendel chorô aí o Danto falô pra mãe dele qui eu falei com tia Daiane, a professora de catecismo, qui ele ia levá faca pra iscola e eu num tinha falado nada disso e a mãe dele veio xingá eu e Filipe. Eu fiquei cum raiva daquela mulhée ainda ela tem corage de i lá in casa falá coisa cum papai, ô raiva.

E- E e, cola, cola tem muita?

I3- Ó, quando tem prova, tia manda afastá as cadera as pessoa, sabe, como tem seis fila lá seis pessoas em cada uma, trinta e seis alunos né, aí ela: ó gente afasta as cadera uma da outra porque eu num quero ninguém colano do oto aí tem gente, pra fingi qui vai apontá lápis ou pegá a burracha coloca assim na ponta da mesa e dá uma sabe assim sabe e vai lá e pega e aí copia um do oto.

I6- Eu num sei, né cumé qui ele tem corage é o Ícaro eu tô lá fazeno e a gente { } um isperá o oto pra gente terminá junto aí ele vai lá por exemplo meu caderno tá aqui eu sô o Ícaro: Uai, Luiz Fernando, cê tá colocano é amoral aí eu: eu acho, aí ele vai lá e copia,

uá, Luiz Fernando, **cê** tá colocano é tal coisa e vai lá e copia, tudo qui eu coloco ele coloca.

- I8- Aí a Carla Marisa fica só lá trás, eu gosto de ficá lá na frente porque qui a gente fica mais inteligente, Luiz Fernando não ele fica lá atrás, só qui a Carla fica lá atrás fica incostada na parede, tem vez qui ela vem assim fica oiano pa vê se tá certo, ela passa lá, tem vez qui não agente leva lá pa ela corrigi aí depois tem vez qui tá errado, alguns lá nem fala, eu mesmo + a Carla Marisa ela fica lá ela num presta atenção fica cuversando cum Filipe e tia num gosta porque ela fica lá trás e fica negoçano lá depois tia num gosta e eu erro e um cado lá da sala num atingiu os sessenta pur cento e tia falô qui tem qui atingi sesSEnta pur cento eu mermo acertei tudo ela falô qui tem qui acertá no máximo quatorze.
- I6- Dexô falá aqui. Que qui eu ia falá + Wendel Júnior ele era o terceiro, ele num acertava quase nada aí ele é meu primo, aí tia mudô ele pra frente agora ele tá acertano.
- E- Olha qui beleza!
- I6- É porque tia ela faz isso pra olhá o qui tá fazeno, se tá cuversano mais atrás não.
- I4- Ein, tia, eu num acerto tudo num é só pur causa qui eu sento lá trás é porque lá trás tem mais amigos do que lá na frente, porque lá na frente a gente num faz amizade cum quase ninguém. Lá trás mesmo senta a Ester, que minha amiga do coração, a Ester, ela }Agora eu tô sentano lá na frente eu só tô cuversano cum o Filipe Giovane, como o Danto é um minino besta eu num vô pegá mais amizade cum ele ele só fica assim ó.
- E- Ah, (começam a falar ao mesmo tempo) e fofoca, o que qui é qui o povo fofoca, a palavra agora é fofoca. O que qui elas falam. Elas fofocam muito?
- I3- Sabe a Brenda e a Ester, aquelas duas qui tava aqui, A Brenda e Ester não, a Brenda e a Fernanda, elas mesmo, quando eu num tô cum elas elas ficam fuxicano da gente sabe aquele de brusa vermelha ali, no dia do aniversário dele aí ela sirviu bolo pra mim aí eu tava cumeno de gravazi::n aí A Brenda falô: Carla, come anda cum a vazia. Eu falei: Brenda eu num tô regrano o bolo não é porque eu sei cumê cum educação, num é cumeno e colocano o prato assim na boca e jogano o bolo assim na boca não.
- I8- Os minino é muito, tipo a gente tá cuma pessoa tipo eu convidá aquele amigo e eu tô lá e ele tá lá aí tipo aí depois tipo eles fala: não Wendel, aquele minino ali, ah, aquele minino num dexa a gente, e vai fofocano da gente depois a gente descobre as coisa depois eles fica tipo assim: é mintira, eu num falei isso daqui não, é mintira eu num falei isso daqui não, fica pareceno uns santin quês fica cum medo deu falá pa tia intão ês fica cum medo deu falá pa tia e tia xingá, tudo qui acontecê , se os minino brigá ali a Brenda

é a primera a falá: u:: é qui os minino tava brigano, tava briGAno isso e fala o nome da gente, é fulano é sicrano depois chega e fala desse jeito. Aí depois tia fala dexxe jeito: tem tá ni réstia é aio, quem tá ni réstia é aio. Tamém né só eu qui brigo **ocês** tamém briga. Ela mermo lá na sala ela vei e pegô o minino assim e quiria inforcá ele pegô o pescoço dele assim e foi apertano o pescoço dele depois, do Luiz Fernando qui tava aqui, depois tia não gostô:: tia não gostô depois tia falô: Ana Luiza, Ana Luiza, num pode fazê isso não minha fia **ucê** tá pareceno é os minino aí por causa qui ela acertá mais e nós acerta menos { } e depois a Brenda tem qui entrá no mei: fala isso daqui tola, ó fala isso daqui { } só pur causa qui o pai dela morreu pur causa qui ela tem a venda lá qui a venda tem um tanto de dinheiro quei ela é { } da sala, qui ela acerta tudo.

APÊNDICE B

DEPOIMENTOS TRANSCRITOS DOS TESTES DE ATITUDE

O tu não acenta pa todo mundo. Pra todas as pessoa não acenta o tu. A palavra tu é uma palavra muito forte. É uma palavra certa, ah, eu acho uma palavra muito grossa. Tu, tu é muito grossa. Só que é uma palavra correta. Só que fora daqui é muito raro você ouvi a pessoa fala a palavra tu, geralmente é a senhora, tia,você (LR – 45anos)

O tu aqui é famoso aqui é por tu mesmo, ninguém fala você não; é muito difícil falá você.(J-28 anos)

Eu por exemplo tenho alguns sobrilinho que até hoje me chama tu. Chamasse você, a senhora é uma língua mais correta, mais delicada, né? A palavra tu eu acho uma palavra muito forte.Eu acho a palavra + eu num sô contra a palavra tu, mais eu acho muito forte, mais aqui eles fala que é uma palavra correta.(LA – 45 anos)

Eu num gosto de usa o tu não. Pra mim a palavra tu ela não é errada, mais eu num só assim muito [aceitada]. (MA – 50 anos)

A palavra tu é certa né? Eu penso que é certa. Aqui na escola mesmo a gente vai cuversá com a diretora, as professora aí eu num falo tu de jeito nenhum. (MA – 65 anos)

Às vez a gente vai lá em MontesClaros, já implica. Meu genro fala assim: cê é da Lontra,não? Tu é. Eles já fala assim : é da Lontra, é do tu. (I – 65 anos)

Algumas pessoas falam o tu pra mim, então eu uso tu, como eles me chamam tu eu falo também tu.(LR- 45 anos)

Eu pelo meno, os irmão meu que é mais novo eu falo tu e os mais veio eu falo ocê. Pai num me insinô chamá ninguém de sinhô [...] Na escola eles insina os minino mais piqueno a chama de você, de sinhô.(AM- 45 anos)

Só os mais os mais novo assim que trata os mais velho por sinhô, que eu tava falano pra você por sinhô, de dona, o povo assim mais velho não falamo tu cum eles que a gente tem respeito, né? Os pais insina. Agora, mais cum contato assim, eu cum ela eu falo tu, mas cum os mais velho eu num falo tu que mãe xinga. Eles insina. aaïn mermo que é o marido dela, se a gente fala tu ele xinga. Ele insina a gente a fala certo. (JA- 13 anos)

Até a professora lá da sala nossa ela insinô pra nós. Ela falo pra nós, com a gente, com as pessoa mesmo daqui da região a gente pode fala tu essas pessoa assim de fora procura falá mais certo. (JÁ- 13 anos)

Com as pessoas mais idosa a gente não fala tu, fala o sinhô, a sinhora, a gente num fala tu cum eles, num pode, os pai nosso insina nós a chamá os mais velho não de tu que tem que te mais respeito cum eles. O tu seria cum os mais novo (JAN - 14 anos).

*Eu mesmo uso o muito o tu. Eu falo só tu, é difícil eu falá você. Tem muita gente que fala que a gente tem que usa o tu no verbo certo, mais eu já acostumei a fala tu
O tu entra no lugá de quê? Tipo assim você. Você vai ali? Eu falo: Tu vai ali? (F- 50 anos)*

O meu genro, eu falo tu cum ele, ele me reclama, toda vez. (F- 50 anos)

Qualqué hora que eu vô faáa uma coisa pra pessoa eu uso tu. (JÁ – 13 anos)

Ela ensina muito a gente. Ela fala: a palavra certa não é tu, é você. Você vai ali mais eu .

Ela fala que tu é errado.[...] Ela fala que o você é muito mais certo que o tu. (LU – 12 anos)

ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO

Dou o meu consentimento para que a gravação da minha fala seja utilizada em trabalho de pesquisa sociolingüística desenvolvido por Maria Alice Mota, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Minas Gerais.

Local: _____

Data: _____

Assinatura: _____

ANEXO B

NORMAS DE TRANSCRIÇÃO DE TEXTO FALADO*

Tipo de fenômeno	Sinal gráfico	Exemplos
1. pausas e interrupções pausa curta pausa longa	+ ----	
2. dúvida quanto à palavra	< >	
3. cruzamento de vozes	sublinhar	
4. pergunta	?	
5. exclamação	!	
6. final de enunciado	.	
7. alongamento de vogal	::	Co::mo gostava
8. silabação	Hífen	Ca-mi-nha-da
9. repetições	Duplicar letras ou sílabas repetidas	E ele foi para a casa de de Carlos
10. palavra incompleta	[]	Ele comprou um [carr] uma bicicleta

11. comentários do transcritor	()	Ele gosta de mim (risos)
12. palavra ou trecho ininteligível	{ }	Maria queria comprar {inint}
13. Manter os apagamentos	0	me0mo (mesmo sem s)
14. Ausência de concordância	0	As casa0 bonita0 Eles brinca0 Eles cantaru
15. Manter itens que fazem parte da fala coloquial		aí, num, cum, invés, ni etc.
16. Manter segmentos epentéticos		Luys, fays, cawso, avoar
17. Manter apagamentos de sílaba		tava, tá,

* Quadro adaptado de: HORA, Derneval; PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro (Org.). *Projeto variação lingüística no Estado da Paraíba: (VALP)*. João Pessoa: Idéia, 2001. v. 1, p. 9-10.

ANEXO C

OS CURRAIS DO GADO DO SÃO FRANCISCO E SEUS AFLUENTES

